



APA Mananciais Rio Paraíba do Sul – Trecho Paulista



APA

Mananciais Rio Paraíba do Sul

TRECHO PAULISTA DOS MANANCIAIS DO RIO PARAÍBA DO SUL



Cercada pelas montanhas da Serra da Mantiqueira e Serra do Mar, a paisagem do Vale do Paraíba Paulista sofreu intensas transformações ao longo da história, com perda significativa da cobertura florestal, de biodiversidade e de serviços ecossistêmicos e, consequentemente, uma maior vulnerabilidade às mudanças climáticas.

Em 1982 foi criada a Área de Proteção Ambiental - APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul como medida de recuperação e proteção ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. Na porção Paulista a Unidade de Conservação protege mananciais de abastecimento público e o entorno das Represas de Paraibuna, Santa Branca e Jaguari, totalizando mais de 300.000 hectares.

Os fragmentos florestais remanescentes nessa região ainda abrigam exemplares únicos da Mata Atlântica e são fundamentais para a manutenção de sua rica biodiversidade.

Com esta publicação, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio convida você a observar e conhecer parte dessa rica biodiversidade.

Conhecer para conservar.

Este livro foi elaborado como parte do Programa de Educação Ambiental da Linha de Transmissão 500 kv Fernão Dias - Terminal Rio II da TSM-Transmissora da Serra da Mantiqueira S.A.

Patrocínio



Realização



Mapa ilustrado da região Paulista da APA do Rio Paraíba do Sul



Fotos das capas

**Vista do Vale do Paraíba
Rio Paraíba
Pica-pau-de-cabeça-amarela
Pingo d’Ouro**
Créditos: Roberto Torrubia

**Muriqui-do-sul
Jaguarica**
Créditos: Geiser Trivelatto

Surubim-paraiba
Créditos: Guilherme Souza

Cágado-de-hogei
Créditos: Rafael Martins Valadão

Sagui-da-serra-escuro
Créditos: Norton Santos

Bicudinho-do-brejo-paulista
Créditos: Marco Cruz

Sanã-vermelha
Créditos: Mateus Pedrosa Ramos Torrubia

Lobo-guara
Créditos: Whaldener Endo

Ilustração
Créditos: Roberto Torrubia

Área de Proteção Ambiental - APA

MANANCIAIS DO RIO PARAÍBA DO SUL TRECHO PAULISTA DA BACIA



Biodiversidade e Recursos Hídricos
Vale do Paraíba Paulista

Conhecer para conservar



APA PARAÍBA DO SUL

Editor

Roberto Torrubia

Coordenação

Leticia Domingues Brandão
Analista ambiental - Chefe do
ICMBIO Rio Paraíba do Sul
Fernando Regis de Siqueira
Analista ambiental ICMBIO

Textos

ICMBIO/APA PARAÍBA DO SUL
ICMBIO/CEPTA
ICMBIO/CENAP
ICMBIO/CPB
ICMBIO/CEMAVE
ICMBIO/RAN

Revisão Guia das Aves

Geiser Trivelatto
Marco Cruz

Diagramação

Guilherme Talala
Roberto Torrubia

Ilustrações

Roberto Torrubia

Colaboradores

Projeto Piabanha

Publicação

Dica de Turismo Publicações

Patrocínio

Alupar

Fotos

André S. Prietsch
Daniel Barbare
Duco Birdwatching
Flávio Bockmann
Francielly da Silva Reis
Geiser Trivelatto
Guilherme Souza
José Birindelli
Karina Theodoro Molina
Karoline Zamluti
Hector Bottai
Hudson Martins
Leticia Almeida Moura
Leonardo Casadei
Lilian Bonjorne de Almeida
Lucas Aosf
Luciane Dutra Coletti
Luiz Ribenboim
Luzete Amaral
Maicon Pereira
Marcelo Indinho
Marco Cruz
Mariana Pauletti Lorenzo
Mateus Pedrosa R. Torrubia
Norton Marcus V. dos Santos
Paulo Rodrigues Dias
Priscila Maria Pereira
Renan Lieto Alves Ribeiro
Ricardo M. C. Castro
Rafael Fortes
Rafael Martins Valadão
Rafael Moreira (Rafinha)
Roberto Torrubia
Ruan Trivelato
Tamiris Pereira Lima
Tiago Casarim Pessali
Thiago Carneiro
Vinicius Alberici
Vitor Guniel Cunha
Wagner Rafael Lacerda
Wagner Souza Loureiro
Whaldener Endo
Willian Roberto Godoy
Silvia Linhares





Índice

Agradecimentos.....	04
A Área de Proteção Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul.....	06
Rio Paraíba do Sul.....	08
Área de Proteção Ambiental.....	10
Mananciais.....	12
Mapa.....	14
Instituto Chico Mendes	19
CEPTA.....	20
RAN.....	30
CENAP.....	44
CPB.....	60
CEMAVE.....	80
Guia de aves.....	82
Índice nome comum de aves.....	328
Índice nome científico de aves.....	331
Índice de famílias.....	334

AGRADECIMENTOS

Este livro foi elaborado graças a colaboração dos analistas ambientais pesquisadores dos Centros de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade do ICMBIO e dos analistas ambientais lotados na APA Mananciais do rio Paraíba do Sul/ICMBIO, que tem se dedicado a conhecer o processo de criação desta que é a primeira Unidade de Conservação da categoria Área de Proteção Ambiental – APA do Brasil. Este trabalho, que denominamos “arqueologia cartográfica”, trata do resgate de informações sobre a Unidade de Conservação em arquivos de Instituições paulistas e fluminenses, em conversas com pessoas da época envolvidas com o projeto do Macrozoneamento da Bacia Hidrográfica do rio Paraíba do Sul, levantando informações históricas e atuais sobre os mananciais de abastecimento público abrangidos pela APA Mananciais do rio Paraíba do Sul, a fundamentação de seu decreto de criação junto com o reconhecimento desse belíssimo trabalho pioneiro e visionário voltado para a proteção e o ordenamento territorial da bacia.



Esperamos que este livro possa despertar a presente e futura geração para a importância de se conhecer para conservar a biodiversidade e apoiar as Unidades de Conservação, no caso da APA Mananciais do rio Paraíba do Sul na sua nobre missão de garantir a proteção dos mananciais de abastecimento público e sua biodiversidade.

Muito se perdeu desde que os primeiros colonizadores chegaram por estas terras mas ainda há tempo de se recuperar grande parte das matas ciliares, proteger nossos mananciais e conservar nossa biodiversidade. O Brasil é considerado um país megadiverso e grande parte das espécies da fauna de nossa região está em risco de extinção. Façamos a nossa parte, sejamos cidadãos conscientes, orgulhosos e defensores de nossa biodiversidade.

Pela edição e publicação deste livro, agradecemos o apoio da Alupar, empresa com atuação no setor energético do país, mais especificamente nos segmentos de transmissão e geração de energia. A Alupar, além de ações desenvolvidas nos programas de licenciamento, como conservação da biodiversidade, restauração florestal e compensações ambientais revertidas à manutenção da Unidades de Conservação, patrocinou este livro como parte do Programa de Educação Ambiental do empreendimento Linhas de Transmissão Fernão Dias – Terminal

Rio II. Agradecemos ainda o apoio talentoso de Roberto Torrubia na produção criativa deste livro e a Guilherme Talala.

Um agradecimento especial aos analistas ambientais que se dedicaram a elaboração dos textos, nossos colegas: Carla Polaz (CEPTA) e Prof. Ricardo M.C. Castro pelo seu vasto conhecimento e entusiasmo, Rafael M. Valadão (RAN), Lilian Bonjorne (CENAP), Leandro Jerusalinsky e aos bolsistas Gabriela Ludwig e Vinicius Alberici Roberto (CPB) e a Andrei Roos (CEMAVE). Aos analistas ambientais da APA Paraíba do Sul, Fernando Regis de Siqueira pelo envolvimento em todo processo de implementação da Unidade e conhecimento em Geo que permitiram a confecção do lindo mapa da UC que acompanha este livro e a Eduardo M. Bica De Barcellos, pelo texto de restauração e a Paulo Wandernelson da Cunha (INPE) pela disponibilidade da imagem utilizada no mapa de localização da UC.”

Com muita alegria, faço as minhas saudações de agradecimento a todo o esforço e dedicação empreendido.

Leticia Domingues Brandão
Analista Ambiental
Chefe do Núcleo de Gestão Integrada - NGI
ICMBIO Rio Paraíba do Sul

Equipe do NGI/APA Mananciais do rio Paraíba do Sul

Branca Tresoldi Pires
Eduardo Bica De Barcellos
Érica de Oliveira Coutinho
Fernando Regis de Siqueira
Maria Alice Corrêa Tocantins

A ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARAIBA DO SUL

A bacia hidrográfica como elemento central dos acontecimentos e consequentemente dos estudos e planejamento ambientais é hoje um conceito arraigado entre os responsáveis pelo gerenciamento do espaço físico geograficamente essencial. Definida por sua topografia e em decorrência de por onde correm suas águas são nelas que se pode verificar as principais ocorrências e interações físicas de um ecossistema. Um espaço geográfico fechado que interage entre seus elementos, especialmente por determinação de suas águas.

Existem bacias hidrográficas, ou mesmo sub-bacias, de variadas dimensões e importância. No Brasil nenhuma é mais relevante para sua população do que a bacia do rio Paraíba do sul. Situada no centro do território definido por um triângulo cujos vértices são as três mais importantes metrópoles do país, detém uma quantidade de predados e de problemas como nenhuma outra.

Lócus de paisagens belíssimas, abrigo de espécies endêmicas ameaçadas, entre elas o miqui, o mais carismático de nossos primatas, é também detentora de problemas de poluição de suas águas, erosão do solo, sobrepastoreio e outras mazelas. A calha da depressão por onde corre o rio Paraíba é composta ao norte pela imponente serra da Mantiqueira e ao sul pelos contrafortes da serra do Mar, que atinge grandes altitudes na parte onde recebe a designação de serra da Bocaina. Esse semi tubo cria condições peculiares de precipitação atmosférica ao mesmo tempo em que “represa” correntes de ar, interferindo na circulação dos ventos.

Historicamente o Vale do Paraíba do Sul é área antropologicamente ocupada há milênios. Próxima do mar, mas topograficamente alteada na maior parte de sua extensão, sempre manteve relação com populações praianas. Foi por aí que se criou o caminho para o ouro das Gerais que transformou o Brasil em província de importância planetária. Historicamente é região prenhe de predados.

No século XIX o cultivo do café se assenhorou de todos os terrenos que pode dessa bacia hidrográfica tornando-a instantaneamente na região mais rica do país. Assim foram derrubadas suas matas riquíssimas de forma inconsequente, sem respeito às condições topográficas e método cuidadoso de plantio. Antes de terminar esse século suas terras cansadas levaram toda essa região a uma decadência também vertiginosa. O vale do Paraíba do Sul se transformou no exemplo brasileiro mais eloquente de uso não sustentável do território produzindo o que Monteiro Lobato, um de seus mais ilustres filhos, chamou de cidades mortas.

“Toda a seiva foi bebida e, sob forma de grão, ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão”.

Monteiro Lobato em “Cidades Mortas”

Esse imenso caldeirão estava fadado a muitos outros acontecimentos. Foi nessa bacia hidrográfica, nos altos da serra do Itatiaia, que se criou o primeiro Parque Nacional de nosso país, em 1937. Também em seu território, dada sua importância, que se implantou a primeira das Áreas de Proteção Ambientais - APA brasileiras, em 1982. Uma Área de Proteção Ambiental é um importante instrumento de planejamento do território. Regulamenta o uso do solo para proteger seus recursos hídricos e bióticos sem que se desapropriem as terras que abrange. Estimulando o desenvolvimento sustentável de toda sua área. A APA da bacia do rio Paraíba do Sul é formada por vários setores que preservam, especialmente as cabeceiras dos muitos rios que descem das montanhas que abraçam o vale, buscando dar segurança hídrica para toda a população que depende de suas águas. Para tanto, tem de proteger também a vegetação nativa dessas nascentes formando corredores ecológico no alto das serras essenciais para se garantir a fauna e a flora silvestre.

A criação das Áreas de Proteção Ambiental foi regulamentada por lei de 1981, de iniciativa do Dr. Paulo Nogueira-Neto o primeiro de nossos Administradores Federais do Meio Ambiente. Até então não existiam no Brasil áreas protegidas de desenvolvimento sustentável. Hoje estão abrigadas numa importante lei chamada “Sistema Nacional de Unidades de Conservação”, aprovada no ano 2000. Esta APA da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul contou com a iniciativa de dois valorosos funcionários que trabalharam em seu planejamento, Rosa Cristina Itapema Cardoso e Carlos Nelson. Ela margeia ou se sobrepõe a outras áreas protegidas cruciais; os Parque Estadual da Serra do Mar, a APA da Serra da Mantiqueira, o Parque Nacional do Itatiaia e várias outras protegidas desde a década de 1990 pela Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, gerida pela UNESCO, formando um bloco essencial à proteção e restauração da natureza e à saúde das futuras populações dos três Estados que abrange.

Zé Pedro de Oliveira Costa
Pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da
Universidade de São Paulo

RIO PARAÍBA DO SUL VALE DO PARAÍBA PAULISTA



Rio Paraíba do Sul. Foto: Roberto Torrubia.

Hesitando entre ir a São Paulo ou ao Rio de Janeiro, o **rio Paraíba do Sul** nasce no município de Areias/SP, em meio aos campos de altitude da majestosa Serra da Bocaina, muito próximo da divisa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Com identidade de rio Paraitinga, segue seu caminho rumo oeste em direção à cidade de São Paulo, ganhando volume em corredeiras escondidas nos vales do labirinto de mar de morros do Planalto Atlântico, nos contrafortes da Serra do Mar.

Segue por entre essas paisagens únicas até encontrar seu “irmão”, o rio Paraibuna, que soma-se a ele no lago do principal reservatório de água do sistema hidráulico de toda a Bacia, a Represa de Paraibuna. Após este encontro, adquire sua própria identidade, e passa a se chamar **rio Paraíba do Sul**.

Garantindo o suprimento de água para todo o Vale do Paraíba Paulista, suas águas seguem para a Represa de Santa Branca a caminho de Guararema/SP, Região Metropolitana de São Paulo.

Até esta região, as águas do Paraíba do Sul percorrem relevos acidentados em calmas paisagens rurais entremeadas com florestas de Mata Atlântica, refúgio da rica diversidade de flora e fauna nativa que, segundo Saint-Hilaire, seriam as mais diversas que ele encontrou em todas as suas viagens pela Mata Atlântica, no início do séc XIX. Mesmo após os diversos ciclos econômicos da história do Brasil, que contribuíram para a degradação das florestas e deterioração das águas do **rio Paraíba do Sul**, a região ainda abriga exuberantes florestas.

Após passar pelas turbinas das Usinas Hidrelétricas (UHE) de Paraibuna e de Santa Branca, próximo à Metrópole Paulista, o **rio Paraíba do Sul** caprichosamente faz uma curva tomando o sentido contrário e passa a

seguir em direção ao Rio de Janeiro. Este retorno ganhou a alcunha de “cotovelo de Guararema”.

Na altura da cidade de São José dos Campos/SP, recebe importante afluente à sua margem esquerda, o rio Jaguari, incrementando significativamente seu volume. Neste afluente está a represa da UHE Jaguari, local de onde é realizada a transposição de águas da bacia do Paraíba do Sul para o Sistema Cantareira, contribuindo para o abastecimento da Região Metropolitana de São Paulo.

Agora, rumo a leste, o **rio Paraíba do Sul** atravessa relevos suaves, largas planícies de inundação e terraços, os quais preenchia anualmente com a cheia de suas águas, até a década de 70, quando a construção das represas de Paraibuna, Santa Branca e Jaguari regularizaram sua vazão amansando a potência do seu pulso de inundação. Ao controlar as cheias, regularizando sua vazão de água, as Represas acabaram por impactar os ecossistemas de várzeas e banhados associados ao leito do Paraíba do Sul.

Sentido Rio de Janeiro, paralelo a Rodovia Presidente Dutra (BR 116), suas águas passam a percorrer paisagens urbanas e industriais do eixo Rio-São Paulo. Neste trecho as alterações humanas no **rio Paraíba do Sul** passam a ser ainda mais significativas, impactando a qualidade de suas águas.

Se antes suas águas eram os caminhos dos povos, a fonte de alimentos e objeto da atenção cotidiana das pessoas, na modernidade, com a acelerada urbanização e novos sistemas produtivos, as cidades se voltaram aos novos meios de transporte, inicialmente a ferrovia, sendo sucedida pela moderna malha rodoviária que se tornou o principal agente estruturador dos processos na paisagem.

De costas para o Rio, nesta recente modernidade, as cidades próximas a BR 116 passaram a contemplar o novo eixo de desenvolvimento. Outras cidades, localizadas no caminho antigo dos tropeiros, perderam protagonismo econômico.

Generoso, o **rio Paraíba do Sul** segue fluindo suas águas, garantindo o abastecimento das populações humanas e de seus processos produtivos, gerando energia, proporcionando lazer, encantadoras paisagens e sendo fonte de vida

Cabe a sociedade voltar a observar, conhecer e cuidar de suas águas e de sua biodiversidade. Esta nova jornada do **rio Paraíba do Sul** já começou com o tratamento de grande parte dos resíduos lançados em suas águas e o maior controle da sociedade, através dos órgãos ambientais e a atuação dos comitês de bacias hidrográficas.

Esta nova jornada é objetivo do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, por meio da Unidade de Conservação da Natureza, Área de Proteção Ambiental (APA) dos Mananciais do **rio Paraíba do Sul**.

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL - APA DOS MANANCIAIS DO RIO PARAÍBA DO SUL HISTÓRICO DE CRIAÇÃO

A Área de Proteção Ambiental – APA é uma categoria de Unidade de Conservação de Uso Sustentável, criada através da Leiº 6.902/1981 e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. As APAs são importantes instrumentos de planejamento regional.

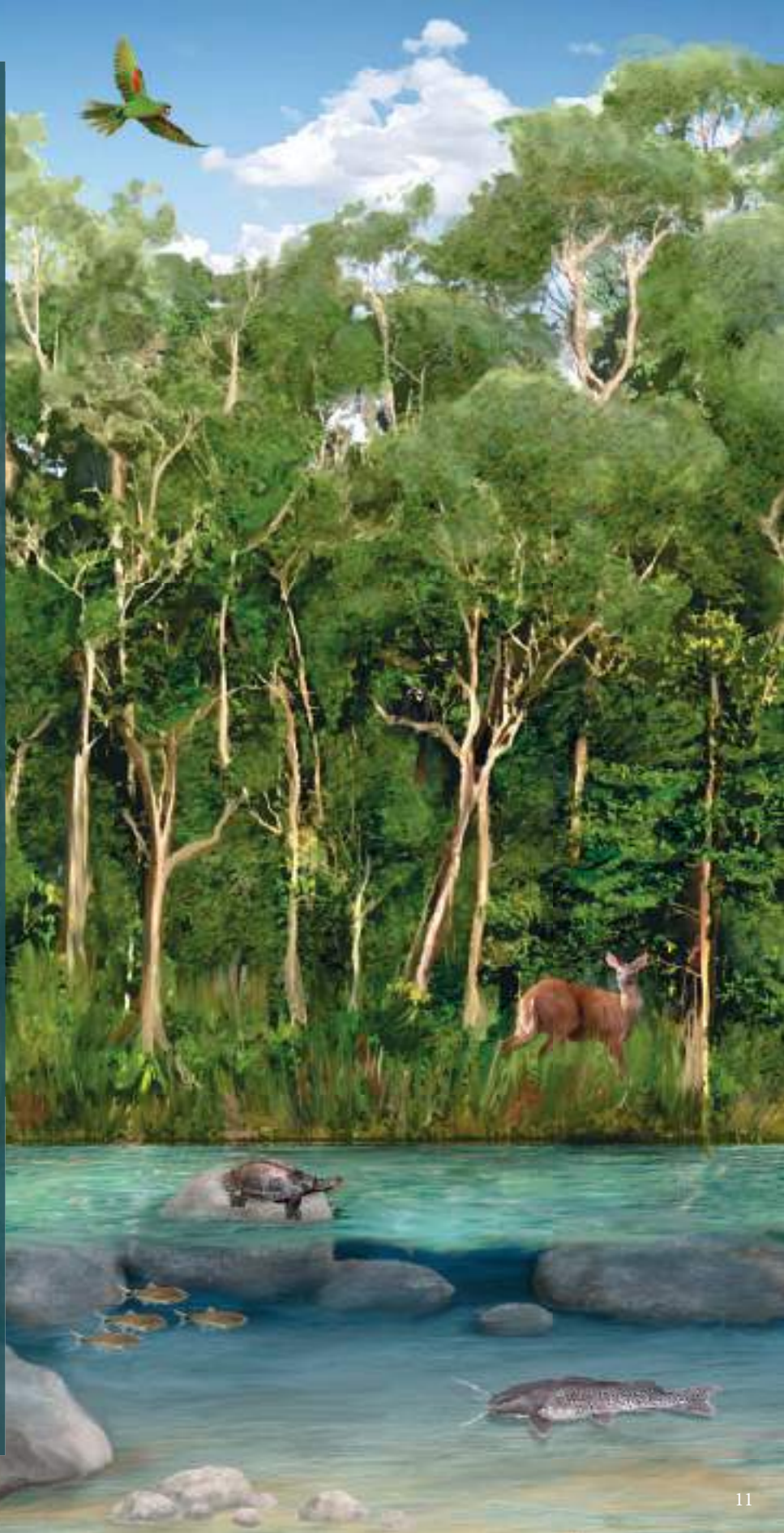
O início da década de 80 representou um marco histórico na criação das Unidades de Conservação no país. A Área de Proteção Ambiental – APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul, primeira APA federal do país, foi criada através do Decreto 87.561 em 13 de setembro de 1982, como forma de institucionalizar os resultados dos estudos pioneiros do Projeto - Macrozoneamento da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul ocorrido entre 1979 a 1980, denominado Projeto Gerencial CEEIVAP – 0003-EX/80-A, considerado como primeiro projeto de zoneamento territorial no país utilizando a bacia hidrográfica como instrumento de ordenamento.

O macrozoneamento da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, além de mapear os diversos usos da bacia, identificou as áreas de proteção de mananciais superficiais de abastecimento público urbano. As bacias de drenagem localizadas à montante dos pontos de captação de água utilizados à época, foram identificados, mapeados e decretados como Área de Proteção Ambiental. Por esta razão, a Unidade de Conservação APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul – APA MRPS é descontínua e distribuída em sub-bacias e entorno de Represas ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul.

A APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul no território paulista possui cerca de 327.800,46 mil hectares distribuídos em 23 municípios, abrangendo de forma descontínua sub-bacias a montante dos pontos de captação de água para abastecimento público e entorno de represas no Vale do Paraíba paulista.

Municípios que compõe a APA MRPS no vale do paraíba paulista:

Areias, Arujá, Bananal, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Guaratinguetá, Guarulhos, Igaratá, Jacareí, Jambuí, Lavrinhas, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraíba do Sul, Piquete, Queluz, Redenção da Serra, Santa Branca, Santa Isabel, São José do Barreiro, São José dos Campos, Silveiras, Taubaté.



MANANCIAIS QUE COMPÕEM A APA DOS MRPS

A bacia do Paraíba do Sul drena uma das regiões mais desenvolvidas do país, abrangendo parte do Estado de São Paulo, na região conhecida como Vale do Paraíba Paulista, parte do Estado de Minas Gerais, denominada Zona da Mata Mineira, e metade do Estado do Rio de Janeiro. Em toda essa extensão há 180 municípios, 36 dos quais estão parcialmente inseridos na bacia.

A Bacia possui área de drenagem de cerca de 55.500 km² distribuída pelos estados de São Paulo (13.900 km²), Rio de Janeiro (20.900 km²) e Minas Gerais (20.700 km²). O comprimento do rio Paraíba do Sul, calculado a partir da nascente do rio Paraitinga, é de mais de 1.100 km.

A vazão das águas na Bacia é determinada através da operação de um complexo sistema de infraestrutura hídrica (represas, estações elevatórias, túneis, canais e transposições), inicialmente concebido para geração de energia elétrica e controle de cheias, e depois adaptado para o atendimento dos usos múltiplos da bacia.

A transposição de águas da bacia do rio Paraíba do Sul ao rio Guandu, a mais de meio século gera energia elétrica e abastece de água a região metropolitana do Rio de Janeiro. Na altura de Barra do Pirai, quase 2 terços (63%) da vazão do rio Paraíba do Sul é desviada para o Sistema Guandu (119m³/s). Hoje, 83% da população desta Metrópole (ou 9 milhões de pessoas) dependem deste manancial.

Mais recentemente, após a crise hídrica de 2014/2015, as águas da bacia do rio Paraíba do Sul (represa Jaguari) passaram a contribuir no abastecimento da região metropolitana de São Paulo, por meio da transposição ao Sistema Cantareira (represa Atibainha, Bacias PCJ), responsável pelo abastecimento de aproximadamente 8,8 milhões de pessoas da Grande São Paulo.

Além de fundamental para o abastecimento das duas maiores metrópoles do País, as águas da Bacia atendem as atividades econômicas e abastecem uma população de cerca de sete milhões de pessoas (6.775.552 habitantes), dos quais 34,1% no estado de São Paulo, 23,2% em Minas Gerais e 42,7% no estado do Rio de Janeiro.



Foto: Arquivo Prefeitura Municipal de Paraibuna

TABELA I - LISTA DE MANANCIAIS PRESENTES NA APA PARAÍBA DO SUL

MANANCIAIS PRESENTES NA APA PARAÍBA DO SUL			
Nº no Mapa	Manancial Área (hectares)	Municípios (SP)	Pontos de captação de água
1	Reservatório do rio Jaguari (72.236 ha)	Guarulhos, Arujá, Santa Isabel, Igaratá, Jacareí e São José dos Campos	Santa Isabel, Igaratá e contribui com o Sistema Cantareira (transposição)
2	Rio do Peixe e Buquira (53.069 ha)	São José dos Campos e Monteiro Lobato	Monteiro Lobato e o Distrito de São Francisco Xavier (São José dos Campos)
3	Ribeirão dos Putins e Vidoca (5.983 ha)	São José dos Campos	CTA – Centro Tecnológico Aeroespacial
4	Reservatórios de Paraibuna e Santa Branca (80.506 ha)	Santa Branca, Jacareí, Jambeiro, Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra	Santa Branca, Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra (Principal armazenamento de água da Bacia)
5	Rio Una (36.106 ha)	Taubaté	Taubaté e Tremembé
6	Rio Guaratinguetá (12.622 ha)	Guaratinguetá	Guaratinguetá
7	Ribeirão dos Lemes (1.106 ha)	Guaratinguetá	Guaratinguetá
8	Ribeirões Prata, Coura e Cristo (807 ha)	Piquete	Piquete
9	Rio Batedor e Passa Vinte (3.880 ha)	Cruzeiro	Cruzeiro
10	Rio Bocaína e Córrego Fundo (27.671 ha)	Cachoeira Paulista e Silveiras	Cachoeira Paulista e Silveiras
11	Rio do Braço (2.257 ha)	Lavrinhas	Lavrinhas e Cruzeiro
12	Rio Entupido (980 ha)	Queluz	Queluz
13	Ribeirão Vermelho (3.611 ha)	Areias	Areias
14	Córrego Água Santa (413 ha)	São José do Barreiro	Inativo
15	Rio Bananal (6.262 ha)	Bananal	Bananal

Mapa da Área de Proteção Ambiental - APA

MANANCIAS DO RIO PARAIBA DO SUL “TRECHO PAULISTA”



PRECISAMOS RESTAURAR O RIO PARAÍBA DO SUL

A bacia do rio Paraíba do Sul tem uma longa história de ciclos econômicos que remonta aos anos 1500, passou por grandes ciclos como os cultivos de cana-de-açúcar e do café e pela exploração de minerais, testemunhando os avanços dos Bandeirantes sobre o interior do Brasil, em busca de ouro, prata e diamante. Posteriormente, com a prevalência da pecuária moldando a paisagem, a região tornou-se uma das mais industrializadas do país, com grande densidade de infraestrutura implantada, o que levou a uma perda significativa de biodiversidade e de serviços ecossistêmicos e, conseqüentemente, a uma maior vulnerabilidade às mudanças climáticas.

É urgente cessar o desmatamento, no entanto, os cientistas mais destacados concordam que somente isso já não basta. É necessário também restaurar ecossistemas, promovendo o aumento de sua resiliência frente as mudanças que virão, investindo na manutenção da homeostase climática e na prevenção de desastres naturais, considerando a previsão de aumento de eventos extremos, eventos estes, que vem causando muitos prejuízos ano a ano no Brasil, sobretudo nos domínios da Mata Atlântica.

A seca prolongada na região Sudeste, entre os anos de 2014 a 2017, encontrou ecossistemas degradados e resultou em uma grave crise hídrica. Como solução emergencial, efetivou-se a transposição de águas da bacia do rio Paraíba do Sul para o sistema Cantareira, que abastece a região metropolitana de São Paulo, registrando os menores valores de sua história neste período. Neste contexto, a conservação e recuperação ambiental da bacia do rio Paraíba do Sul – que já tinha 70% de suas águas transpostas para o sistema do rio Guandu (que garante o abastecimento da região metropolitana do Rio de Janeiro, atendendo cerca de 9 milhões de habitantes) - passou a ser ainda mais premente.

Considerando a importância estratégica dos recursos hídricos nela encontrados, sua posição geográfica central no bioma Atlântico - entre Rio de Janeiro e São Paulo, as duas maiores cidades do país - é fundamental a implementação de medidas efetivas para a conservação e restauração dos ecossistemas da bacia do rio Paraíba do Sul.

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou em 2019 a Década da Restauração de Ecossistemas, que vai de 2021 a 2030, um chamado conclamando para a proteção e recuperação de milhões de hectares de ecossistemas ao redor do mundo. A restauração visa promover a redução da perda de biodiversidade, melhorar os serviços ecossistêmicos, incrementar o sequestro de carbono e a regulação da água, além de fornecer habitat para espécies ameaçadas.

A bacia do rio Paraíba do Sul é um foco de iniciativas de restauração florestal, com diversas iniciativas em desenvolvimento. Nesse contexto, a APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul tem um papel importante na conservação e restauração dos ecossistemas da região. Pois, além de fiscalizar empreendimentos e a implantação de atividades, a APA pode incentivar boas práticas de uso da terra, apoiar e coordenar esforços para o manejo e conservação da água, para o reflorestamento, conservação da biodiversidade e reintrodução de espécies ameaçadas.



Foto: Roberto Torrubia



Foto: Roberto Torrubia

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBIO

O ICMBIO, criado em 28 de agosto de 2007, vinculado ao Ministério de Meio Ambiente – MMA é responsável por gerir, proteger, monitorar e fiscalizar parte do território brasileiro, chamada de Unidades de Conservação (UCs), são 168 milhões de hectares de UCs federais distribuídas em Unidade de Conservação de Proteção Integral e Unidade de Conservação de Uso Sustentável. São mais de 2 mil Unidades de Conservação a nível federal, estadual e municipal, que compõe o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC (Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000), abrangendo 18% do território continental e 26% do território marinho em áreas protegidas.

O ICMBIO tem como missão “formular e implementar políticas públicas ambientais visando proteger o ambiente e promover o desenvolvimento socioeconômico sustentável”. Isso se dá por meio da gestão de Unidades de Conservação federais, da promoção do desenvolvimento socioambiental das comunidades tradicionais, da educação ambiental, da pesquisa e gestão do conhecimento. A Área de Proteção Ambiental – APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul é uma das Unidades de Conservação federal sob a administração do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBIO.

Além da gestão das Unidades de Conservação, o ICMBIO possui ainda 14 Centros de Pesquisa e Conservação, aos quais compete produzir, por meio da pesquisa científica, o conhecimento necessário à conservação da biodiversidade, do patrimônio espeleológico e da sociobiodiversidade associada a povos e comunidades tradicionais. Outra atuação dos Centros, consiste na execução das ações de manejo para a conservação, a recuperação das espécies ameaçadas de extinção e a avaliação do estado de conservação da biodiversidade.

Uma das formas de alcançar esses objetivos é através da elaboração dos Planos de Ação Nacional para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção – PAN, um instrumento de gestão, construído de forma participativa para o ordenamento e a priorização de ações para a conservação da biodiversidade e seus ambientes naturais.

Os planos de ação buscam identificar, a partir das ameaças que coloquem em risco as espécies, quais instrumentos de gestão devem ser orientados ou otimizados, visando um efeito benéfico direto. Suas ações abrangem de forma objetiva a interferência em políticas públicas, o desenvolvimento de conhecimentos específicos, a sensibilização de comunidades e o controle da ação humana para combater as ameaças que põe as espécies ameaçadas em risco de extinção.

O PAN é implementado de forma conjunta entre o ICMBio, organizações governamentais e não governamentais, sociedade civil organizada, setor privado, especialistas, representantes de povos e comunidades tradicionais e pessoas físicas.

Os Centros de Pesquisa e Conservação com atuação na APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul, são: Centro de Biodiversidade Aquática Continental - **Cepta**, Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios - **RAN**, Centro de Mamíferos Carnívoros - **Cenap**, Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros - **CPB** e o Centro de Aves Silvestres - **Cemave**.



Foto:Arquivo do CEPTA.

O ICMBio/CEPTA é o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Aquática Continental com especialidade em peixes continentais não-amazônicos. Dentre as principais atribuições do Centro estão a avaliação de risco de extinção de boa parte dos peixes de água doce do Brasil, a coordenação e implementação de Planos de Ação Nacional (PAN) e a participação no monitoramento da biodiversidade em Unidades de Conservação com foco nos ambientes aquáticos.

A equipe do ICMBio/CEPTA coordena atualmente seis Planos de Ação, sendo que três deles são importantes para a APA Mananciais da Bacia do Rio Paraíba do Sul: 1) o PAN Paraíba do Sul – Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Aquáticas Ameaçadas de Extinção da Bacia do Rio Paraíba do Sul (disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan/pan-paraiba-do-sul>); 2) o PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica – Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Peixes e Eglas da Mata Atlântica (disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan-peixes-e-eglas-da-ma>) e 3) o PAN Rivulídeos – Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Peixes Rivulídeos Ameaçados de Extinção (disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan-rivulideos>).

Como sabemos, a bacia do rio Paraíba do Sul está completamente contida no bioma Mata Atlântica. Apesar disso, dada a sua importância histórica, econômica e social ao abranger os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, em regiões das mais desenvolvidas do país, temos um PAN específico para a fauna aquática desta bacia. Por isso, as espécies ameaçadas que trataremos aqui estão contempladas no PAN Paraíba do Sul.

O PAN Paraíba do Sul foi criado em 2010 e é o primeiro Plano de Ação do país feito para uma bacia hidrográfica. Depois dele, outros se seguiram; hoje, é mais comum percebermos as bacias hidrográficas como unidades de planejamento e gestão do território, mas nem sempre foi assim. Nesse PAN estão abrigadas 13 espécies de peixes de água doce

ameaçadas de extinção e todas elas – muito provavelmente - já ocorreram nos limites da APA, ainda que nos últimos anos os registros sejam escassos ou inexistentes.

Dentre as espécies que possivelmente viveram nos ambientes da APA e já foram alvo de pesca comercial estão o surubim-do-paraíba (*Steindachneridion parahybae* - Fig. 03), a pirapitinga-do-sul (*Brycon opalinus* - Fig. 04) e a piabanha (*Brycon insignis* - Fig. 05). No entanto, essas espécies não podem mais ser pescadas, pois suas populações declinaram tanto a ponto de ser muito difícil manter pescarias economicamente viáveis e ambientalmente sustentáveis. Nem só peixes grandes e de importância pesqueira ocorreram na APA, mas também peixes pequenos de riachos, como o cascudinho-piririca (*Hemipsilichthys gobio* - Fig. 01) e o bagrinho-listrado (*Taunayia bifasciata* - Fig. 02), que mal são conhecidos pela população que reside perto ou no território da APA.



Figura 01: Um exemplar do cascudinho *Hemipsilichthys gobio*. Crédito: José Birindelli.



Figura 02: Um exemplar do bagrinho *Taunayia bifasciata*. Crédito: Flávio Bockmann.

Conhecer essas espécies é o primeiro passo rumo à conservação e proteção dessa incrível biodiversidade de peixes que temos não só na APA, mas no nosso país, que concentra a maior riqueza de peixes de água doce do mundo! Aproveite este guia para conhecer os peixes que vivem pertinho de você!

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

A seguir, iremos falar um pouco mais sobre as três espécies ameaçadas de extinção de interesse para a pesca que mencionamos anteriormente: o surubim-do-paraíba, a pirapitinga-do-sul e a piabanha. Todas vivem na bacia do rio Paraíba do Sul e ocorrem ou ocorreram na APA e vamos contar algumas das suas principais características e curiosidades. Conhecer as espécies ameaçadas é também uma forma de protegê-las

Surubim-do-paraíba (*Steindachneridion parahybae*)



Figura 03: Um exemplar de surubim-do-paraíba *Steindachneridion parahybae*. Crédito: Guilherme Souza (Projeto Piabanha).

O surubim-do-paraíba (Fig. 03) é um bagre de porte médio a grande que pode chegar a mais de 60 cm de comprimento e pesar até 8 kg. Esse peixe só existe na bacia do rio Paraíba do Sul, por isso dizemos que ele é endêmico. Ele se alimenta principalmente de peixes e de larvas grandes de insetos aquáticos, e se acreditava que era uma espécie migradora. No entanto, hoje sabemos que o surubim faz deslocamentos curtos para se alimentar à noite e vive associado a poções próximos de correntezas nos canais dos rios maiores ou mesmo em buracos nas pedras conhecidas como “marmitas”.

Na década de 1950, foi um peixe presente nas pescarias de toda a bacia do rio Paraíba do Sul, incluindo diversos municípios do estado de São Paulo, como Pindamonhangaba, Caçapava e São José dos Campos. De lá para cá, infelizmente, a sua população se reduziu bastante e hoje o surubim é considerado uma das espécies ameaçadas de extinção mais emblemáticas da bacia. Mesmo pescadores profissionais sequer sabem que a espécie existe!

Há um esforço muito grande de várias instituições governamentais e não-governamentais para salvar o surubim da extinção. Os principais trabalhos desenvolvidos têm a ver com tentativas de reintrodução do surubim em locais ainda ambientalmente bons onde ele não mais ocorre.

Pirapitinga-do-sul (*Brycon opalinus*)

A pirapitinga-do-sul (Fig. 04) pertence ao grupo das espécies do gênero *Brycon* (*Brycon opalinus*), que contém várias espécies emblemáticas para pescadores comerciais e esportivos - a piabanha (*Brycon insignis*), a piracanjuba (*Brycon orbignyanus*) e a piraputanga (*Brycon hilarii*), para citar alguns exemplos. A pirapitinga ocorre nos rios de cabeceira das bacias dos rios Paraíba do Sul, Doce e Itapemirim, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. São peixes com

hábito diurno e onívoro, que se torna cada vez mais herbívoro à medida que se desenvolvem, podendo chegar a pesar quase 10 kg, embora a maior parte dos exemplares que vive nos riachos de cabeceira seja de menor porte.



Figura 04: Um exemplar da pirapitinga *Brycon opalinus*. Crédito:Tiago Casarim Pessali.

A maior ameaça a essa espécie é a supressão da vegetação nativa principalmente nas margens dos rios e riachos, de onde vem os frutos, flores, sementes, além de insetos e aranhas dos quais ela se alimenta. Para salvar a pirapitinga da extinção, são necessários esforços de conservação para proteger e recuperar seus ambientes.

Piabanha (*Brycon insignis*)



Figura 05: Um exemplar da piabanha *Brycon insignis*. Crédito: Guilherme Souza (Projeto Piabanha).

Podemos brincar que a piabanha (*Brycon insignis* - Fig. 05) é uma “prima” da pirapitinga, pois pertence ao mesmo gênero, *Brycon*. Por esse motivo, as duas compartilham algumas características em comum, como serem peixes de hábito diurno e alimentação onívora, igual a nós, humanos. Como pode ser observado na foto, a piabanha apresenta algumas escamas avermelhadas na barriga, o que confere uma coloração bem bonita ao seu prateado.

A piabanha também foi um peixe de importância pesqueira no passado, como o surubim e a pirapitinga, até entrar na lista de espécies ameaçadas de extinção, ocasião em que as pescarias dessa espécie já haviam praticamente desaparecido no estado de São Paulo porque as suas populações estavam

muito reduzidas. É um peixe que precisa migrar ou “fazer a piracema” para se reproduzir e, por isso, os barramentos existentes nos rios impactam a sua situação de conservação.

Hoje, os indivíduos de piabanha que são encontrados na APA são fruto de repovoamento de muitos anos feito pela CESP - Companhia Energética de São Paulo, especialmente nos reservatórios de Paraibuna e Jaguari, como forma de compensação ambiental pela barragem da UHE Paraibuna. Piabanhas selvagens ainda são encontradas nas bacias dos rios Paraíba do Sul, São João e Imbé, no Rio de Janeiro. O Projeto Piabanha, uma ONG com sede em Itaocara/RJ, possui um banco genético da espécie e dá continuidade ao repovoamento com a participação da equipe do PAN Paraíba do Sul.

ESPÉCIES MAIS ABUNDANTES NA APA E NÃO AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

Felizmente, a maior parte das espécies de peixes de água doce do Brasil não está ameaçada de extinção. Elas fazem parte de uma categoria da IUCN chamada de LC (Least Concern), que significa “de menor preocupação” para a conservação, seja porque são amplamente distribuídas, seja porque são muito abundantes ou ainda porque não possuem ameaças atuando para reduzir as suas populações. Isso não quer dizer que essas espécies não sejam importantes: pelo contrário, precisamos protegê-las para que não se tornem ameaçadas num futuro próximo.

A Biologia organiza os seres vivos em um sistema de classificação taxonômica. Grosso modo, o Filo é o primeiro nível (mais inclusivo), seguido pela Classe, depois pela Ordem, Família, Gênero e Espécie. Quando pensamos em peixes de água doce, as Ordens mais comuns no Brasil são os *Characiformes*, representados pelos lambaris, piaus, curimatás e dourados, por exemplo, e os *Siluriformes*, com os peixes de couro e os cascudos sendo os principais representantes. Se adicionarmos mais a ordem das tuviras, sarapós ou peixes elétricos, que são os *Gymnotiformes*, e a ordem dos guaruzinhos e rivulídeos (já falamos sobre eles antes!), os *Cyprinodontiformes*, teremos cerca de 90% das espécies de peixes de água doce do país.

Em consulta feita a um dos bancos de dados de registros de peixes de água doce do ICMBio, constatamos que as espécies mais comuns na APA são praticamente todas de porte pequeno, com até 15 cm de comprimento, a maioria habitando riachos ou rios de tamanho menor, formadas por cascudinhos como *Neoplecostomus granosus* (Fig. 06), *Harttia carvalhoi* (Fig. 07) e *Hypostomus affinis* (Fig. 08); piabas e lambaris como *Oligosarcus hepsetus* e *Probolodus heterostomus*, os canivetinhos ou mocinhas *Characidium alipioi* e *Characidium lauroi* (Fig. 09), o peixe-elétrico *Gymnotus pantherinus* (Fig. 10) e o cará ou papa-terra *Geophagus brasiliensis* (Fig. 11), que é uma espécie encontrada com bastante frequência nos rios e riachos do Brasil.

Podemos citar algumas curiosidades interessantes sobre esses peixes: os cascudinhos, tais como *Neoplecostomus granosus* (Fig. 06), *Harttia carvalhoi*

(Fig. 07) e *Hypostomus affinis* (Fig. 08), recebem esse nome por terem seus corpos quase totalmente contidos em uma verdadeira armadura de placas ósseas de forma e tamanho variados, que não são escamas; as três espécies mencionadas possuem bocas com grandes lábios formando ventosas, que são usadas tanto para a fixação sobre rochas e galhos submersos quanto para raspar - usando quatro conjuntos de dentes longos, pequenos e delicados -, o limo (perífiton) que cobre rochas e demais objetos submersos, do qual esses cascudinhos se alimentam preferencialmente; *Neoplecostomus granosus* (Fig. 06) e *Harttia carvalhoi* (Fig. 07), como pode ser visto nas suas fotos, possuem corpos muito achatados e hidrodinâmicos, necessários para viver em locais de corredeiras fortes.



Figura 06: Um exemplar do gênero *Neoplecostomus*. Crédito: Ricardo M. C. Castro.



Figura 07: Um exemplar do gênero *Harttia*. Crédito: Ricardo M. C. Castro.



Figura 08: Um exemplar de *Hypostomus affinis*. Crédito: Ricardo M. C. Castro.

Os canivetinhos ou mocinhas (*Characidium alipioi* e *C. lauroi*) tem o corpo alongado, praticamente cilíndrico, com olhos bem desenvolvidos e uma boca bem pequena, levemente voltada para o fundo (Fig 09); mas, sua característica mais marcante é serem mais pesados que a água, passando a maior parte do tempo não nadando livremente, mas sim se deslocando intermitentemente sobre o leito dos riachos - incluindo rochas e galhos submersos maiores -, apoiados em suas nadadeiras pares

anteriores (peitorais) e posteriores (pélvicas), que são posicionadas como as patas de um lagarto - no início do ventre e horizontais. Durante esses deslocamentos, usando os olhos bem desenvolvidos, procuram e abocanham principalmente larvas aquáticas de insetos que vivem no perifíton (limo vivo) que cresce sobre rochas e galhos submersos. A combinação de um copo cilíndrico, hidrodinâmico e mais pesado do que a água, com as nadadeiras que funcionam como patinhas, permite que vivam em áreas de corredeira, protegidos de aves predadoras pela sua coloração em geral similar à do fundo.



Figura 09: Um exemplar do gênero *Characidium*. Crédito: Ricardo M. C. Castro.

O peixe-elétrico *Gymnotus pantherinus* (Fig. 10), também conhecido como sarapó ou tuvira, muito raramente é avistado em seu ambiente natural por duas razões principais interconectadas: tem hábitos totalmente noturnos, se orientando quase que exclusivamente pelo campo elétrico variável que produz constantemente. Como pode ser visto na Fig 10, possui olhos extremamente reduzidos e um corpo alongado, semi cilíndrico, com um longuíssima nadadeira correndo sob quase todo o comprimento do corpo. Os sarapós e tuviras do gênero *Gymnotus* são os parentes mais próximos dos poderosos poraquês (do gênero *Electrophorus*) amazônicos, que podem chegar a dois metros de comprimento e 20 kg de peso, podendo dar descargas elétricas de até cerca de 850 volts! Porém, todas as demais espécies de peixes elétricos brasileiros, incluindo *Gymnotus pantherinus*, não são capazes de produzir campos elétricos perceptíveis para nós humanos e, diferentemente dos poraquês, não usam suas descargas elétricas para atordoar ou matar presas (principalmente peixes menores). Os sarapós e tuviras usam seus campos elétricos principalmente para sua orientação espacial, uma vez que as linhas de força dos seus campos elétricos são modificadas diferencialmente ao cruzar com objetos submersos, dando a eles uma “visão elétrica” que só podemos imaginar como seja! Além disso, usam suas descargas elétricas para defender seus territórios de outros sarapós, e para corte das fêmeas por parte dos machos, numa espécie de “canto elétrico” que só eles mesmos podem escutar. Durante o dia se ocultam, inativos, na vegetação submersa e locas fundas nos barrancos também submersos, só saindo para se alimentar após o pôr-do-sol, utilizando sua “visão elétrica” para navegar sem problemas nas águas mais turvas e escuras que há. São bastante capturados e comercializados como iscas vivas para predadores maiores, tais como dourados, pintados e jaús.



Figura 10: Um exemplar de *Gymnotus pantherinus*. Crédito: Ricardo M. C. Castro.

Os carás ou papa-terras (*Geophagus brasiliensis* - Fig. 11), podem ultrapassar um pouco os 15 cm de comprimento e habitar lagos, açudes e rios maiores, sendo que mesmo nos riachos, invariavelmente preferem viver em poços e remansos de água mais parada. Nesses locais, a água mais parada permite que se deposite areia e cascalho no fundo, que os carás abocanham com suas bocas capazes de se projetar em direção ao fundo, criando uma forte sucção. Uma vez ingerido o material do fundo, são feitos movimentos muito sutis como de um “bochecho” e o material é expelido pela boca e pelas aberturas operculares, por onde também é expelida a água que entrou pela boca e passou pelas brânquias durante a respiração. Na cavidade bucofaringeana os carás conseguem separar do substrato larvas aquáticas de insetos, microcrustáceos, algas e detritos que ingerem e são seu alimento. Essa forma de alimentação peculiar deu aos carás o nome popular de papa-terra, por razões óbvias. Durante a reprodução, os casais que se formam adquirem uma lindíssima coloração dominada por marcas de cor azul iridescente no corpo e cabeça, sendo que os machos, além de maiores do que as fêmeas, apresentam um “calombo” na parte dorsal anterior da cabeça (gibosidade nupcial). Os casais formados escolhem um local no fundo e, usando suas bocas, escavam uma depressão circular rasa, onde os ovos são depositados e fecundados pelos machos. Esse ninho é ferozmente defendido pelo casal de outros peixes ou animais interessados em ingerir os seus ovos, até que nasçam os pequenos carás, que permanecem nadando como uma “nuvem” em volta dos pais super protetores até que sejam capazes de se virar sozinhos.



Figura 11: Um exemplar de *Geophagus brasiliensis*. Crédito: Ricardo M. C. Castro.

ESPÉCIES NÃO-NATIVAS OU EXÓTICAS

O peixe mais conhecido e consumido na Serra da Mantiqueira é possivelmente a truta. A primeira espécie de truta a ser introduzida no país foi a truta arco-íris (*Oncorhynchus mykiss*), originária do oeste dos

Estados Unidos. Introduzida inicialmente com fins de cultivo em pisciculturas, justamente em localidades da Serra da Mantiqueira, foi depois introduzida nos rios e riachos para aumentar o apelo da pesca esportiva. É uma espécie que precisa de águas muito limpas, claras e frias e, por sorte, ficou restrita às cabeceiras da bacia do rio Paraíba do Sul, uma vez que se ela se deslocar rio abaixo encontrará águas muito quentes para sua sobrevivência. Nas cidades de Campos do Jordão, Penedo, Visconde de Mauá e Monte Verde, por exemplo, as trutas são muito importantes na economia local, principalmente no cardápio de restaurantes.

Outras espécies não-nativas frequentemente encontradas são as tilápias (*Oreochromis niloticus* e *Coptodon rendalli*), originárias do continente africano, e os tucunarés (*Cichla kelberi* e *C. piquiti*), que vem das bacias amazônicas. Existem algumas espécies de tilápias e algumas espécies de tucunarés, mas todas elas são da família dos ciclídeos, um grupo de peixes muito adaptado a viver em águas mais paradas (lênticas), como os grandes lagos que existem na África. Por isso as tilápias e tucunarés se dão espetacularmente bem nas represas, reservatórios, açudes e lagoas, mesmo que esses ambientes estejam impactados!

Em termos ambientais, o impacto de espécies introduzidas sobre as espécies nativas é amplamente divulgado e, em alguns casos, pode ser a causa primeira de extinção. Outro fator negativo associado às introduções de espécies é a possibilidade delas trazerem consigo doenças - causadas por parasitas ou outros organismos - e contaminar as espécies nativas que não têm defesas contra esses patógenos desconhecidos até então.

É muito difícil eliminar uma espécie exótica depois que ela está estabelecida no ambiente, ou seja, se reproduzindo e gerando filhotes que geram outros filhotes, como é o caso das trutas, tilápias e tucunarés. Nesses casos, o que é possível fazer é monitorar suas populações para que elas não causem danos muito severos nas espécies nativas, seja por predação, seja por competição. A principal medida para se combater as espécies exóticas é não deixar que elas sejam introduzidas.

TABELA 2 - LISTA DE ESPÉCIES-ALVO DO CEPTA PRESENTES NA APA PARAÍBA DO SUL

ESPÉCIES-ALVO DO PAN PARAÍBA DO SUL				
Espécie	Nome popular	Categoria IUCN*	Pode ocorrer na APA?	Observações
<i>Delturus parahybae</i>	Cascudo-lajeiro	CR	?	Não há registros no estado de SP
<i>Trichomycterus santaeritae</i>	Cambeva, mirissuba	CR	?	Não há registros no estado de SP; taxonomia da espécie em resolução
<i>Trichomycterus triguttatus</i>	Cambeva, mirissuba	CR	Sim	
<i>Brycon insignis</i>	Piabanha	EN	Sim	
<i>Hemipsilichthys gobio</i>	Cascudo-piririca	EN	Sim	
<i>Hyphessobrycon duragenys</i>	Lambari	EN	Sim	
<i>Hypomasticus thayeri</i>	Timburé	EN	Sim	
<i>Phallotorynus fasciolatus</i>	Barrigudinho	EN	Sim	
<i>Pogonopoma parahybae</i>	Cascudo-leiteiro	EN	Sim	
<i>Steindachneridion parahybae</i>	Surubim-do-paraíba	EN	Sim	
<i>Brycon opalinus</i>	Pirapitinga-do-sul	VU	Sim	
<i>Prochilodus vimboides</i>	Grumatã curimbata-de-lagoa	VU	Sim	
<i>Taunayia bifasciata</i>	Bagrinho-listrado	VU	Sim	

*CATEGORIAS DE AMEAÇA SEGUNDO A UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (IUCN)

- CR = Criticamente em Perigo
- EN = Em Perigo
- VU = Vulnerável

O RAN teve origem em 1979, como Projeto Quelônios da Amazônia (PQA), posteriormente Centro Nacional de Quelônios da Amazônia (CENAQUA) e então Centro Nacional de Pesquisa e Conservação dos Répteis e Anfíbios – ICMBio/RAN. Atualmente vinculado ao ICMBio tem a missão de promover e realizar pesquisas e ações voltadas à conservação dos répteis e anfíbios e dos ambientes dos quais eles dependem.

O ICMBio/RAN possui especialidade na pesquisa e conservação da herpetofauna continental em todo território nacional. Sua herpetofauna é a área da zoologia que estuda os anfíbios (sapos, rãs, pererecas, cobras-cega e salamandras) e os répteis (tartarugas, jacarés, lagartos, cobras-de-duas-cabeças e serpentes). O Brasil tem importante papel na conservação desses animais, sendo o país com maior número de espécies de anfíbios, com 1180 espécies. Para répteis, nosso país ocupa o terceiro em número de espécies, com o registro de 848 espécies, sendo registrada maior riqueza de espécies que na Austrália (1.121) e México (995). O ICMBio/RAN possui, dentre suas diversas atribuições, a coordenação do processo de avaliação do risco de extinção dos anfíbios e répteis continentais. Entre 2010 e 2014 foram avaliadas 973 espécies de anfíbios (4,2% ameaçadas) e 732 répteis (11% ameaçadas), considerando-se a portaria MMA nº 444/2014, que institui a Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção para os mamíferos, aves, répteis, anfíbios e invertebrados terrestres.



Figura 12: Um exemplar de *Ranacephala hogeii*. Crédito: Rafael Martins Valadão

A perda e fragmentação de habitat são as principais perturbações associadas às mudanças globais induzidas pelo homem, em crescente expansão, ambos os processos estão entre as ameaças mais importantes à biodiversidade. Durante o processo de avaliação da herpetofauna, os impactos gerados pela agropecuária, expansão urbana, mineração, poluição, produção de energia e turismo desordenado foram identificados como os principais impactos que colocam as espécies desse grupo animal como ameaçadas de extinção.

Uma importante estratégias de conservação adotadas pelo ICMBio são os Planos de Ação Nacional para a conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção (PAN), um instrumento de gestão, construído de forma participativa, para o ordenamento e a priorização de ações para a

conservação da biodiversidade e seus ambientes naturais. O ICMBio/RAN coordena atualmente cinco planos de ação, sendo a APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul englobada pelo Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna Ameaçada da Mata Atlântica da Região Sudeste. Essa unidade de conservação é uma área prioritária para implementação desse PAN, por estar completamente englobada pela área estratégica “Litoral Sul”. Ações relacionadas à inventários e monitoramento da biodiversidade, elaboração/revisão de planos de manejo, restauração ambiental e atividades de sensibilização ambiental são algumas ações importantes para essa região. Esse PAN apresenta 37 espécies-alvo de anfíbios e répteis nacionalmente ameaçadas de extinção, além de 93 espécies beneficiadas (12 categorizadas como quase ameaçadas, 71 como dados insuficientes e outras 10 espécies em alguma categoria de ameaça em listas estaduais).



Figura 13: Um exemplar de *Brachycephalus ibitinga*. Crédito: Roberto Torrubia

A partir de dados secundários presentes na literatura científica, base de dados de registros da biodiversidade e relatórios de processos de licenciamento ambiental, foram reunidos registros de 33 espécies de anfíbios e 31 de répteis (Tabela 3) para o interior da APA. Duas dessas espécies são beneficiadas no PAN Herpetofauna do Sudeste: o sapinho *Chiasmocleis mantiqueira* e a serpente *Atractus francoi*. Seguramente o número de espécies no interior da APA é superior ao reunido e inventários direcionados para detecção de anfíbios e répteis são fundamentais para se conhecer a real diversidade do grupo e definir uma estratégia de conservação das espécies na APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul.



Foto: Rafael Martins Valadao

Cágado-de-hogei (*Ranacephala hogei*)



Foto: Roberto Torrubia

Teiú (*Salvator merianae*)



Foto: Rafael Martins Valadao

Cágado-pescoço-de-cobra (*Hydromedusa tectifera*)



Foto: MR Valadao

Lagarto-de-cauda-longa
(*Cercosaura screibersii*)



Foto: MR Valadao

Calango
(*Tropidurus torquatus*)



Foto: Lucas Asof

Papa-vento
(*Dactyloa punctata*)



Foto: Lucas Asof

Camaleãozinho
(*Enyalius perditus*)



Foto: Rafael Martins Valadao

Jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*)



Foto: Lucas Asof

Lagartixa-silvestre
(*Gymnodactylus darwinii*)



Foto: Lucas Asof

Lagarto-de-vidro
(*Ophiodes striatus*)



Foto: Lucas Aosf

Cobra-d'água
(*Erythrolamprus miliaris*)



Foto: Lucas Aosf

Caninana
(*Spilotes pullatus*)



Foto: Lucas Aosf

Cobra-cipó (*Philodryas olfersii*)



Foto: Lucas Aosf

Cobra-d'água
(*Helicops carinicaudus*)



Foto: Lucas Aosf

Corredeira-da-mata
(*Echinanthera cephalostriata*)



Foto: Lucas Aosf

Corre-campo (*Thamnodynastes nattereri*)



Foto: Lucas Aosf

Urutu-da-serra (*Bothrops fonsecai*)



Foto: Lucas Aosf

Jararaca-da-mata
(*Bothrops jararaca*)



Foto: Lucas Aosf

Cascavel
(*Crotalus durissus*)



Foto: Lucas Aosf

Falsa-coral
(*Erythrolamprus aesculapii*)



Foto: Lucas Aosf

Coral-verdadeira
(*Micrurus corallinus*)



Foto: Lucas Aosf

Jararacuçu
(*Bothrops jararacussu*)



Foto: Rafael Martins Valadao

Cobra-cega
(*Amphisbaena alba*)



Foto: Lucas Aoshf

Sapo-martelo (*Boana faber*)



Foto: Lucas Aoshf

Perereca-flautinha
(*Aplastodiscus leucopygius*)



Foto: Rafael Martins Valadão

Rã-estriada
(*Leptodactylus mystacinus*)



Foto: Lucas Aoshf

Perereca-das-folhagens
(*Phasmahyla cochranæ*)



Foto: Lucas Aoshf

Perereca-cabra
(*Boana albopunctata*)



Foto: Roberto Torrubia

Sapo-cururu
(*Rhinella icterica*)



Foto: Lucas Aoshf

Perereca
(*Bokermanohyla luctuosa*)



Foto: Lucas Aoshf

Rã-bugio
(*Physalaemus olfersii*)



Foto: Lucas Aoshf

Perereca-de-pijama
(*Boana polytaenia*)



Foto: Rafael Martins Valadão

Rã-cachorro
(*Physalaemus cuvieri*)



Foto: Lucas Aoshf

Sapo-de-chifre
(*Proceratophrys itamari*)



Foto: Lucas Aoshf

Rã-de-folhicho
(*Ischnocnema holti*)



Foto: Lucas Aoshf

Rã-chorona
(*Physalaemus barrioi*)



Foto: Roberto Torrubia

Rã-do-folhicho
(*Haddadus binotatus*)



Foto: Rafael Martins Valadão

Rã-estriada
(*Leptodactylus mystacinus*)



Foto: Roberto Torrubia

Perereca-de-banheiro
(*Scinax fuscovarius*)



Foto: Lucas Aoshf

Rã-de-corredeira
(*Hylodes magalhaesi*)

TABELA 3 - LISTA HERPETOFAUNA PRESENTE NA APA PARAÍBA DO SUL

TAXA	ESPÉCIE
anfíbio-cecília	Siphonops annulatus
Anfíbio-cecília	Siphonops paulensis
Anura	Adenomera marmorata
Anura	Aplastodiscus leucopygius
Anura	Boana albopunctata
Anura	Boana bischoffi
Anura	Boana faber
Anura	Boana pardalis
Anura	Boana polytaenia
Anura	Boana prasina
Anura	Bokermannohyla luctuosa
Anura	Chiasmocleis mantiqueira
Anura	Dendrophryniscus brevipollicatus
Anura	Dendropsophus elegans
Anura	Dendropsophus microps
Anura	Dendropsophus minutus
Anura	Dendropsophus nanus
Anura	Dendropsophus sanborni
Anura	Haddadus binotatus
Anura	Hylodes phyllodes
Anura	Ischnocnema bolbodactyla
Anura	Ischnocnema guentheri
Anura	Leptodactylus latrans

NOME POPULAR	CATEGORIA DE AMEAÇA		
	NACIONAL	ESTADUAL SP	ESTADUAL RJ
Cecília	LC		
Cecília	LC		
Rãzinha-marmoreada	LC		
Perereca-verde	LC		
Perereca-cabrinha	LC		
Perereca	LC		
Sapo-martelo	LC		
Sapo-porco	LC		
Perereca-de-pijama	LC		
Perereca	LC		
Perereca-de-mata	LC		
Desconhecido	DD		
Sapinho-debromélia	LC		
Pererequinha	LC		
Pererequinha-miúda	LC		
Pererequinha-dobrejo	LC		
Desconhecido	LC		
Desconhecido	LC		
Rã-do-folhiço	LC		
Rã-de-corredeira	LC		
Rãzinha-do-folhiço	LC		
Rã-do-folhiço	LC		
Rã-manteiga	LC		

TAXA	ESPÉCIE
Anura	Leptodactylus mystacinus
Anura	Lithobates catesbaianus
Anura	Physalaemus cuvieri
Anura	Proceratophrys boiei
Anura	Rhinella icterica
Anura	Rhinella ornata
Anura	Scinax cardosoi
Anura	Scinax eurydice
Anura	Scinax fuscovarius
Anura	Scinax hayii
Crocodylia	Caiman latirostris
Squamata-anfisbena	Amphisbaena alba
Squamata-lagarto	Aspronema dorsivittatum
Squamata-lagarto	Cercosaura schreibersii
Squamata-lagarto	Enyalius iheringii
Squamata-lagarto	Enyalius perditus
Squamata-lagarto	Hemidactylus mabouia
Squamata-lagarto	Kentropyx paulensis
Squamata-lagarto	Ophiodes striatus
Squamata-lagarto	Tropidurus torquatus
Squamata-lagarto	Urostrophus vautieri
Squamata-serpente	Apostolepis assimilis
Squamata-serpente	Atractus francoi
Squamata-serpente	Atractus pantostictus

NOME POPULAR	CATEGORIA DE AMEAÇA		
	NACIONAL	ESTADUAL SP	ESTADUAL RJ
Rã-assobiadora	LC		
rã-touro	NA (EXÓTICA)		
Rã-cachorro	LC		
Sapo-de-chifres	LC		
Sapo-cururu	LC		
Sapo-cururuzinho	LC		
Perereca	LC		
Desconhecido	LC		
Perereca-debanheiro	LC		
Perereca-debanheiro	LC		
Jacaré-de-papoamarelo	LC		EP
Cobra-de-duascabeças	LC		
Desconhecido	LC		
Lagartinho-do-chão	LC	AM	
Papa-vento, camaleãozinho	LC		
Papa-vento, camaleãozinho	LC		
Lagartixa-de-parede	NA (EXÓTICA)		
Calango	LC	AM	
Cobra-de-vidro	LC	AM	
Calango	LC		
Papa-vento-debarriga-lisa	LC		
Desconhecido	LC		
Desconhecido	DD		
Desconhecido	LC		

TAXA	ESPÉCIE
Squamata-serpente	Atractus zebrinus
Squamata-serpente	Boiruna maculata
Squamata-serpente	Bothrops fonsecai
Squamata-serpente	Bothrops jararaca
Squamata-serpente	Bothrops jararacussu
Squamata-serpente	Bothrops neuwiedi
Squamata-serpente	Chironius bicarinatus
Squamata-serpente	Chironius exoletus
Squamata-serpente	Chironius laevicollis
Squamata-serpente	Chironius quadricarinatus
Squamata-serpente	Clelia plumbea
Squamata-serpente	Coronelaps lepidus
Squamata-serpente	Crotalus durissus
Squamata-serpente	Dipsas neuwiedi
Squamata-serpente	Echinanthera cephalostriata
Squamata-serpente	Micrurus sp.
Testudines	Hydromedusa tectifera
Testudines	Podocnemis expansa

NOME POPULAR	CATEGORIA DE AMEAÇA		
	NACIONAL	ESTADUAL SP	ESTADUAL RJ
Desconhecido	LC		
Desconhecido	LC		
jararaca	LC		
jararaca	LC		
jararacussu	LC		
jararaca-arco-iris	LC		
Desconhecido	LC		
acutimbóia	LC		
Desconhecido	LC		
Desconhecido	LC		
Desconhecido	LC		
Desconhecido	LC		
cascavel	LC		
Desconhecido	LC		
cobrinha-cipó	LC		
coral			
cágado-pescoço-de-cobra	LC		
tardtaruga-da-amazonia	NT (exótica para a bacia do Paraíba do Sul)		

***SIGNIFICADO DAS SIGLAS DE CATEGORIAS DE AMEAÇA:**

- AM = Ameaçada
- DD = Dados Insuficientes
- EP = Em Perigo
- LC = Menos preocupante
- NA = Não Avaliado
-  NT = Quase ameaçada



Foto:Arquivo do CENAP.

O ICMBio/CENAP é o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros que faz pesquisas e planejamento estratégico para a conservação de mamíferos terrestres, exceto primatas e Xenarthra (tatus, preguiças e tamanduás). Dentre as principais atribuições do Centro estão a avaliação de risco de extinção de diversos grupos de mamíferos, como os carnívoros, ungulados (antas, porcos-do-mato silvestres, veados), roedores e marsupiais, a coordenação e implementação de Planos de Ação Nacional (PAN) para as espécies ameaçadas de extinção e a participação no monitoramento da biodiversidade em Unidades de Conservação com foco nos mamíferos de médio e grande porte.

O ICMBio/CENAP coordena atualmente sete Planos de Ação, sendo todos de abrangência nacional : 1) o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Grandes Felinos – **PAN Grandes Felinos** (onça-pintada e onça-parda); 2) o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Pequenos Felinos – **PAN Pequenos Felinos** (gatos-do-mato-pequeno, jaguarundi, gato-maracajá, etc), 3) o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Ungulados – **PAN Ungulados** (anta, queixada e cervídeos ameaçados de extinção), 4) o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Canídeos Silvestres – **PAN Canídeos** (lobo-guará, cachorro-vinagre, cachorro-do-mato-de-orelha-curta e raposa-do-campo), 5) o Plano de Ação Nacional para a Conservação da Ariranha – **PAN Ariranha**, 6) o **PAN Pequenos mamíferos de áreas abertas** e 7) o **PAN Pequenos mamíferos de áreas florestais**.

Como sabemos, a APA da Bacia do rio Paraíba do Sul está completamente contida no bioma Mata Atlântica. Apesar disso, dada a sua importância histórica, econômica e social, ao abranger os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, em regiões das mais desenvolvidas do país, temos ocorrência de algumas espécies de mamíferos ameaçadas de extinção.

Conhecer essas espécies é o primeiro passo rumo à conservação e

proteção dessa incrível biodiversidade de mamíferos que temos não só na APA, mas no nosso país, que concentra a maior riqueza de mamíferos do mundo! Aproveite este guia para conhecer os mamíferos que vivem pertinho de você!

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

A seguir, iremos falar sobre as cinco espécies de mamíferos de médio e grande porte ameaçadas de extinção que ocorrem na APA Paraíba do Sul (considerando os grupos de ungulados, marsupiais, roedores, lagomorfos e carnívoros). São elas: gato-mourisco, gato-maracajá, gato-do-mato-do-sul, lobo-guará e queixada. Todas essas espécies possuem áreas amplas de distribuição no Brasil e em outros países da América do Sul e algumas chegam a ocorrer até na América Central.

Gato-mourisco (*Herpailurus yagouaroundi*)



Figura 14: Um exemplar de *Herpailurus yagouaroundi*. Crédito:Whaldener Endo.

O gato-mourisco é uma das espécies de pequenos felinos presente nas Américas. Possui até 6,5 kg e 105 cm de comprimento e pode ter pelagem avermelhada ou cinza. Sua área de distribuição se estende desde o sul do Texas, nos Estados Unidos, até o sul do Brasil, passando pelo Paraguai, Uruguai e Argentina, até a província de Buenos Aires. Por também ocupar habitats mais abertos e ter hábitos diurnos, este felino tende a ser o mais frequentemente avistado, uma das razões pela qual a espécie pode parecer comum à primeira vista. Entretanto, estudos mostram que a espécie é muito menos abundante do que se acreditava, sendo um dos felinos mais raros da Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica. O gato-mourisco forrageia no solo, mas também se desloca com agilidade nas árvores. A dieta da espécie compreende mamíferos de pequeno e médio porte, aves, cobras, lagartos e anfíbios. As principais ameaças à espécie são: (1) perda de habitats em virtude da expansão urbana e da matriz agropecuária, (2) fragmentação dos habitats, que pode isolar populações quando os fragmentos não possuem conectividade, (3) caça/retaliação por predação de animais domésticos, (4) transmissão de doenças pelo contato com animais domésticos e (5) atropelamentos.

Gato-do-mato-do-sul (*Leopardus guttulus*)



Figura 15: Um exemplar de *Leopardus guttulus*. Crédito:Whaldener Endo.

O gato-do-mato-do-sul é um dos menores felinos do Brasil, com massa corporal variando de 1 a 3,75 kg e tamanho corporal total de 78 a 96 cm, com as fêmeas sendo geralmente ligeiramente menores que os machos. A espécie foi recentemente reconhecida como espécie distinta de *Leopardus tigrinus*, e possui distribuição nas áreas de Mata Atlântica das regiões sudeste e sul, podendo ocorrer em parte da região central do Brasil, até o nordeste da Argentina. O gato-do-mato-do-sul possui áreas de vida que variam de 0,9 a 17,4 km². A dieta da espécie é baseada em pequenos mamíferos, como roedores e marsupiais, aves, répteis e invertebrados. As principais ameaças à espécie são: (1) perda de habitats em virtude da expansão urbana e da matriz agropecuária, (2) fragmentação dos habitats, que pode isolar populações quando os fragmentos não possuem conectividade, (3) caça/retaliação por predação de animais domésticos, (4) transmissão de doenças pelo contato com animais domésticos e (5) atropelamentos.

Gato-maracajá (*Leopardus wiedii*)

O gato-maracajá é um pequeno felino de 2,6 a 3,9 kg, comprimento corporal de 46 a 97 cm e cauda com 30 a 51 cm, sendo os machos geralmente maiores que as fêmeas. A espécie se caracteriza por apresentar olhos bem grandes e protuberantes, focinho saliente, patas grandes e cauda bastante comprida. É encontrado desde a zona costeira do México até o norte do Uruguai e Argentina e em todo o Brasil, com exceção do estado do Ceará e metade meridional do estado do Rio Grande do Sul. É possivelmente a espécie mais arborícola de todos os felídeos, possuindo adaptações morfológicas que facilitam sua escalada. Sua dieta é baseada em pequenos mamíferos (roedores e marsupiais), mas também inclui mamíferos de médio porte (> 1,5 kg), aves e lagartos. A área de vida do gato-maracajá ainda é pouco conhecida, variando de 1 a 21,85 km² dependendo da disponibilidade de recursos da área. As principais ameaças à espécie são: (1) perda de habitats em virtude da expansão urbana e da matriz agropecuária, (2) fragmentação dos habitats, que além de gerar uma diminuição na base de presas, pode isolar populações quando os fragmentos não possuem



Figura 16: Um exemplar de *Leopardus wiedii*. Crédito:Whaldener Endo.

conectividade, (3) caça/retaliação por predação de animais domésticos e (4) atropelamentos.

Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)



Figura 17: Um exemplar de *Chrysocyon brachyurus*. Crédito:Whaldener Endo.

Historicamente, o lobo-guará se distribuía amplamente pelas áreas de campos e cerrados da região central da América do Sul, incluindo o Brasil, Paraguai, Uruguai, norte da Argentina, sudoeste do Peru e leste da Bolívia. Originalmente a distribuição do lobo-guará no Brasil se estendia até o extremo do Rio Grande do Sul na porção sul, ao norte o limite coincidia com os limites do Cerrado e da Caatinga e a leste do Cerrado com a Floresta Atlântica e na porção oeste, o limite era o Pantanal. Atualmente, a distribuição da espécie sofreu grandes reduções em algumas regiões (principalmente na porção sul), enquanto em outras, foi ampliada, caso da porção leste da distribuição, que tem se expandido para regiões originalmente ocupadas por florestas tropicais (Mata Atlântica e Amazônia), mas que sofreram desmatamento e fragmentação dos remanescentes florestais. Houve aumento da observação e registro da espécie em diversas áreas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rondônia, dentre outros, em áreas que não faziam parte da distribuição original da espécie. A APA Paraíba do Sul é uma dessas áreas onde a espécie tem sido registrada com mais frequência recentemente.

Queixada (*Tayassu pecari*)



Figura 18: Grupo de *Tayassu pecari*. Crédito: Lilian Bonjorne de Almeida.

Queixadas possuem tamanho corporal variando de 90 a 130 cm e altura do ombro de 44 a 60 cm, sendo maior que o cateto. Machos e fêmeas apresentam tamanho similar, de 20 a 50 kg. São diurnos e vivem em grupos em geral maiores do que os grupos de cateto, podendo ter até algumas centenas de indivíduos em áreas do Pantanal e Amazônia. Na Mata Atlântica os grupos são bem menores, mas ainda assim maiores que os grupos de catetos. Em bandos grandes e dependendo do bioma podem atingir uma área de uso de 19 a 200 km² para um único grupo. Queixadas são importantes na manutenção dos ecossistemas como predadores e dispersores de sementes. A espécie é classificada como frugívora, considerando que frutas e sementes englobam de 60 a 80% de sua dieta, alimentando-se também de raízes, plantas aquáticas, larvas de insetos e minhocas. Palmeiras, tais como o palmito-juçara, são um recurso importante, e muitas vezes chave para os queixadas. Em estudos realizados na Mata Atlântica, os queixadas são capazes de sobreviver em fragmentos de florestas com menos de 2000 ha desde que exista uma diversidade saudável de habitats,

córregos e recursos chave como manchas de palmito-juçara. As principais ameaças à espécie são: (1) perda de habitats em virtude da expansão urbana e da matriz agropecuária, (2) fragmentação dos habitats, que pode isolar populações, (3) degradação de habitats, que inclui perda da qualidade do habitat, com extração de recursos usados pela espécie, como é o caso do palmito-juçara, (3) caça/retaliação em resposta a danos causados em plantações e (4) incêndios.

ESPÉCIES PRESENTES NA APA E NÃO AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

Onça-parda (*Puma concolor*)



Figura 19: Um exemplar de *Puma concolor*. Crédito:Wagner Souza Loureiro.

A onça-parda é a segunda maior espécie da Família Felidae do Brasil e é o felídeo de maior distribuição no continente americano, ocorrendo do oeste do Canadá ao extremo sul do continente sul-americano, sendo encontrada de desertos a florestas tropicais. Indivíduos machos adultos podem ter massa de 40 a 72 kg, enquanto que as fêmeas, de 34 a 48 kg. O comprimento corporal (corpo + cauda) varia de 1,9 a 2,3 m nos machos e de 1,8 a 2 m nas fêmeas. A onça-parda possui áreas de vida que variam de 59 a 287 km². As fêmeas utilizam entre 33 a 38% das áreas usadas por machos. A cada evento reprodutivo é gerado de um a quatro filhotes. Os indivíduos jovens tendem a se dispersar com 16 a 22 meses de idade. Atualmente a espécie é classificada como quase ameaçada no Brasil, sendo que as principais ameaças são: (1) perda de habitats em virtude da expansão urbana e da matriz agropecuária, (2) fragmentação dos habitats, que além de gerar uma diminuição na base de presas, pode isolar populações quando os fragmentos não possuem conectividade, (3) caça/retaliação por predação de animais domésticos e (4) atropelamentos.

Cateto (*Dicotyles tajacu*)

O cateto possui pelagem cinza-escura com um collar esbranquiçado no pescoço, corpo comprido em forma de barril, cabeça triangular e pescoço curto e compacto. Os olhos são pequenos e a visão pobre. A espécie possui um olfato muito desenvolvido e o nariz achatado é utilizado na procura



Figura 20: Um exemplar de *Dicotyles tajacu*. Crédito:Whaldener Endo.

de raízes. Possui de 17 a 30 kg, de 80 a 100 cm de comprimento (cabeça e corpo) e de 40 a 50 cm de altura do ombro. A espécie vive em grupos geralmente compostos por 5 a 15 indivíduos. São importantes na manutenção dos ecossistemas como predadores e dispersores de sementes. Ocorre desde a América do Norte até a América do Sul, se estendendo do sul dos Estados Unidos, passando por todo o Brasil, onde as populações estão cada vez mais fragmentadas no sul e leste, até o Chaco do Paraguai, Bolívia e norte da Argentina. As principais ameaças à espécie são: (1) perda de habitats em virtude da expansão urbana e da matriz agropecuária, (2) fragmentação dos habitats, que pode isolar populações, (3) degradação de habitats, que inclui perda da qualidade do habitat, com extração de recursos usados pela espécie, como é o caso do palmito-juçara (*Euterpe edulis*), (3) caça/retaliação em resposta a danos causados em plantações e (4) incêndios.

Cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*)



Figura 21: Um exemplar de *Cerdocyon thous*. Crédito:Whaldener Endo.

O cachorro-do-mato é uma espécie de ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo na maior parte do Brasil, com exceção de parte da

Amazônia, no norte da Colômbia e Argentina, na Venezuela, Paraguai, Uruguai e na Bolívia nas encostas a leste dos Andes (até 2000 m de altitude), com poucos registros no Panamá, Suriname e na Guiana. A espécie é generalista e flexível em uso de habitat e dieta. É onívoro, alimentando-se de frutos, insetos, crustáceos, pequenos mamíferos, aves, répteis, anfíbios e ovos de diversas espécies. Podem atuar como dispersores de sementes, tanto de frutas nativas como cultivadas. A espécie é monogâmica, vivendo em casais ou grupos familiares estendidos. A cada evento reprodutivo é gerado de um a cinco filhotes. No Brasil, as áreas de uso variam, porém não muito: foram estimadas áreas médias de 2,8 a 8,14 km² na Mata Atlântica em São Paulo. A espécie é relativamente abundante ao longo da maior parte de sua área de distribuição. Embora as populações do cachorro-do-mato pareçam estáveis, há ameaças à espécie, como atropelamento (sendo uma das espécies de mamíferos mais atropeladas em rodovias no Brasil), retaliação/prevenção à predação de animais domésticos, confrontos com cachorros-domésticos, doenças adquiridas de animais domésticos, como sarna sarcóptica, cinomose, dentre outras. O crescimento das cidades sobre ambientes naturais também exerce um impacto adicional e isso tem aumentado a ocorrência do cachorro-do-mato em áreas urbanizadas, expondo a espécie a uma série de impactos potenciais.

ESPÉCIES NÃO-NATIVAS OU EXÓTICAS

Javali ou javaporco (*Sus scrofa*)



Figura 22: Um exemplar de *Sus scrofa*. Crédito: Lilian Bonjorne de Almeida.

O javali é uma espécie originária da Eurásia. É uma das espécies invasoras de mamífero de grande porte mais amplamente distribuídas no mundo, ocorrendo hoje em todos os continentes exceto na Antártica. O javali ou javaporco (cruzamento com o porco-doméstico) é bem maior que as espécies de porcos-do-mato nativas do Brasil, chegando a ter de 90 a 180 cm de comprimento, altura do ombro de 55 a 110 cm e massa corporal de 40 a 350 kg. A dieta onívora inclui fungos, tubérculos, bulbos, vegetação verde, castanhas, cultivos agrícolas, invertebrados, pequenos vertebrados e carniça. Podem percorrer grandes distâncias em um único dia à procura de recursos alimentares (por exemplo, 2-15 km em uma área de 20-150 ha). A área de vida pode variar de 180 a mais de 400 ha. (1,8 a 4 km²)



Foto: Roberto Torrubia

Cateto
(*Dicotyles tajacu*)



Foto: Hudson Martins

Queixada
(*Tayassu pecari*)



Foto: Lilian Bonjorne de Almeida.

Javali ou Javaporco
(*Sus scrofa*)



Foto: Roberto Torrubia

Porco-doméstico
(*Sus scrofa*)

O javali no Brasil - As primeiras introduções do javali no Brasil ocorreram a partir da década de 1960 e em 1989 houve a mais recente invasão por colonização no Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai. A partir dos anos 2000 novas introduções foram realizadas acidental ou deliberadamente por criadores da espécie, facilitando a expansão da distribuição da espécie pelo país. Em 2020, quase 30% dos municípios brasileiros já registravam a presença do javali, especialmente nos estados do sul, sudeste e centro-oeste. Já existem registros de javaporco na APA Paraíba do Sul.

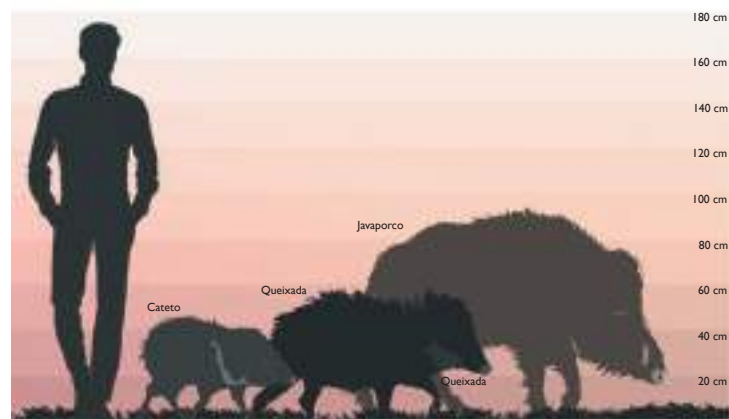
Criação de javalis no Brasil - a criação de javalis no Brasil está suspensa de acordo com a Instrução Normativa IBAMA 07/2010, que previa o fechamento de todos os criadouros da espécie até 2013.

Autorização para manejo de javalis no Brasil - a primeira autorização do manejo de javalis em território brasileiro foi emitida pelo IBAMA em 1995 apenas para o estado do Rio Grande do Sul em caráter experimental (Portaria IBAMA 07/1995). Posteriormente, em 2013 e 2019, foram publicadas Instruções Normativas válidas em todo o território nacional (Instruções Normativas IBAMA 03/2013 e 12/2019) autorizando o manejo de javalis por pessoas devidamente cadastradas e autorizadas pelo IBAMA e órgãos ambientais estaduais.

Quadro comparativo cateto, queixada e javali

Não confunda o javali ou javaporco (espécie exótica, que veio da Eurásia e que vem ampliando sua área de distribuição no Brasil) com os nossos catetos e queixadas!

Veja a diferença de tamanho e características da coloração dessas espécies:



Apenas o javali ou javaporco é passível de manejo, desde que devidamente autorizado pelos órgãos competentes. Veja mais informações em:



A caça do cateto ou queixada é crime ambiental!
(Lei 9605/1998)

Cachorro-doméstico (*Canis familiaris*)



O cachorro-doméstico, por muitas vezes possuir a característica de circulação livre nas zonas rurais e periurbanas, está entre as espécies de mamíferos de médio e grande porte mais registradas em remanescentes de Mata Atlântica em diversas regiões do bioma, inclusive a região onde se situa a APA Paraíba do Sul. Diversos estudos apontam para uma série de problemas para a presença de cachorros-domésticos em fragmentos florestais.

Os cachorros-domésticos podem atuar como:

- Predadores de animais silvestres;
- Presas de predadores naturais;
- Competidores com animais silvestres, disputando o mesmo tipo de recurso alimentar;
- Reservatórios e vetores de doenças, como cinomose, raiva, dentre outras, que podem ser transmitidas para animais silvestres em seu habitat natural.

Desta forma, a posse responsável de cachorros-domésticos (incluindo vacinação contra raiva e outras doenças, como cinomose, parvovirose, dentre outras, alimentação adequada fornecida pelos donos, a não permissão para livre circulação por fragmentos florestais), sobretudo em áreas rurais e periurbanas, que ficam mais próximas a remanescentes de florestas, é essencial tanto para o bem-estar dos cães como para não causar impactos sobre os animais silvestres que lá vivem.

“Autorização para manejo de javalis no Brasil”. Após (...) órgãos ambientais.

Em 2023 foi publicado o Decreto 11615/2023, que definiu critérios para aprovação da emissão de autorizações para o controle de fauna, motivo pelo qual o IBAMA suspendeu preventivamente novas autorizações de manejo em vida livre nas modalidades de caça ativa, ceva ou espera, até que se procedam as adequações necessárias. As autorizações emitidas pelo SIMAF/IBAMA anteriormente à data de 21/07/2023 continuam vigentes até a validade expressa no documento.



Cachorro-do-mato
(*Cerdocyon thous*)

Foto: Roberto Torrúbia



Mão-pelada
(*Procyon cancrivorus*)

Foto: Roberto Torrúbia



Furão-pequeno
(*Galictis cuja*)

Foto: Geiser Trivelato



Lontra
(*Lontra longicaudis*)



Gambá-de-orelha-branca
(*Didelphis albiventris*)

Foto: Roberto Torrúbia



Gambá-de-orelha-preta
(*Didelphis aurita*)

Foto: Lucas Asof



Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)

Foto: Roberto Torrúbia



Juguatirica (*Leopardus pardalis*)

Foto: Geiser Trivelato



Quati (*Nasua nasua*)

Foto: Roberto Torrúbia



Irara (*Eira Barbara*)

Foto: Roberto Torrúbia



Veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*)

Foto: Roberto Torrubia



Foto: Roberto Torrubia

Rato-da-taquara
(*Kannabateomys amblyonyx*)



Foto: Geiser Trivelato

Ouriço-cacheiro
(*Coendou prehensilis*)



Foto: Roberto Torrubia

Caxinguelê ou Serelepe
(*Guerlinguetus brasiliensis*)



Foto: Geiser Trivelato

Preá
(*Cavia aperea*)



Foto: Roberto Torrubia

Rato-do-chão ou Pitoco
(*Thaptomys nigrita*)



Foto: Roberto Torrubia

Tapeti
(*Sylvilagus minensis*)



Foto: Roberto Torrubia

Paca
(*Cuniculus paca*)



Foto: Roberto Torrubia

Ratão-do-banhado
(*Myocastor coypus*)



Foto: Roberto Torrubia

Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*)



O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros (ICMBio/CPB) tem atuação em todo o território nacional e sede em Cabedelo, Paraíba. Foi criado em 2001, ainda no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), e desde 2007 é um dos 14 centros de pesquisa do ICMBio. O CPB é responsável por coordenar o planejamento estratégico para a conservação dos primatas e xenartros (tatus, tamanduás e preguiças) brasileiros, incluindo a Avaliação do Risco de Extinção das espécies e a elaboração e implementação dos Planos de Ação Nacional (PAN) para a conservação daquelas ameaçadas de extinção.

Atualmente, o ICMBio/CPB coordena cinco PANs, sendo que um deles inclui espécies que ocorrem na APA Mananciais da Bacia do Rio Paraíba do Sul: o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-coleira – PAN PPMA (disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan-primatas-ma-e-preguica-de-coleira>). O PAN PPMA tem como alvo de ações de conservação 13 espécies de primatas, pertencentes a seis gêneros distintos, representados pelos saguis-da-serra (*Callithrix*), miquis (*Brachyteles*), bugios (*Alouatta*), saúas ou guigós (*Callicebus*), micos-leões (*Leontopithecus*) e macacos-prego (*Sapajus*); além de uma espécie de xenartro, a preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*). Todas estas espécies são consideradas ameaçadas de extinção na Mata Atlântica.

Destas, são confirmadas na APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul a ocorrência de cinco espécies de primatas: Sagui-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*), Miqui-do-sul (*Brachyteles arachnoides*), bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*), macaco-prego (*Sapajus nigritus*) e guigó (*Callicebus nigrifrons*). Já no caso dos xenartros, a única espécie com registro confirmado na APA é o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), que atualmente não está ameaçada de extinção. Apesar disso, há a possibilidade de ocorrência de outras espécies, incluindo a preguiça-comum (*Bradypus variegatus*), o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) e os tatus dos gêneros *Dasybus* e *Cabassous*, cujas espécies mais conhecidas são o tatu-galinha e o tatu-de-rabo-mole. Embora a APA esteja dentro da área de distribuição histórica do tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), não há nenhum registro recente dessa espécie na região.

Muitas das espécies de primatas e xenartros que ocorrem na APA Mananciais do Rio Paraíba do Sul sofrem com ameaças como perda de habitat, atropelamentos, caça e apanha para serem animais de estimação. Conhecer melhor essas espécies é o primeiro passo para poder preservá-las, e o início de uma caminhada rumo à conservação da nossa biodiversidade. Então iniciemos essa jornada conhecendo um pouco mais sobre a rica fauna que ocorre em nossa APA!



Foto: Letícia Almeida Moura



Foto: Paulo Rodrigues Dias

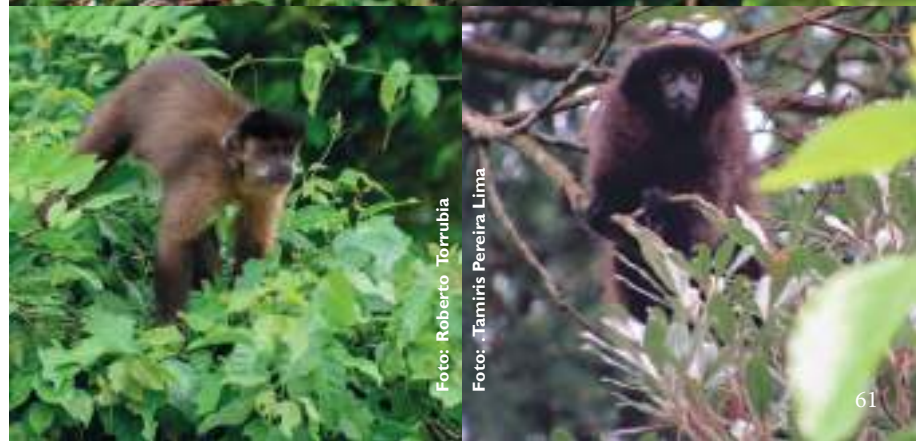


Foto: Roberto Torrubia

Foto: Tamiris Pereira Lima

Sagui-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*)

Esse sagui, que só ocorre no Brasil (endêmico), por serem encontrados em uma ampla variação altitudinal (preferencialmente acima de 800m), levam o termo “serra” no seu nome, além de possuírem a coloração do corpo basicamente negra, podendo ser salpicada de vermelho ou ter manchas ruivas. Nas orelhas possuem um tufo de pelos brancos e no topo da cabeça uma faixa ruiva. Também é conhecido como sagui-caveirinha pelo aspecto de sua face branca, que lembra um pequeno crânio. São pequenos, pesando no máximo 450g e muito ágeis. Vivem em grupos compostos por dois a 11 indivíduos, incluindo adultos, jovens e infantes. A fêmea fica grávida por 5 meses e assim como os outros saguis e micos-leões, é comum terem gêmeos, carregados como mochilinhas. O cuidado com os filhotes é cooperativo, onde outros membros do grupo colaboram nessa missão nos momentos em que não estão mamando. A vocalização lembra um assobio e tem diversas funções como alarme, agrupamento, agressividade, choro entre outras funções sociais dos mais variados sons.

A sua dieta inclui principalmente insetos, frutos e goma de árvores (exsudatos), fungos de bambus, além de presas animais, como invertebrados, rãs e lagartos. Por isso, são denominados insetívoro-frugívoro-gomívoros. E são plantadores de floresta! Pois ao ingerir sementes dos frutos da Mata Atlântica, as dispersam em todo seu território ao percorrerem longas distâncias e defecarem em vários locais diferentes.

A espécie pode ser encontrada, além do estado de São Paulo, nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. O extremo norte de ocorrência fica no Parque Estadual do Rio Doce (MG) e, o sul, na Estação Ecológica de Jureia-Itatins.

Além da APA, a espécie ocorre em dezenas de unidades de conservação, porém, ainda assim, sofre com várias ameaças, principalmente com a perda de seu habitat natural para a agricultura, pecuária, expansão urbana, incêndios florestais e também com atropelamentos, caça e apanha para serem animais de estimação. Somada a esses fatores, a competição com espécies exóticas/invasoras (como outros saguis, por exemplo) em sua área de ocorrência (como ocorre na APA) é uma grande ameaça. Além da competição, o cruzamento entre essas espécies geneticamente próximas pode gerar indivíduos férteis, reduzindo o número de indivíduos puros, e diminuindo assim a riqueza de espécies e nossa biodiversidade.

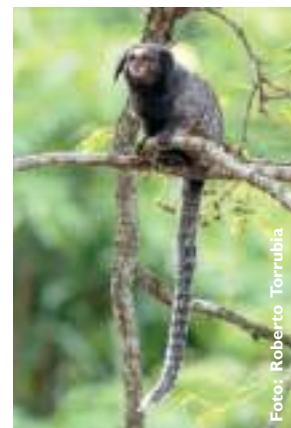


Foto: Roberto Torrubia

Sagui-de-tufo-preto *Callithrix penicillata*.
Espécie não nativa

Portanto, por essas tantas ameaças, a espécie está classificada em um alto risco de extinção, na categoria Em Perigo (EN) no Brasil e também globalmente. É considerado um dos 25 primatas mais ameaçados de extinção do mundo! Mas existem muitos primatas humanos empenhados em tentar salvar a espécie desse risco! Ela é uma das espécies alvo do “PAN Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-coleira” (PAN PPMA), que inclui várias ações prioritárias de conservação para esses primatas. Além disso, faz parte do Programa para a conservação dos Saguis-da-serra (PCSS), que dispõe de diversos pesquisadores e instituições parceiras para colocar em prática as ações previstas pelo PAN e possui até um centro de conservação na Universidade Federal de Viçosa - MG. Você também pode ser um protetor do sagui-caveirinha! Divulgue o que acabou de aprender mostrando a importância da espécie como parte da rica biodiversidade da APA e proteja seu ambiente natural!

Muriqui-do-sul
(*Brachyteles arachnoides*)



O mureiqui-do-sul, também chamado de mono-carvoeiro só ocorre na Mata Atlântica brasileira. É assim denominado pois ocorre ao sul de onde encontra-se seu parente próximo, o mureiqui-do-norte. “Mureiqui” é a palavra tupi nativa para “macaco maior”. Sim, este é o maior macaco das américas!!! Os machos adultos podem chegar a 150 cm de comprimento e 15 kg, e as fêmeas adultas a 120 cm e 12 kg. Sua pelagem é espessa e lanosa, com coloração de tons bege-amarelados, marrons ou acinzentados.

Têm uma barriga saliente, devido ao consumo de grandes volumes de folhas. Sua cabeça é arredondada, a face achatada e os braços longos. A cauda é longa e preênsil, funcionando como um quinto membro bastante forte. Apresentam a face, palma das mãos e pés e parte ventral da cauda sem pelos e de coloração negra, assim como as pessoas que trabalham em minas de carvão (por isso esse outro apelido) o que também os difere dos mureiquis-do-norte, que apresentam essas regiões do corpo despigmentadas e manchadas de rosa e branco. Os machos possuem um escroto avantajado e as fêmeas um clitóris proeminente (lembrando até um pênis). Os grupos podem conter vários machos e várias fêmeas adultas, além dos jovens e infantes, podendo ter em torno de 50 indivíduos ocupando grandes áreas de mata (quando existem!) de até 1.500 hectares. Em torno de 6 anos de idade as fêmeas se dispersam a procura de outros indivíduos para formarem novos grupos. As mães ficam grávidas por 7 meses e amamentam os filhotes por dois anos e apenas com cinco anos se tornam adultos. A vocalização do mureiqui lembra um relincho de cavalo e tem várias funções sociais dentre os diferentes repertórios.

São primatas vegetarianos. Sua dieta é composta por folhas e frutos, mas também se alimentam de flores, sementes, néctar, casca de árvores e brotos de bambu. O consumo de larvas e insetos pode ocorrer de forma acidental. Ao se alimentarem de frutos maduros, atuam como dispersores de sementes, plantando florestas e contribuindo para proteção dos rios e de toda biodiversidade.

Temos muito o que aprender com esses animais. São primatas da paz! Com pouca agressividade entre os indivíduos e baixa competição por alimentos e acesso a parceiros. São comuns os abraços, principalmente entre machos adultos, o que não é comum nos outros primatas.

Os Mureiquis-do-sul ocorrem no Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, com a maioria das populações atuais em São Paulo. Ao longo de toda sua distribuição, estão submetidos a um alto risco de extinção principalmente devido ao histórico de destruição das florestas. Esse extenso desmatamento ocorreu – e ainda ocorre – para conversão de áreas para agricultura, pecuária, urbanização ou empreendimentos de infraestrutura (p.ex. hidrelétricas, estradas). As populações remanescentes sofrem os impactos decorrentes dessa redução e fragmentação de seus habitats, com consequências demográficas e genéticas. Isolados em pequenos fragmentos ou em áreas com atrativos para o extrativismo (p.ex. madeira e palmito), os mureiquis ficam mais expostos à caça, geralmente para consumo humano. Esses fatores em conjunto têm diminuído as populações a níveis críticos o que levou a espécie a uma alta categoria de nível de ameaça de



Foto: Paulo Rodrigues Dias

extinção. São categorizados como Em Perigo (EN) de extinção no Brasil. Globalmente e em listas vermelhas estaduais (PR e RJ) está no nível mais elevado, como Criticamente em Perigo (CR) de extinção.

No entanto, existem vários esforços conservacionistas para tentar salvar a espécie. É uma das espécies alvo do “PAN Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-coleira” (PAN PPMA), que inclui várias ações prioritárias de conservação para esses e outros primatas. Além disso, a “Associação Pró-Mureiquis” de São Paulo, vem trabalhando com a espécie há décadas!

E ainda, outros programas como o “Projeto de Conservação dos Monos no Paraná” acompanham a espécie desde 2015 e vem descobrindo novas populações! Primatólogos buscam estratégias para melhorar seu estado de conservação ao longo de toda sua distribuição e todos podem contribuir de alguma forma protegendo as florestas onde eles habitam, denunciando ameaças à espécie e retribuindo a paz como dos mureiquis!

Abraços de mureiquis da APA a todos aqueles que protegem a natureza!

Bugio-ruivo
(*Alouatta guariba clamitans*)



O bugio-ruivo é assim chamado pois o macho apresenta uma coloração ruiva quando adulto. Já a fêmea apresenta uma cor da pelagem mais castanha escura, assim como os filhotes, que quando machos vão ganhando um tom ruivo já na fase sub-adulta. Também são chamados de guaribas ou barbados por possuírem uma barba densa e volumosa. São muito conhecidos pela sua chamativa vocalização. Seus poderosos roncões podem ser ouvidos a longa distância e ecoam na mata mostrando seu empoderamento. Seus diferentes sons como uivos, grunhidos, rugidos e latidos têm uma ampla variedade de funções como agrupamento, defesa e territorialismo, alarmes, choros e há quem diga também, como os antigos, que é para “chamar a chuva”. Geralmente há apenas um macho dominante em cada grupo (ocasionalmente dois) com um harém de duas a cinco fêmeas. O tamanho médio dos grupos é de 4 a 5 indivíduos, os quais podem chegar a 11 indivíduos. Os machos são maiores, podendo chegar até a quase 9 kg, já as fêmeas podem alcançar 5 kg. A gestação da fêmea demora em torno de 6 meses e o filhote fica totalmente dependente da mãe nos quatro primeiros meses, quando só ingere o leite materno.

Assim como os muriquis-do-sul e outros primatas, são animais vegetarianos. Apreciam principalmente folhas de árvores e trepadeiras, frutos, flores e aproveitam para tomar água em bromélias. Ao ingerirem esses itens podem acabar consumindo insetos e larvas, mas acidentalmente. E assim como todos os primatas, dispersam as sementes dos frutos ingeridos ao

longo da mata ao se deslocarem e defecarem. As fezes têm um cheiro forte e aparentam fezes de gado, por conterem muitas folhas. Podem ser encontradas em grandes quantidades em locais que os animais costumam ficar longos períodos descansando, chamados de “sítios de defecação”. Por apresentarem uma dieta rica em folhas, a digestão é lenta, assim, passam a maior parte do tempo descansando. As vezes quando estão encolhidos lembram até um cupinzeiro na árvore!

Os bugios-ruivos não são exclusivos do Brasil, ocorrendo também na Argentina. Na Mata Atlântica brasileira ocorrem nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em alguns lugares no PR e RS, podem ocorrer conjuntamente com seu parente próximo: o bugio-preto (os machos são negros e as fêmeas amareladas).

Nas últimas décadas, houve uma crescente expansão urbana sobre os habitats naturais desta espécie, o que aumentou os conflitos decorrentes da proximidade humana. O desmatamento decorrente da expansão urbana, agricultura, pecuária e de assentamentos rurais reduz e fragmenta as matas onde eles vivem. Os bugios-ruivos também sofrem ainda com caça e são capturados para serem animais domésticos (pets). A capacidade de adaptação e flexibilidade comportamental da espécie possibilita que os indivíduos utilizem remanescentes florestais inseridos em matriz urbano-rural, tornando-os mais suscetíveis aos efeitos secundários da urbanização como, por exemplo, choques elétricos, ataque por cães e atropelamentos.



Foto: Roberto Torrubia

O surto da febre amarela é uma das principais ameaças a espécie atualmente. Milhares de bugios estão sendo encontrados mortos e em várias matas em que a espécie ocorria, hoje seus roncões não são mais ouvidos. No estado de São Paulo, embora ainda não se tenham estimativas confiáveis do real impacto da doença nas populações de bugio-ruivo, as previsões não são nada animadoras. Isso porque ocorreu a circulação do vírus com epizootias confirmadas em praticamente toda distribuição geográfica da espécie, incluindo os maiores remanescentes de Mata Atlântica em todas unidades de conservação situadas nas serras da Mantiqueira, da Cantareira, do Mar, Mosaico Jacupiranga e Complexo de Paranapiacaba. No Horto florestal de São Paulo, o bugio-ruivo também foi extinto por causa dessa doença. Infelizmente o desconhecimento das pessoas sobre a febre amarela pode levar à matança dos animais temendo que sejam eles os transmissores do vírus. Isso não é verdade! A disseminação da doença é feita pelo mosquito fêmea e os bugios são tão vítimas quanto a gente! O bugio doente pode nos alertar onde é necessária uma campanha de vacinação devido a essa baixa resistência à doença. Por isso o bugio ficou conhecido nos últimos tempos como nosso primata anjo-da-guarda!

Pesquisadores estão preocupados e vem trabalhando e se dedicando em inúmeros trabalhos para conservar a espécie e acabar ou ao menos minimizar todas essas ameaças. É uma das espécies alvo do “PAN Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-coleira” (PAN PPMA), que inclui várias ações prioritárias de conservação para esses e outros primatas. Ações de sensibilização educativas em comunidades locais, instalação de pontes de corda

para passagem entre fragmentos para evitar atropelamentos e eletrocussão, reflorestamento e conexão das matas com corredores ecológicos, fiscalização ambiental e incentivo a criação de áreas protegidas (públicas e/ou privadas) são algumas das ações desenvolvidas pelos pesquisadores ao longo da distribuição da espécie. O monitoramento das populações selvagens permite o maior conhecimento sobre a biologia, ecologia e comportamento da espécie e acompanhamento da luta pela sobrevivência das populações que ainda restam. A vacinação de primatas para protegê-los contra doenças já é uma realidade: micos-leões selvagens já estão sendo vacinados contra a febre amarela e em breve os bugios também poderão ficar protegidos! Ajude também a proteger esses anjos-da-guarda! Passe seus conhecimentos adiante, proteja as matas remanescentes e faça sua parte!



Macaco-prego
(*Sapajus nigritus*)

Foto: Roberto Torrubia

O macaco-prego tem esse nome em função do formato do órgão sexual do macho que nos adultos lembra um prego. Possuem a pelagem escura e os pelos no topo da cabeça como dois topetes. São animais de porte mediano, com os adultos pesando entre 2 a 4 kg atingindo de 42 a 56 cm de comprimento. Os machos são maiores que as fêmeas. Os grupos podem ser formados por 11 até 30 indivíduos incluindo indivíduos adultos, jovens e infantes. Geralmente existe um macho adulto dominante e até cinco fêmeas em fase reprodutora. A gestação dura em torno de 5 meses e nasce normalmente apenas um filhote, que nos primeiros meses se alimenta apenas do leite materno. A dieta do macaco-prego é bastante variada e eles comem de tudo, incluindo frutos, folhas, flores, sementes e até animais, como invertebrados e pequenos vertebrados, como lagartos, anfíbios e filhotes de aves e seus ovos! Por isso são denominados animais onívoros. São comumente observados em hortas e plantações de milho e cana-de-açúcar, podendo trazer conflitos com pequenos produtores que muitas vezes precisam plantar um pouco a mais para compensar o que os pregos consomem (já que em muitas situações suas pequenas matas não têm alimento suficiente).

Para amedrontar e defender seus territórios mostram seus dentes com longos caninos, chacoalham galhos ativamente, ficam ouriçados e com a coluna arqueada aparentando ser maiores, podendo até se posicionar em cima ou junto de outros indivíduos. A vocalização, também chamada de assobio, tem diversas funções como: agrupamento, defesa de território, alarme, choro, entre outras. Considerado um dos primatas mais inteligentes, apresenta comportamentos curiosos, como o de manusear pedras e gravetos para quebrar castanhas e cocos para se alimentar.

Seus predadores mais comuns são aves de rapina (gaviões), grandes cobras e felinos. Cães domésticos também atacam os macacos e infelizmente o bicho-homem também é um predador que pode caçá-lo para consumo ou até por esporte. O bicho-homem também atua como traficante de animais. Muitas vezes eles matam as mães e pegam os filhotes para vender sem autorização/licença e servirem como pet (o que é crime ambiental contra a fauna). Filhotes foram resgatados por militares ainda com cordão umbilical. Não somente essas ameaças prejudicam a espécie. A principal delas é a perda e fragmentação de sua casa: as florestas. A agricultura, pecuária, expansão urbana desordenada, incêndios e redes rodoviária e de energia são as causas principais somadas a outras como atropelamentos, eletrocussão e doenças como por exemplo, a febre amarela. Por isso a espécie está categorizada como quase ameaçada pela lista global, nacional e estaduais ao longo de sua ampla distribuição, que inclui os estados: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além do Brasil, a espécie também ocorre na Argentina.

Pesquisadores atuam em conjunto para tentar salvar a espécie dessas ameaças. Monitorando e conhecendo um pouco mais sobre a biologia, ecologia e comportamento desses animais é possível traçar metas para atuar na sua conservação, assim como educando ambientalmente a população e atuando na proteção de suas florestas: reflorestando, conectando e incentivando a criação de unidades de conservação. A participação de todos nesse desafio é importante! Qualquer pessoa pode ser um colaborador: protegendo as matas, divulgando e educando sobre a importância dos animais para o planeta! Não incentivando o tráfico de animais silvestres divulgando e não compartilhando imagens dos primatas como pet também é uma forma de ajudar!



Guigó ou Sauá
(*Callicebus nigrifrons*)

Foto: Roberto Torrubia

Os guigós são assim chamados porque na sua vocalização parece que cantam “guigó-guigó-guigó...”. É um nome tipo onomatopeico (da figura de linguagem onomatopeia, da língua portuguesa). Essa vocalização é usada para reunir o grupo, amedrontar intrusos no território, alertar sobre ameaças, entre diversas outras funções... os antigos acreditam até mesmo que eles a usam para chamar a chuva. Pesquisadores reproduzem os chamados deles em alto-falantes como estratégia para atraí-los e assim monitorá-los e realizar censos populacionais.

São animais de porte mediano, pesando entre 1 e 2 kg e medindo entre 30 e 42 cm. Os grupos são pequenos, compostos de até 6 indivíduos, sendo o casal monogâmico e sua prole. As fêmeas ficam grávidas por um período de 4 a 5 meses, quando dão luz geralmente a apenas um filhote. Ao atingir a maturidade sexual, entre o segundo e quarto ano de vida, os indivíduos saem do grupo em busca de outros indivíduos para formar novos grupos. A sua dieta é bastante variada, assim como do macaco-prego, incluindo itens vegetais como frutos, folhas, flores, mas também itens animais como pequenas presas. Os guigós são animais bastante ativos, passando quase metade do dia se deslocando, a procura de alimento, e se alimentando. São animais bem sociais e uma das interações é chamada de catação, onde um indivíduo “cata” o outro retirando parasitas e provendo uma sensação de conforto e relaxamento ao indivíduo “catado”. Outro comportamento comum é o entrelaçamento/enroscamento das caudas entre dois indivíduos, mais comumente observado ao amanhecer e ao entardecer na árvore em que pernoitam.

Esta espécie ocorre somente no Brasil, sendo encontrada nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo habitando áreas de Mata Atlântica e de transição com o Cerrado. Ao longo de sua distribuição sofre com ameaças. As principais identificadas foram o desmatamento e fragmentação de suas matas causados principalmente pela agricultura, pecuária, expansão urbana, monocultura de eucalipto e incêndios florestais. Estas ameaças ocasionam também a maior exposição das populações isoladas de guigós a outros impactos, como riscos genéticos e demográficos, o que pode ser um dos motivos do declínio populacional, inclusive com extinções em alguns locais, onde não são mais observados nem ouvidos seus cantos. Recentes surtos de febre amarela atingiram toda a extensão de ocorrência da espécie, e guigós foram positivados com o vírus no estado de São Paulo. Essas ameaças estão impactando as populações, que podem levar a espécie à ameaça de extinção, sendo classificada como “quase ameaçada” em listas estaduais e global. Por isso, pesquisadores vêm atuando em pesquisas a fim de traçar metas e mitigar esses impactos. Atue também como protetor da espécie, protegendo suas matas, denunciando e educando a população!

XENARTROS DA APA MANANCIAIS DO RIO PARAÍBA DO SUL

Tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*)



Figura 29: Um exemplar de *Tamandua tetradactyla*. Crédito: Karina Theodoro Molina.

Os tamanduás, assim como as preguiças, são xenartros pertencentes à ordem Pilosa, que se caracteriza por uma pelagem densa e pela presença de dentes pouco desenvolvidos (no caso das preguiças) ou totalmente ausentes (no caso dos tamanduás). No Brasil, existem três tipos de tamanduás: o maior deles é o tamanduá-bandeira, que recebe esse nome pela aparência de sua cauda, grande e com pelos grossos; o menor de todos é o tamanduáí, espécie totalmente arborícola e muito difícil de ser vista. O tamanduá-mirim é menor que o tamanduá-bandeira e maior que o tamanduáí, e tem a habilidade de se locomover tanto pelo chão, quanto pelas árvores. Para isso, ele conta com a ajuda de uma cauda preênsil, como a de alguns primatas e a do gambá. Assim, ele consegue fugir de predadores, se abrigar, descansar, e também procurar alimento. Em geral, os indivíduos tem uma coloração amarela, com duas listras pretas que envolvem o corpo, lembrando um colete (por isso também são chamados de tamanduás-de-colete).

Tal como seus parentes, o tamanduá-mirim se alimenta apenas de formigas e cupins. Possuem um focinho alongado e uma língua bem comprida e pegajosa, que usam para capturar os insetos depois de desenterrá-los com a ajuda de suas garras afiadas. As garras também servem para sua proteção. O tamanduá-mirim não é agressivo, mas quando se sente ameaçado, ele fica de pé com os braços abertos para se defender. Se algum predador o ataca, ele o abraça, e não solta até que se sinta seguro novamente.

É o famoso “abraço de tamanduá”, que faz com que os bichos pensem duas vezes antes de atacá-lo. Infelizmente, ocorrem muitos acidentes com cachorros domésticos, em que os dois animais podem acabar machucados e, muitas vezes, vir a óbito. Por isso, é muito importante evitar que os cachorros se aproximem dos tamanduás! O tamanduá-mirim tem um único filhote por vez, que é carregado no dorso da mãe por um tempo,

até tornar-se independente. Uma curiosidade sobre os tamanduás é que não é possível diferenciar os machos das fêmeas apenas observando-os, já que a genitália se localiza internamente à cavidade abdominal. Outro fato interessante é a pegada que eles deixam no solo, facilmente reconhecida por ser muito parecida com o pé de uma criança!



Figura 30: Um exemplar de *Tamandua tetradactyla*. Crédito: Ruan Trivelato.

O tamanduá-mirim ocorre em todos os biomas brasileiros, em florestas, matas de galeria, savanas, campos e outros tipos de ambientes. São bastante sensíveis à temperatura, sendo mais ativos nos períodos menos quentes do dia. As principais ameaças à espécie são a perda de hábitat, o desmatamento, os incêndios, os conflitos com cães, o aumento da matriz rodoviária (atropelamentos) e a caça. Apesar disso, é uma espécie relativamente comum e estas ameaças não implicam em risco de extinção em um futuro próximo. Por isso, atualmente o tamanduá-mirim não está ameaçado de extinção.



Preguiça-comum
(*Bradypus variegatus*)

Foto: Roberto Torrubia

Preguiças e Tatus

Preguiças são xenartros também pertencentes à ordem Pilosa, e parentes próximas dos tamanduás. Existem várias espécies no Brasil, mas a que provavelmente ocorre na APA Mananciais Paraíba do Sul é a preguiça-comum (*Bradypus variegatus*). Diferente da preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*), espécie endêmica e ameaçada da Mata Atlântica, a preguiça-comum tem ampla distribuição geográfica, ao longo da América do Sul e Central, e não está ameaçada de extinção. Como todas as preguiças, é uma espécie arborícola, que raras vezes desce ao solo, geralmente apenas para defecar. Alimenta-se de folhas, ramos e brotos de plantas, passando a maior parte do tempo em repouso, o que facilita a digestão. As fêmeas de preguiça-comum têm apenas um filhote por gestação, que para de mamar com três a quatro semanas e permanece no ventre da mãe por cerca de seis meses. No final deste período, a mãe deixa o filhote em sua área de vida e busca outra área para evitar a competição com a prole. Apesar dessa espécie não estar ameaçada de extinção, ela sofre com a perda e a fragmentação dos habitats naturais dos quais depende. Além disso, o aumento da matriz rodoviária e energética, as quedas e as apanhas também são ameaças para a espécie, principalmente na Mata Atlântica.

Já os tatus são xenartros que pertencem à ordem Cingulata, por apresentarem uma carapaça que utilizam para defesa contra predadores e proteção contra danos causados pela vegetação. Várias espécies de tatus possivelmente ocorrem na APA Mananciais Paraíba do Sul. Entre elas, está o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), que tem como característica o corpo e a carapaça cobertos de pelos. É um animal onívoro, ou seja, come de tudo, desde insetos até pequenos animais invertebrados e vertebrados, e até mesmo carniça. O tatu-peba é mais ativo durante o dia e cava suas tocas em áreas abertas. Já os tatus do gênero *Dasypus*, como o tatu-galinha, preferem cavar suas tocas na mata fechada, são mais ativos durante a noite e se alimentam de insetos, pequenos animais e ovos de vertebrados. Outros tatus que podem ocorrer na APA são os do gênero *Cabassous*, que são conhecidos como tatus-de-rabo-mole (ou tatus-rabo-de-sola) por não possuírem escudos na cauda, como na carapaça. Estes tatus comem formigas e cupins, assim como os tamanduás, e a sua toca é fácil de reconhecer, pois o buraco é bem redondo. Nenhuma das espécies de tatu mencionadas está ameaçada de extinção. Apesar disso, todas elas sofrem com a perda de habitat e muitas delas são caçadas.



Tatu-de-rabo-mole-grande (*Cabassous tatouay*)



Foto: Roberto Torrubia

Tatupeba
(*Euphractus sexcinctus*)



Foto: Roberto Torrubia

Tatupeba
(*Euphractus sexcinctus*)



Tatu-de-rabo-mole-pequeno
(*Cabassous unicinctus*)



Tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres CEMAVE foi criado em 1977 com o objetivo de estudar as aves migratórias e suas rotas. Com o passar dos anos, o foco do CEMAVE foi ampliado para a realização de pesquisa e a conservação de aves silvestres em todo o território brasileiro. Atualmente vinculado ao ICMBio, tem a missão de promover a conservação de aves silvestres e seus ambientes por meio de políticas públicas e participação da sociedade.

O CEMAVE também é responsável pelo Sistema Nacional de Anilhamento de Aves Silvestres - SNA, coordenando o programa nacional de marcação de aves na natureza com anéis numerados (anilhas), o maior do gênero na América Latina. Promove cursos nacionais e internacionais sobre o anilhamento de aves silvestres e desenvolve pesquisas de campo voltadas ao monitoramento (Programa Monitora) e à manutenção das populações naturais de aves em Unidades de Conservação, especialmente ameaçadas de extinção e migratórias. O CEMAVE também é responsável pela Avaliação do Estado de Conservação das Aves Brasileiras e pela elaboração e coordenação de Planos de Ação Nacionais (PAN) para conservação de aves brasileiras ameaçadas de extinção e migratórias.

Atualmente o CEMAVE coordena o Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Mata Atlântica, que tem interface com a região da APA Mananciais da Bacia do Rio Paraíba do Sul. O PAN Aves da Mata Atlântica foi elaborado com intuito de evitar a extinção das aves que ocorrem no bioma Mata Atlântica, região que concentra o maior número de espécies ameaçadas no mundo. Em seu 1º ciclo de gestão (e.i. 2017-2022) o plano busca aumentar a chance de sobrevivência de 104 táxons ameaçados de extinção, além de 22 espécies que estão na categoria “quase ameaçadas”. Para reverter esse cenário, o PAN prioriza a proteção e restauração de habitats remanescentes, visando conectá-los futuramente; ao mesmo tempo, busca reduzir os impactos relacionados à caça, tráfico e problemas decorrentes da inadequada recondução de aves à natureza. O controle de espécies exóticas invasoras também ganhou merecida atenção. Em 2022, será elaborado o 2º ciclo de gestão do PAN Aves da Mata Atlântica.

Dentre as espécies de aves contempladas no PAN Aves da Mata Atlântica, seis espécies ameaçadas se destacam com ocorrência na APA Mananciais da Bacia do Rio Paraíba do Sul: o bicudinho-do-brejo-paulista (*Formicivora acutirostris*) classificado como criticamente ameaçado (CR), a águia-cinzenta (*Urubitinga coronata*) classificada como em perigo (EN), e o gavião-pombo-pequeno (*Amadonastur lacernulatus*), a cigarra-verdadeira (*Sporophila falcirostris*), o pixoxó (*Sporophila frontalis*) e o apuim-de-costas-pretas (*Touit melanonotus*) todos classificados como vulneráveis (VU).

O CEMAVE acompanha o progresso das iniciativas de conservação envolvendo as espécies contempladas no PAN Aves Mata Atlântica que conta com uma rede de colaboradores dispostos a atuar na recuperação dessas espécies.

ESPÉCIES DE AVES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO QUE OCORREM NA APA MANANCIAIS DO RIO PARAIBA DO SUL

Águia-cinzenta
(*Urubitinga coronata*)



Figura 31: Crédito: Roberto Torrubia

Apuim-de-costas-pretas
(*Touit melanonotus*)



Figura 32: Crédito: Marco Cruz

Bicudinho-do-brejo-paulista
(*Formicivora paludicola*)



Figura 33: Crédito: Roberto Torrubia

Gavião-pombo-pequeno
(*Amadonastur lacernulatus*)



Figura 34: Crédito: Marco Cruz

Cigarrinha-do-sul
(*Sporophila falcirostris*)



Figura 35: Crédito: Marco Cruz.

Pixoxó
(*Sporophila frontalis*)



Figura 36: Crédito: Roberto Torrubia.

GUIA DE RECONHECIMENTO DAS ESPÉCIES DE AVES.

Entendendo as indicações

Exemplo de quadro de espécie com dimorfismo sexual ou ave em voo ou outras particularidades



Nome popular

Família

 Nome científico | English name

Tamanho O

Estado de conservação

-  Pouco preocupante
-  Quase ameaçada
-  Vulnerável
-  Em perigo
-  Em perigo crítico

Outros

-  Endêmica*
-  Exótica**
-  Migratória ou parcialmente migratórias
-  Migração de passagem
-  Presença esporádica ou errônea
-  Ocorrência pontual

(*) **Espécies endêmica:** São espécies nativas restritas a uma determinada região geográfica.

(**) **Espécies exótica:** São espécies que ocorrerem fora de sua região natural sendo introduzidas ou invasoras.

Dimorfismo sexual: é quando o macho e a fêmea da mesma espécie são diferentes externamente. (Na maioria das vezes o macho tem cores mais chamativas)

Cores indicativas de frequência de avistamentos das espécies na região da APA Paraíba do Sul:

- (Indicações baseadas em experiências de campo dos autores do livro nos últimos 10 anos)
- Algumas espécies são mais comuns em determinadas regiões que outras, isso pode ser determinado pelo habitat, altitude e interferência humana.
- Importante ressaltar que algumas espécies podem ser mais comuns ou mais incomuns em outras localidades fora da região da APA

-  Facilmente avistada
-  Geralmente avistada
-  Pouco avistada
-  Dificilmente avistada
-  Raramente avistada
-  Rarissimamente avistada

- A região da APA possui vários ambientes distintos como áreas de várzea e alagados, campos, matas densas, campos de altitudes e até pequenos fragmentos de cerrado.

Indicações das regiões de ocorrência

(Espécies sem essas indicações costumam estar presentes em várias regiões)

-  Várzea e arrozais
-  Ambas as Serras (Altitude superiores a 1.200.m de altitude)
-  Serra do Mar (Possui espécies de matas mais litorâneas)
-  Serra da Mantiqueira (Possui espécies de grandes altitudes)

Áreas onde a espécie costuma ser avistada com maior frequência*

-  Ambientes diversos
-  Rios, Lagos e brejos
-  Campos limpos e úmidos, cerrado e campo rupestre
-  Borda de mata ou mata ciliar
-  Floresta

 Macho  Fêmea

(*) Atenção: os indicadores acima têm como referência a experiência de observação dos autores desta sessão da publicação.

NT



Foto: Roberto Torrubia

Macuco

Tinamidae

F

Tinamus solitarius | Solitary Tinamou

52 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Inhambu-chintã

Tinamidae

F

Crypturellus tataupa | Tataupa Tinamou

22 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Inhambuguaçu

Tinamidae

F

Crypturellus obsoletus | Brown Tinamou

28 a 32 cm O

LC



Foto: Marcelo Indinho

Inhambu-chororó

Tinamidae

C

Crypturellus parvirostris | Small-billed Tinamou

21 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Codorna-amarela

Tinamidae

C

Nothura maculosa | Spotted Nothura

23 cm O



LC

→

Foto: Roberto Torrubia

Irerê

Anatidae

A

Dendrocygna viduata | White-faced Whistling-Duck

44 cm O



LC

→

→

Foto: Roberto Torrubia

Marreca-caneleira

Anatidae

A

Dendrocygna bicolor | Fulvous Whistling-Duck

48 cm O



LC

→

Foto: Roberto Torrubia

Marreca-cabocla

Anatidae

A

Dendrocygna autumnalis | Black-bellied Whistling-Duck

48 cm O





Foto: Roberto Torrubia

Paturi-preta

Anatidae

A *Netta erythrophthalma* | Southern Pochard

50 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

Marreca-caucau ou Marreca-de-bico-roxo

Anatidae

A *Nomonyx dominicus* | Masked Duck

33 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

Pato-de-crista

Anatidae

A *Sarkidiornis sylvicola* | Comb Duck

76 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

Pato-do-mato

Anatidae

A *Cairina moschata* | Muscovy Duck

85 cm ♂



Marrecão

Anatidae

A *Netta peposaca* | Rosy-billed Pochard

55 cm ○



Anhuma

Anhimidae

A *Anhima cornuta* | Horned Screamer

80 cm ○



Jacuguaçu

Cracidae

B *Penelope obscura* | Dusky-legged Guan

72 cm ○



Uru

Odontophoridae

F *Odontophorus capueira* | Spot-winged Wood-Quail

24 cm ○



Foto: Marco Cruz

Mergulhão-pequeno

Podicipedidae

A

Tachybaptus dominicus | Least Grebe

23 cm O

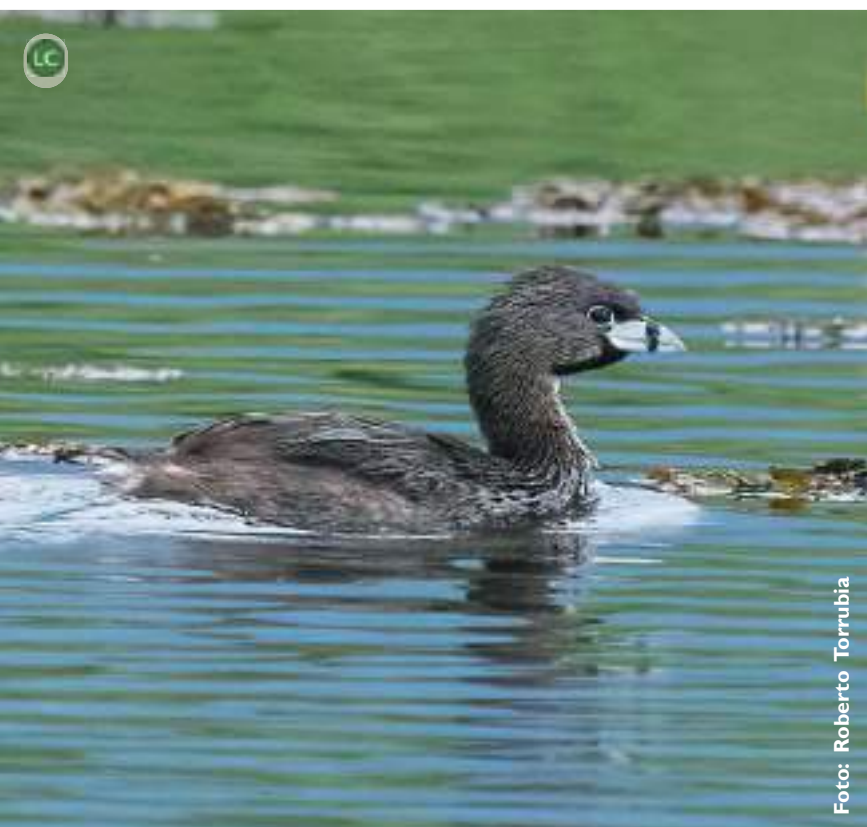


Foto: Roberto Torrubia

Mergulhão-caçador

Podicipedidae

A

Podilymbus podiceps | Pied-billed Grebe

35 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pombo-doméstico

Columbidae

D

Columba livia | Rock Pigeon

35 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pomba-asa-branca

Columbidae

C

Patagioenas picazuro | Picazuro Pigeon

36 cm O



Pomba-amargosa

Columbidae

F *Patagioenas plumbea* | Plumbeous Pigeon

30 cm O

Foto: Roberto Torrubia



Foto: Roberto Torrubia

Pomba-galega

Columbidae

F *Patagioenas cayennensis* | Pale-vented Pigeon

32 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Avoante

Columbidae

C *Zenaida auriculata* | Eared Dove

24 cm O





Foto: Roberto Torrubia

Rolinha-de-asa-canela

Columbidae

C *Columbina minuta* | Plain-breasted Ground-Dove

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Anu-branco

Cuculidae

C *Guira guira* | Guira Cuckoo

38 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Anu-preto

Cuculidae

C *Crotophaga ani* | Smooth-billed Ani

36 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Alma-de-gato

Cuculidae

B *Piaya cayana* | Squirrel Cuckoo

46 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Saci

Cuculidae

C *Tapera naevia* | Striped Cuckoo

29 cm ○



Foto: Marcelo Alves (Indinho)

Papa-lagarta-de-asa-vermelha

Cuculidae

B *Coccyzus americanus* | Yellow-billed Cuckoo

25 cm ○



Foto: Silvia Linhares

Papa-lagarta-cinzento

Cuculidae

B *Micrococcyx cinereus* | Ash-colored Cuckoo

24 cm O



Foto: Rafael Fortes

Papa-lagarta-de-euler

Cuculidae

B *Coccyzus euleri* | Pearly-breasted Cuckoo

23 cm O



Foto: Marco Cruz

Papa-lagarta-acanelado

Cuculidae

B *Coccyzus melacoryphus* | Dark-billed Cuckoo

28 cm O



Foto: Marco Cruz

Urutau / Mãe-da-lua

Nyctibiidae

D *Nyctibius griseus* | Common Potoo

35 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Bacurau

Caprimulgidae

B *Nyctidromus albicollis* | Common Pauraque

30 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Bacurau-da-telha

Caprimulgidae

B *Hydropsalis longirostris* | Band-winged Nightjar

22 cm ○



Bacurau-ocelado

Caprimulgidae

F *Nyctiphrynus ocellatus* | Ocellated Poorwill

20 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



João-corta-pau

Caprimulgidae

F *Antrostomus rufus* | Rufous Nightjar

28 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



Bacurau-chintã

Caprimulgidae

C *Hydopsalis parvula* | Little Nightjar

20 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



Bacurau-de-rabo-maculado

Caprimulgidae

C *Hydopsalis maculicaudus* | Spot-tailed Nightjar

19 cm ○

Foto: Marco Cruz

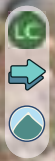


Foto: Roberto Torrúbia (M) Marco Cruz (F)

Bacurau-tesourão

Caprimulgidae

B

Hydrosalis forcipata | Long-trained Nightjar

76 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Bacurau-tesoura

Caprimulgidae

B

Hydrosalis torquata | Scissor-tailed Nightjar

40 cm O

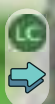


Foto: Roberto Torrúbia

Tuju

Caprimulgidae

F

Lurocalis semitorquatus | Short-tailed Nighthawk

27 cm O



Foto: Marco Cruz

Coruçã

Caprimulgidae



Podager nacunda | Nacunda Nighthawk

29 cm ○



Foto: Karoline Zamluti

Taperuçu-preto

Apodidae



Cypseloides fumigatus | Sooty Swift

15 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Taperuçu-velho

Apodidae



Cypseloides senex | Great Dusky Swift

18 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Andorinhão-do-temporal

Apodidae



Chaetura meridionalis | Sick's Swift

14 cm ○



LC

Foto: Roberto Torrubia

Taperuçu-de-coleira-branca

Apodidae

Streptoprocne zonaris | White-collared Swift

21 cm ○



LC



Foto: Marco Cruz

Taperuçu-de-coleira-falha

Apodidae

Streptoprocne biscutata | Biscutate Swift

21 cm ○



LC



Foto: Roberto Torrubia

Andorinha-serradora

Hirundinidae

Stelgidopteryx ruficollis | Southern Rough-winged Swallow

14 cm ○



LC



Foto: Roberto Torrubia

Andorinha-morena

Hirundinidae

Alopochelidon fucata | Tawny-headed Swallow

12 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Andorinha-pequena-de-casa

Hirundinidae

 *Pygochelidon cyanoleuca* | Blue-and-white Swallow

13 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Andorinha-grande

Hirundinidae

 *Progne chalybea* | Gray-breasted Martin

20 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Andorinha-do-campo

Hirundinidae

 *Progne tapera* | Brown-chested Martin

17 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Andorinha-do-rio

Hirundinidae

 *Tachycineta albiventer* | White-winged Swallow

14 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Andorinha-de-sobre-branco

Hirundinidae

C *Tachycineta leucorrhoa* | White-rumped Swallow

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-preto

Trochilidae

B *Florisuga fusca* | Black Jacobin

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Rabo-branco-acanelado

Trochilidae

B *Phaethornis pretrei* | Planalto Hermit

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Rabo-branco-de-garganta-rajada

Trochilidae

B *Phaethornis eurynome* | Scale-throated Hermit

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-topete-verde

Trochilidae

B *Stephanoxis lalandi* | Green-crowned Plovercrest

8 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-orelha-violeta

Trochilidae

B *Colibri serrirostris* | White-vented Violetear

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-bochecha-azul

Trochilidae

B *Heliophryx auritus* | Black-eared Fairy

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-veste-preta

Trochilidae

B *Anthracothorax nigricollis* | Black-throated Mango

11 cm O



♀

LC



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-rubi

Trochilidae

B

Heliodoxa rubricauda | Brazilian Ruby

12 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Besourinho-de-bico-vermelho

Trochilidae

B

Chlorostilbon lucidus | Glittering-bellied Emerald

9 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Bico-reto-de-banda-branca

Trochilidae

B

Heliomaster squamosus | Stripe-breasted Starthroat

11 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-fronte-violeta

Trochilidae

B

Thalurania glaucopis | Violet-capped Woodnymph

11 cm O



Foto: Marco Cruz

Beija-flor-tesoura

Trochilidae

B *Eupetomena macroura* | Swallow-tailed Hummingbird

17 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-cinza

Trochilidae

B *Aphantochroa cirrochloris* | Sombre Hummingbird

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-banda-branca

Trochilidae

B *Amazilia versicolor* | Versicolored Emerald

8 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-garganta-verde

Trochilidae

B *Chionomesa fimbriata* | Glittering-throated Emerald

10 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-papo-branco

Trochilidae

B *Leucochloris albicollis* | White-throated Hummingbird 10 cm ○

LC



Foto: Roberto Torrubia

Estrelinha-ametista

Trochilidae

B *Calliphlox amethystina* | Amethyst Woodstar 8 cm ○



♀

LC



Foto: Roberto Torrubia

Beija-flor-de-peito-azul

Trochilidae

B *Amazilia láctea* | Sapphire-spangled Emerald 9 cm ○

NT



Foto: Roberto Torrubia

Topetinho-verde

Trochilidae

B *Lophornis chalybeus* | Festive Coquette 8 cm ○



♀



Foto: Roberto Torrubia

Carão

Aramidae



Aramus guarauna | Limpkin

70 cm ○



Foto: Daniel Barbare

Pinto-d'água-carijó

Rallidae



Coturnicops notatus | Speckled Rail

13 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Sanã-vermelha

Rallidae



Laterallus leucopyrrhus | Red-and-white Crake

17 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Sanã-parda

Rallidae



Laterallus melanophaius | Rufous-sided Crake

16 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Sanã-carijó

Rallidae

A *Mustelirallus albicollis* | Ash-throated Crake

23 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Sanã-do-capim

Rallidae

A *Laterallus exilis* | Gray-breasted Crake

14 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Saracura-carijó

Rallidae

A *Pardirallus maculatus* | Spotted Rail

26 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Saracura-do-banhado

Rallidae

A *Pardirallus sanguinolentus* | Plumbeous Rail

32 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Saracura-do-mato

Rallidae

B

Aramides saracura | Slaty-breasted Wood-Rail

35 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Saracura-sanã

Rallidae

A

Pardirallus nigricans | Blackish Rail

30 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Frango-d'água-azul

Rallidae

A

Porphyrio martinica | Purple Gallinule

53 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Galinha-d'água (Frango-d'água)

Rallidae

A

Gallinula galeata | Common Gallinule

34 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Batuiruçu

Charadriidae



Pluvialis dominica | American Golden-Plover

27 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Batuíra-de-coleira

Charadriidae



Charadrius collaris | Collared Plover

15 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Quero-quero

Charadriidae



Vanellus chilensis | Southern Lapwing

37 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Pernilongo-de-costas-brancas

Recurvirostridae



Himantopus melanurus | White-backed Stilt

38 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Maçarico-de-perna-amarela

Scolopacidae

A *Tringa flavipes* | Lesser Yellowlegs

25 cm ○

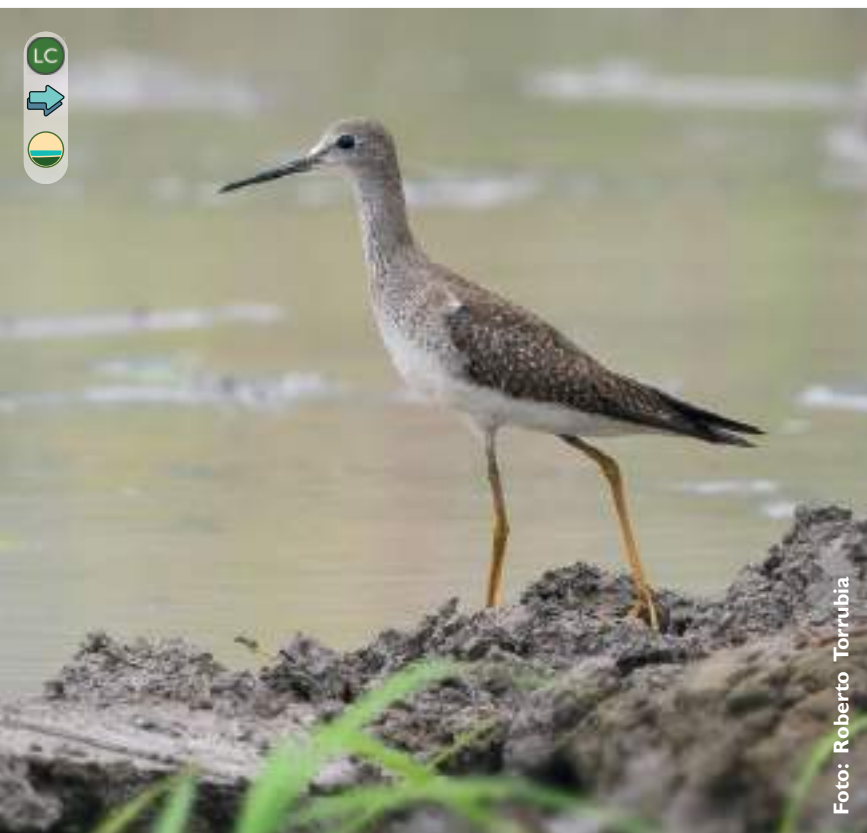


Foto: Roberto Torrúbia

Maçarico-grande-de-perna-amarela

Scolopacidae

A *Tringa melanoleuca* | Greater Yellowlegs

31 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Maçarico-solitário

Scolopacidae

A *Tringa solitaria* | Solitary Sandpiper

19 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Maçarico-de-colete

Scolopacidae

A *Calidris melanotos* | Pectoral Sandpiper

22 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Maçarico-de-sobre-branco

Charadriidae

A *Caladris fuscicollis* | White-rumped Sandpiper 15 cm



Foto: Roberto Torrubia

Maçarico-de-bico-virado

Scolopacidae

A *Limosa haemastica* | Hudsonian Godwit 38 cm



Foto: Roberto Torrubia

Pisa-n'água

Scolopacidae

A *Phalaropus tricolor* | Wilson's Phalarope 20 cm

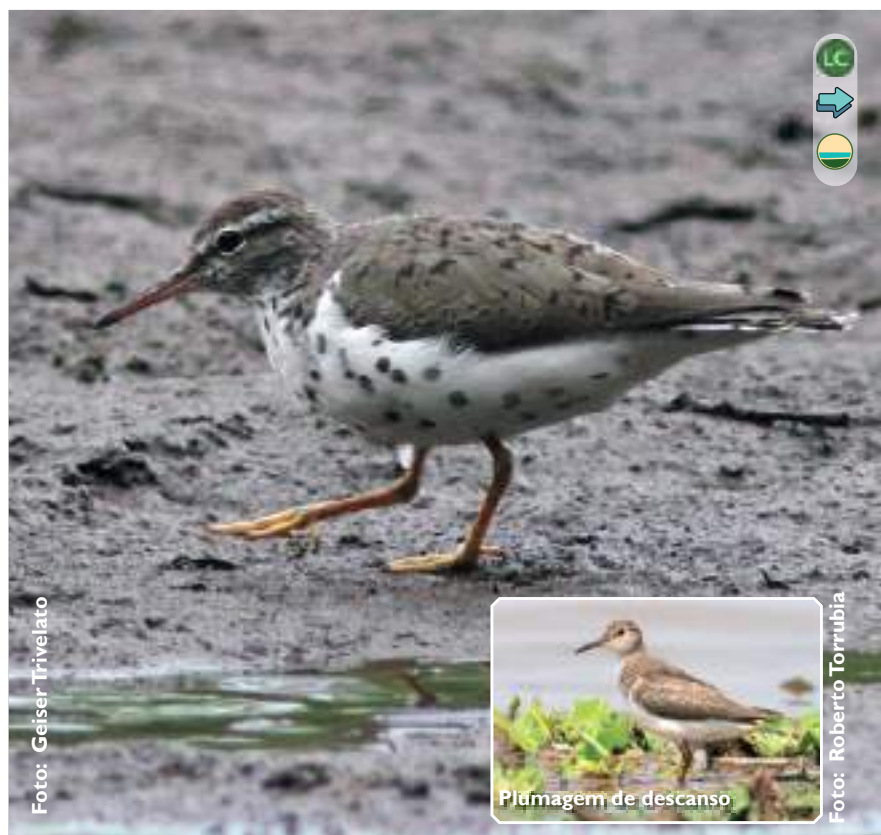


Foto: Geiser Trivelato

Foto: Roberto Torrubia

Maçarico-pintado

Scolopacidae

A *Actitis macularius* | Spotted Sandpiper 14 cm

Plumagem de descanso



Narceja

Scolopacidae

A *Gallinago paraguaiae* | South American Snipe

28 cm O

Foto: Roberto Torrubia



Narcejão

Scolopacidae

A *Gallinago undulata* | Giant Snipe

45 cm O

Foto: Roberto Torrubia



Jaçanã

Jacaniidae

A *Jacana jacana* | Wattled Jacana

23 cm O

Foto: Roberto Torrubia



Cabeça-seca

Ciconiidae

A *Mycteria americana* | Wood Stork

93 cm O

Foto: Roberto Torrubia



Foto: Roberto Torrubia

Tuiuiú

Ciconiidae

A *Jabiru mycteria* | Jabiru

140 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Biguatinga

Anhingidae

A *Anhinga aninga* | Anhinga

88 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Biguá

Phalacrocoracidae

A *Nannopterum brasilianus* | Neotropic Cormorant

77 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Socó-dorminhoco (Savacu)

Ardeidae

A *Nycticorax nycticorax* | Black-crowned Night-Heron

60 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Socó-boi-baio

Ardeidae

A *Botaurus pinnatus* | Pinnated Bittern

70 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Socó-boi

Ardeidae

A *Tigrisoma lineatum* | Rufescent Tiger-Heron

70 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Socozinho

Ardeidae

A *Butorides striata* | Striated Heron

36 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Garça-real

Ardeidae

A *Pilherodius pileatus* | Capped Heron

55 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Garça-vaqueira

Ardeidae

C *Bubulcus ibis* | Cattle Egret

50 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Garça-branca-grande

Ardeidae

A *Ardea alba* | Great Egret

90 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Garça-branca-pequena

Ardeidae

A *Egretta thula* | Snowy Egret

55 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Garça-azul

Ardeidae

A *Egretta caerulea* | Little Blue Heron

50 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Garça-moura

Ardeidae

A *Ardea cocoi* | Cocker Heron

115 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Maria-faceira

Ardeidae

D *Syrigma sibilatrix* | Whistling Heron

50 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Colhereiro

Threskiornithidae

A *Platalea ajaja* | Roseate Spoonbill

75 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Coró-coró

Threskiornithidae

A

Mesembrinibis cayennensis | Green Ibis

58 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Caraúna

Threskiornithidae

A

Plegadis chihi | White-faced Ibis

58 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tapicuru

Threskiornithidae

A

Phimosus infuscatus | Bare-faced Ibis

50 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Curicaca

Threskiornithidae

D

Theristicus caudatus | Buff-necked Ibis

69 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Talha-mar

Laridae

A *Rynchops niger* | Black Skimmer

50 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Urubu-de-cabeça-vermelha

Cathartidae

B *Cathartes aura* | Turkey Vulture

72 cm ○

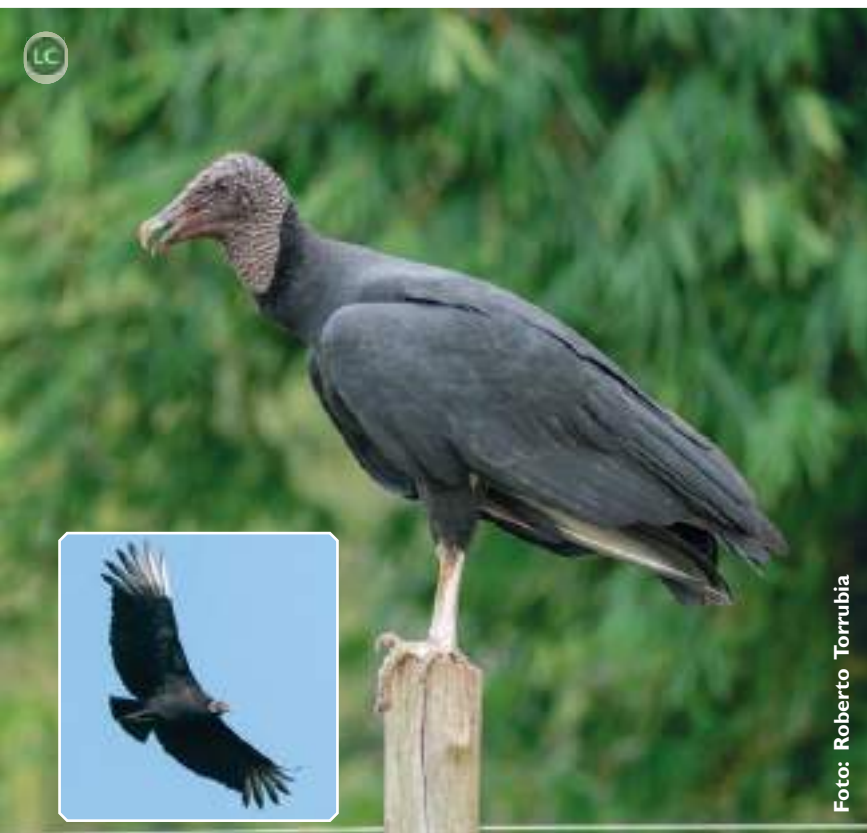


Foto: Roberto Torrubia

Urubu-preto

Cathartidae

C *Coragyps atratus* | Black Vulture

62 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Urubu-de-cabeça-amarela

Cathartidae

B *Cathartes burrovianus* | Lesser Yellow-headed Vulture

60 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Urubu-rei

Cathartidae

B

Sarcoramphus papa | King Vulture

85 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Águia-cinzenta

Accipitridae

C

Urubitinga coronata | Crowned Eagle

80 cm ○



Foto: Thiago Carneiro

Gavião-pega-macaco

Accipitridae

C

Spizaetus tyrannus | Black Hawk-Eagle

62 cm ○



Foto: Marco Cruz

Gavião-pato

Accipitridae

F *Spizaetus melanoleucus* | Black-and-white Hawk-Eagle 56 cm ○



Foto: Maicon Pereira

Gavião-pombo-grande

Accipitridae

F *Pseudastur polionotus* | Mantled Hawk

51 cm ○



Foto: Marco Cruz

Gavião-pombo-pequeno

Accipitridae

B *Amadonastur lacernulatus* | White-necked Hawk

47 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Gavião-de-rabo-branco

Accipitridae

C

Geranoaetus albicaudatus | White-tailed Hawk

61 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Foto: Marco Cruz

Gavião-de-cauda-curta

Accipitridae

F

Buteo brachyurus | Short-tailed Hawk

40 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Gavião-de-sobre-branco

Accipitridae

B

Parabuteo leucorrhous | White-rumped Hawk

36 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Gavião-carijó

Accipitridae

D

Rupornis magnirostris | Roadside Hawk

35 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Gavião-caboclo

Accipitridae

Heterospizias meridionalis | Savanna Hawk

61 cm O



Foto: Hector Bottai

Foto: Roberto Torrubia

Gavião-de-cabeça-cinza

Accipitridae

Leptodon cayanensis | Gray-headed Kite

50 cm O



Foto: Luiz Ribenboim

Gavião-pernilongo

Accipitridae

Geranospiza caerulescens | Crane Hawk

33 - 50 cm O

**Gavião-caracoleiro**

Accipitridae

*Chondrohierax uncinatus* | Hook-billed Kite

39 a 51 O

**Gavião-do-banhado**

Accipitridae

*Circus buffoni* | Long-winged Harrier

54 cm O

**Gavião-caramujeiro**

Accipitridae

*Rostrhamus sociabilis* | Snail Kite

44 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Gavião-bombachinha

Accipitridae

F

Harpagus diodon | Rufous-thighed Kite

33 cm O



Foto: Rafael Fortes

Gavião-bombachinha-grande

Accipitridae

B

Accipiter bicolor | Bicolored Hawk

36 cm O



Foto: Rafael Moreira (Rafunha)

Sovi

Accipitridae

D

Ictinia plumbea | Plumbeous Kite

34 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tauató-miúdo (Gavião-miúdo)

Accipitridae

B

Accipiter striatus | Sharp-shinned Hawk

24 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Gavião-peneira

Accipitridae



Elanus leucurus | White-tailed Kite

35 - 43 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Águia-pescadora

Pandionidae



Pandion haliaetus | Osprey

57 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Gavião-tesoura

Accipitridae



Elanoides forficatus | Swallow-tailed Kite

60 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Acauã

Falconidae



Herpetotheres cachinnans | Laughing Falcon

52 cm O





Foto: Roberto Torrúbia

Carcará

Falconidae



Caracara plancus | Southern Caracara

56 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Carrapateiro

Falconidae



Milvago chimachima | Yellow-headed Caracara

40 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Falcão-peregrino

Falconidae



Falco peregrinus | Peregrine Falcon

48 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Falcão-de-coleira

Falconidae



Falco femoralis | Aplomado Falcon

36 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Quiriquiri

Falconidae

C

Falco sparverius | American Kestrel

25 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Cauré

Falconidae

B

Falco rufigularis | Bat Falcon

60 cm O

LC



Foto: Thiago Carneiro

Falcão-relógio

Falconidae

F

Micrastur semitorquatus | Collared Forest-Falcon

50 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Falcão-caburé

Falconidae

F

Micrastur ruficollis | Barred Forest-Falcon

36 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Suindara

Tytonidae

 *Tyto furcata* | American Barn Owl

33 a 36 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Caburé

Strigidae

 *Glaucidium brasilianum* | Ferruginous Pygmy-Owl

16 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Coruja-buraqueira

Strigidae

 *Athene cunicularia* | Burrowing Owl

21 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Caburé-acanelado

Strigidae

B *Aegolius harrisii* | Buff-fronted Owl

21 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Corujinha-do-mato

Strigidae

B *Megascops choliba* | Tropical Screech-Owl

21 cm O



Foto: Marco Cruz

Murucututu-de-barriga-amarela

Strigidae

F *Pulsatrix koeniswaldiana* | Tawny-browed Owl

44 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Corujinha-sapo

Strigidae

F *Megascops atricapilla* | Black-capped Screech-Owl

23 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Coruja-listrada

Strigidae

B

Strix hylophila | Rusty-barred Owl

35 cm O



Foto: Marco Cruz

Mocho-diabo

Strigidae

D

Asio stygius | Stygian Owl

43 cm O



Foto: Marco Cruz

Coruja-do-mato

Strigidae

F

Strix virgata | Mottled Owl

33 a 34 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Coruja-orelhuda

Strigidae

B

Asio clamator | Striped Owl

35 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Jacurutu

Strigidae

B *Bubo virginianus* | Great Horned Owl

55 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Coruja-preta

Strigidae

F *Strix huhula* | Black-banded Owl

40 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Juruva

Momotidae

B *Baryphthengus ruficapillus* | Rufous-capped Motmot

42 cm O



Foto: Roberto Torrubia

♀

♂

Surucuá-variado

Trogonidae

F *Trogon surrucura* | Surucua Trogon

26 cm O



Foto: Roberto Torrubia

♀

Surucuá-dourado

Trogonidae

F *Trogon chrysochloros* | Southern Black-throated Trogon

25 cm O



Foto: Roberto Torrubia

♀



Martim-pescador-grande

Alcedinidae

A *Megaceryle torquata* | Ringed Kingfisher

42 cm O

LC



Foto: Roberto Torrúbia

Foto: Luzete Amaral

Martim-pescador-verde

Alcedinidae

A *Chloroceryle amazona* | Amazon Kingfisher

29 cm O

LC



Foto: Roberto Torrúbia

Foto: Marco Cruz

Martim-pescador-pequeno

Alcedinidae

A *Chloroceryle americana* | Green Kingfisher

19 cm O

LC



Foto: Roberto Torrúbia

João-bobo

Bucconidae

C *Nystalus chacuru* | White-eared Puffbird

18 cm O

NT



Foto: Roberto Torrúbia

Barbudo-rajado

Bucconidae

F *Malacoptila striata* | Crescent-chested Puffbird

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Araçari-banana

Ramphastidae

F *Pteroglossus bailloni* | Saffron Toucanet

35 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tucanuçu

Ramphastidae

C *Ramphastos toco* | Toco Toucan

56 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tucano-de-bico-verde

Ramphastidae

B *Ramphastos dicolorus* | Red-breasted Toucan

48 cm O



Foto: Roberto Torrúbia



Foto: Marco Cruz

Pica-pau-rei

Picidae

B *Campephilus robustus* | Robust Woodpecker

36 cm ♂



Foto: Roberto Torrúbia

♀



♀

Pica-pau-de-banda-branca

Picidae

B *Dryocopus lineatus* | Lineated Woodpecker

33 cm ♂



Foto: Roberto Torrúbia

Pica-pau-verde-barrado

Picidae

B *Colaptes melanochloros* | Green-barred Woodpecker

28 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

Pica-pau-do-campo

Picidae

C *Colaptes campestris* | Campo Flicker

32 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pica-pau-branco

Picidae

B *Melanerpes candidus* | White Woodpecker

25 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pica-pau-de-cabeça-amarela

Picidae

B *Celeus flavescens* | Blond-crested Woodpecker

28 cm O

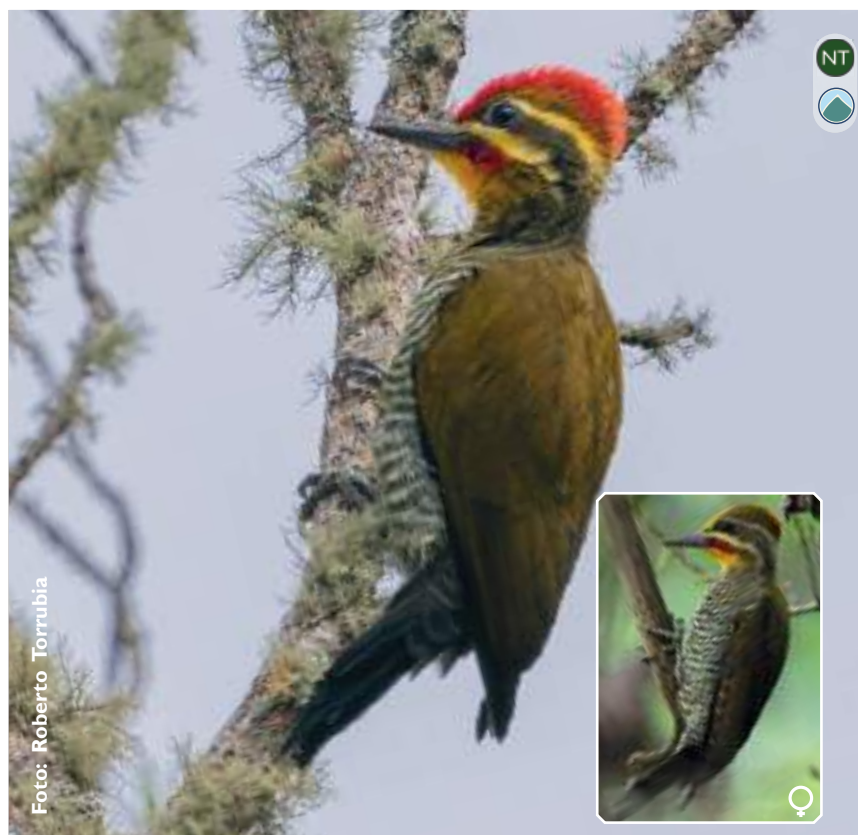


Foto: Roberto Torrubia

Pica-pau-dourado

Thamnophilidae

F *Piculus aurulentus* | White-browed Woodpecker

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pica-pau-verde-carijó

Picidae

B *Veniliornis spilogaster* | White-spotted Woodpecker

17 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Pica-pau-de-testa-pintada

Picidae

B *Veniliornis maculifrons* | Yellow-eared Woodpecker

16 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Picapauzinho-barrado

Picidae

B *Picumnus cirratus* | White-barred Piculet

10 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Seriema

Cariamidae



Cariama cristata | Red-legged Seriema

70 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Papagaio-verdadeiro

Psittacidae



Amazona aestiva | Turquoise-fronted Parrot

36 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Papagaio-de-peito-roxo

Psittacidae



Amazona vinacea | Vinaceous-breasted Parrot

35 cm ○

LC



Foto: Roberto Torrubia

Maitaca-verde

Psittacidae

F *Pionus maximiliani* | Scaly-headed Parrot

25 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Tuim

Psittacidae

C *Forpus xanthopterygius* | Blue-winged Parrotlet

12 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Cuiú-cuiú

Psittacidae

F *Pionopsitta pileata* | Pileated Parrot

22 cm O

NT



Foto: Roberto Torrubia

Maracanã

Psittacidae

D *Primolius maracana* | Blue-winged Macaw

40 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Periquito-rico

Psittacidae

Brotogeris chiriri | Yellow-chevroned Parakeet

21 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Periquito-de-encontro-amarelo

Psittacidae

Brotogeris chiriri | Yellow-chevroned Parakeet

23 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Periquitão

Psittacidae

Psittacara leucophthalmus | White-eyed Parakeet

32 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tiriba-de-testa-vermelha

Psittacidae

B *Pyrrhura frontalis* | Maroon-bellied Parakeet

27 cm O



Foto: Marco Cruz

O₁



O₂

Foto: Roberto Torrubia

Bicudinho-do-brejo-paulista

Thamnophilidae

A *Formicivora paludicola* | São Paulo Antwren

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

O₁



O₂

Choquinha-carijó

Thamnophilidae

F *Drymophila malura* | Dusky-tailed Antbird

14 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choquinha-de-dorso-vermelho

Thamnophilidae

F *Dryophila ochropyga* | Ochre-rumped Antbird 13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choquinha-da-serra

Thamnophilidae

F *Dryophila genei* | Rufous-tailed Antbird 14 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Dituí - Trovoadá

Thamnophilidae

F *Dryophila ferruginea* | Ferruginous Antbird 14 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choquinha-duble - Trovoadá-de-bertoni

Thamnophilidae

F *Dryophila rubicollis* | Bertoni's Antbird 13 cm O



Foto: Marco Cruz

Choquinha-de-garganta-pintada

Thamnophilidae

F *Rhopias gularis* | Star-throated Antwren 10 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choquinha-de-asa-ferrugem

Thamnophilidae

F *Dysithamnus xanthopterus* | Rufous-backed Antwren 12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choquinha-de-peito-pintado

Thamnophilidae

F *Dysithamnus stictothorax* | Spot-breasted Antwren 13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choquinha-lisa

Thamnophilidae

B *Dysithamnus mentalis* | Plain Antwren 11 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choca-da-mata

Thamnophilidae

B *Thamnophilus caeruleus* | Variable Antshrike

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Choca-de-chapéu-vermelho

Thamnophilidae

A *Thamnophilus ruficapillus* | Rufous-capped Antshrike

17 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Matracão

Thamnophilidae

F *Batara cinerea* | Giant Antshrike

34 cm O



Foto: Marcelo Indinho

Chocão-carijó

Thamnophilidae

F *Hypodauleus guttatus* | Spot-backed Antshrike

20 cm O



Foto: Marco Cruz

Foto: Roberto Torrubia

Borrallhara-assobiadora

Thamnophilidae

F *Mackenziaena leachii* | Large-tailed Antshrike

26 cm O



Foto: Luiz Ribenboim

Foto: Roberto Torrubia

Borrallhara

Thamnophilidae

F *Mackenziaena severa* | Tufted Antshrike

22 cm O



Foto: Marco Cruz

Foto: Luiz Ribenboim

Papo-branco

Thamnophilidae

F *Biatas nigropectus* | White-bearded Antshrike

18 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Foto: Roberto Torrubia

Papa-taoca-do-sul

Thamnophilidae

F *Pyriglena leucoptera* | White-shouldered Fire-eye

17 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Papa-formiga-de-grota

Thamnophilidae

F *Myrmoderus squamosus* | Squamate Antbird 15 cm O

Foto: Roberto Torrubia

Cuspidor-de-máscara-preta

Conopophagidae

F *Conopophaga melanops* | Black-cheeked Gnateater 11 cm O

Foto: Roberto Torrubia

Chupa-dente

Conopophagidae

F *Conopophaga lineata* | Rufous Gnateater 13 cm O

Foto: Roberto Torrubia

Tovacuçu

Grallariidae

F *Grallaria varia* | Variegated Antpitta 21 cm O



Foto: Marco Cruz

Pinto-do-mato

Grallariidae

F *Hylopezus nattereri* | Speckle-breasted Antpitta 21 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tovaca-de-rabo-vermelho

Formicariidae

F *Chamaeza ruficauda* | Rufous-tailed Antthrush 19 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Galinha-do-mato

Formicariidae

F *Formicarius colma* | Rufous-capped Antthrush 18 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tovaca-cantadora

Formicariidae

F *Chamaeza meruloides* | Such's Antthrush 19 cm O

NT



Foto: Roberto Torrúbia

Tapaculo-pintado

Rhinocryptidae

F *Psilorhamphus guttatus* | Spotted Bamboowren

13 cm O

NT



Foto: Roberto Torrúbia

Macuquinho

Rhinocryptidae

F *Eleoscytalopus indigoticus* | White-breasted Tapaculo

11 cm O

LC



Foto: Roberto Torrúbia

Tapaculo-serrano

Rhinocryptidae

F *Scytalopus petrophilus* | Rock Tapaculo

12 cm O

LC



Foto: Roberto Torrúbia

Tapaculo-preto

Rhinocryptidae

F *Scytalopus speluncae* | Mouse-colored Tapaculo

12 cm O

NT



Foto: Roberto Torrubia

Entufado

Rhinocryptidae

F *Merulaxis ater* | Slaty Bristlefront 17 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Vira-folha

Scleruridae

F *Sclerurus scansor* | Rufous-breasted Leaf-tosser 19 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Arapaçu-de-cerrado

Dendrocolaptidae

D *Lepidocolaptes angustirostris* | Narrow-billed Woodcreeper 20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Arapaçu-verde

Dendrocolaptidae

F *Sittasomus griseicapillus* | Olivaceous Woodcreeper 15 cm O



Foto: Marco Cruz

Arapaçu-liso

Dendrocolaptidae

F *Dendrocincla turdina* | Plain-winged Woodcreeper 20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Arapaçu-grande

Dendrocolaptidae

F *Dendrocolaptes platyrostris* | Planalto Woodcreeper 26 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Arapaçu-de-garganta-branca

Dendrocolaptidae

F *Xiphocolaptes albicollis* | White-throated Woodcreeper 29 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Arapaçu-rajado

Dendrocolaptidae

F *Xiphorhynchus fuscus* | Lesser Woodcreeper

17 cm O



Foto: Hudson Martins

Arapaçu-escamoso

Dendrocolaptidae

F *Lepidocolaptes squamatus* | Scaled Woodcreeper

19 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Arapaçu-de-bico-torto

Dendrocolaptidae

F *Campylorhamphus falcularius* | Black-billed Scythebill

24 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Arapaçu-escamoso-do-sul

Dendrocolaptidae

F *Lepidocolaptes falcinellus* | Scalloped Woodcreeper

17 e 20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Bico-virado-carijó

Xenopidae

B

Xenops rutilans | Streaked Xenops

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Bico-virado-miúdo

Xenopidae

F

Xenops minutus | Plain Xenops

11 cm O



Foto: Roberto Torrubia

João-de-barro

Furnariidae

B

Furnarius rufus | Rufous Hornero

19 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Casaca-de-couro-da-lama

Furnariidae

A

Furnarius figulus | Wing-banded Hornero

16 cm O



Foto: Roberto Torrubia

João-porca

Furnariidae

A

Lochmias nematura | Sharp-tailed Streamcreeper

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Trepador-coleira

Furnariidae

F

Anabazenops fuscus | White-collared Foliage-gleaner

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Trepador-sobrancelha

Furnariidae

F

Cichlocolaptes leucophrus | Pale-browed Treehunter

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Trepadorzinho

Furnariidae

F

Heliobletus contaminatus | Sharp-billed Treehunter

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Trepador-quiete

Furnariidae

F *Syndactyla rufosuperciliata* | Buff-browed Foliage-gleaner

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Barranqueiro-de-olho-branco

Furnariidae

F *Automolus leucophthalmus* | White-eyed Foliage-gleaner

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Limpa-folha-de-testa-baia

Furnariidae

B *Philydor rufum* | Buff-fronted Foliage-gleaner

19 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Grimpeiro

Furnariidae

B *Leptasthenura setaria* | Araucaria Tit-Spinetail

17 cm O



João-botina-da-mata

Furnariidae

B *Phacellodomus erythrophthalmus* | Orange-eyed Thornbird

17 cm O

Foto: Roberto Torrúbia



Cochicho

Furnariidae

C *Anumbius annumbi* | Firewood-Gatherer

19 cm O

Foto: Roberto Torrúbia



João-botina-do-brejo

Furnariidae

A *Phacellodomus ferrugineigula* | Orange-breasted Thornbird

17 cm O

Foto: Roberto Torrúbia



Arredio-pálido

Furnariidae

B *Craniroleuca pallida* | Pallid Spinetail

13 cm O

Foto: Roberto Torrúbia



Foto: Roberto Torrubia

Pi-puí

Furnariidae

F *Synallaxis cinerascens* | Gray-bellied Spinetail

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Uí-pi

Furnariidae

B *Synallaxis albens* | Pale-breasted Spinetail

16 cm O



Foto: Roberto Torrubia

João-teneném

Furnariidae

D *Synallaxis spixi* | Spix's Spinetail

16 cm O



Foto: Marco Cruz

Pichororé

Furnariidae

F *Synallaxis ruficapilla* | Rufous-capped Spinetail

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Petrim

Furnariidae

C *Synallaxis frontalis* | Sooty-fronted Spinetail

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Curutié

Furnariidae

A *Certhiaxis cinnamomeus* | Yellow-chinned Spinetail

14 cm O



Foto: Marco Cruz

Garrincha-chorona

Furnariidae

C *Asthenes moreirae* | Itatiaia Spinetail

19 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Fruxu

Pipridae

F *Neopelma chrysolophum* | Serra do Mar Tyrant-Manakin

17 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tangarazinho

Pipridae

F *Ilicura militaris* | Pin-tailed Manakin

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Rendeira

Pipridae

F *Manacus manacus* | White-bearded Manakin

10 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tangará

Pipridae

F *Chiroxiphia caudata* | Swallow-tailed Manakin

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pavó

Cotingidae

F *Pyroderus scutatus* | Red-ruffed Fruitcrow

46 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tesourinha-da-mata

Cotingidae

F *Phibalura flavirostris* | Swallow-tailed Cotinga

21 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Araponga

Cotingidae

F *Procnias nudicollis* | Bare-throated Bellbird

27 cm O



Foto: Marco Cruz

Corocoxó

Cotingidae

F *Carpornis cucullata* | Hooded Berryeater

23 cm O

235



♀

♂

Foto: Roberto Torrubia

Saudade

Cotingidae

F *Lipaugus ater* | Black-and-gold Cotinga

27 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♂

♀

Anambé-branco-de-rabo-preto

Tityridae

B *Tityra cayana* | Black-tailed Tityra

21 cm ♂



Foto: Marco Cruz

♂

♀

Anambé-branco-de-bochecha-parda

Tityridae

B *Tityra inquisitor* | Black-crowned Tityra

17 cm ♂



Flautim

Tityridae

F *Schiffornis virescens* | Greenish Schiffornis

15 cm ♂



Caneleiro

Tityridae

B *Pachyramphus castaneus* | Chestnut-crowned Becard

15 cm ♂



Caneleiro-verde

Tityridae

B *Pachyramphus viridis* | Green-backed Becard

15 cm ♂



Caneleiro-preto

Tityridae

B *Pachyramphus polychopterus* | White-winged Becard

15 cm ♂





Foto: Roberto Torrubia

Caneleirinho-de-chapéu-preto

Pipritidae

B *Piprites pileata* | Black-capped Piprites

12 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Patinho

Platyrinchidae

F *Platyrinchus mystaceus* | White-throated Spadebill

10 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Abre-asa-de-cabeça-cinza

Rhynchocyclidae

B *Mionectes rufiventris* | Gray-hooded Flycatcher

13 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Bico-chato-de-orelha-preta

Rhynchocyclidae

B *Tolmomyias sulphurescens* | Yellow-olive Flycatcher

14 cm ○



LC

Foto: Roberto Torrubia

Cabeçudo

Rhynchocyclidae

F *Leptopogon amaurocephalus* | Sepia-capped Flycatcher

13 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Estalador

Rhynchocyclidae

F *Corythopsis delalandi* | Southern Antpipit

14 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Borboletinha-do-mato

Rhynchocyclidae

F *Phylloscartes ventralis* | Mottle-cheeked Tyrannulet

12 cm O



NT

Foto: Roberto Torrubia

Estalinho

Rhynchocyclidae

B *Phylloscartes difficilis* | Serra do Mar Tyrannulet

11 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Ferreirinho-relógio

Rhynchocyclidae

B *Todirostrum cinereum* | Common Tody-Flycatcher

8 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Teque-teque

Rhynchocyclidae

B *Todirostrum poliocephalum* | Gray-headed Tody-Flycatcher

9 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Tororó

Rhynchocyclidae

B *Poecilatriccus plumbeiceps* | Ochre-faced Tody-Flycatcher

9 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Miudinho

Rhynchocyclidae

B *Myiornis auricularis* | Eared Pygmy-Tyrant

7 cm ○



LC

Foto: Marco Cruz

Olho-falso

Rhynchocyclidae

F

Hemitriccus diops | Drab-breasted Pygmy-Tyrant

11 cm O



LC



Foto: Hudson Martins

Catraca

Rhynchocyclidae

F

Hemitriccus obsoletus | Brown-breasted Pygmy-Tyrant

12 cm O



LC

Foto: Marco Cruz

Tachuri-campainha

Rhynchocyclidae

B

Hemitriccus nidipendulus | Hangnest Tody-Tyrant

12 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Alegrinho

Tyrannidae

B

Serpophaga subcristata | White-crested Tyrannulet

11 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Risadinha

Tyrannidae

B *Camptostoma obsoletum* | Southern Beardless-Tyrannulet 9 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Guaracava-grande

Tyrannidae

B *Elaenia spectabilis* | Large Elaenia 18 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Guaracava-de-barriga-amarela

Tyrannidae

B *Elaenia flavogaster* | Yellow-bellied Elaenia 16 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Guaracava-de-crista-alaranjada

Tyrannidae

B *Myiopagis viridicata* | Greenish Elaenia 12 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Guaracava-cinzenta

Tyrannidae

B *Myiopagis caniceps* | Gray Elaenia 12 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Tuque-pium (Guaracava-de-bico-curto)

Tyrannidae

B *Elaenia parvirostris* | Small-billed Elaenia 13 cm O



LC



Foto: Roberto Torrubia

Chibum

Tyrannidae

B *Elaenia chiriquensis* | Lesser Elaenia 13,5 cm O



LC



Foto: Roberto Torrubia

Tuque

Tyrannidae

B *Elaenia mesoleuca* | Olivaceous Elaenia 15 cm O



Tucão

Tyrannidae

B *Elaenia obscura* | Highland Elaenia

18 cm O



Piolhinho-serrano

Tyrannidae

B *Phyllomyias griseocapilla* | Gray-capped Tyrannulet

10 cm O



Piolhinho

Tyrannidae

B *Phyllomyias fasciatus* | Planalto Tyrannulet

11 cm O



Piolhinho-chiador

Tyrannidae

B *Tyranniscus burmeisteri* | Rough-legged Tyrannulet

12 cm O



Foto: Marco Cruz

Piolhinho-verdoso

Tyrannidae

B *Phyllomyias virescens* | Greenish Tyrannulet

12 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Suiriri

Tyrannidae

C *Tyrannus melancholicus* | Tropical Kingbird

21 cm ○



Foto: Marco Cruz

Suiriri-cavaleiro

Tyrannidae

C *Machetornis rixosa* | Cattle Tyrant

18 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Suiriri-pequeno

Tyrannidae

B *Satrapa icterophrys* | Yellow-browed Tyrant

15 cm ○



Maria-cavaleira

Tyrannidae

B *Myiarchus ferox* | Short-crested Flycatcher

20 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



Irré

Tyrannidae

B *Myiarchus swainsoni* | Swainson's Flycatcher

20 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado

Tyrannidae

C *Myiarchus tyrannulus* | Brown-crested Flycatcher

22 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



Gritador

Tyrannidae

B *Sirystes sibilator* | Sibillant Sirystes

18 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



Foto: Roberto Torrubia

Bem-te-vi

Tyrannidae

B *Pitangus sulphuratus* | Great Kiskadee

23 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Neinei

Tyrannidae

B *Megarynchus pitangú* | Boat-billed Flycatcher

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Bentevizinho-de-penacho-vermelho

Tyrannidae

A *Myiozetetes similis* | Social Flycatcher

18 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Bentevizinho-de-asa-ferrugínea

Tyrannidae

A *Myiozetetes cayanensis* | Rusty-margined Flycatcher

17 cm O



Bem-te-vi-rajado

Tyrannidae

B *Myiodynastes maculatus* | Streaked Flycatcher

20 cm O



Peitica

Tyrannidae

B *Empidonomus varius* | Variegated Flycatcher

18 cm O



Bem-te-vi-pirata

Tyrannidae

B *Legatus leucophaeus* | Piratic Flycatcher

14 cm O



Tesourinha

Tyrannidae

C *Tyrannus savana* | Fork-tailed Flycatcher

40 cm O



Foto: Hector Bottai



Foto: Roberto Torrubia

Q

Príncipe

Tyrannidae

Pyrocephalus rubinus | Vermilion Flycatcher

14 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Q

Freirinha

Tyrannidae

Arundinicola leucocephala | White-headed Marsh Tyrant

13 cm O

Foto: Roberto Torrubia



Viuvinha

Tyrannidae

Colonia colonus | Long-tailed Tyrant

23 - 28 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tesoura-do-brejo

Tyrannidae

A

Gubernetes yetapa | Streamer-tailed Tyrant

42 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Lavadeira-mascarada

Tyrannidae

A

Fluvicola nengeta | Masked Water-Tyrant

16 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Noivinha-branca

Tyrannidae

C

Xolmis velatus | White-rumped Monjita

20 cm O



Foto: Marco Cruz

Primavera

Tyrannidae

C

Xolmis cinereus | Gray Monjita

22 cm O



Papa-moscas-cinzento

Tyrannidae

B *Contopus cinereus* | Tropical Pewee

15 cm O



Gibão-de-couro

Tyrannidae

C *Hirundinea ferrugínea* | Cliff Flycatcher

17 cm O



Papa-moscas-de-costas-cinzentas

Tyrannidae

C *Polystictus superciliaris* | Gray-backed Tachuri

9 cm O



Marianinha-amarela

Tyrannidae

F *Capsiempis flaveola* | Yellow Tyrannulet

11 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Enferrujado

Tyrannidae

F *Lathrotriccus eulerei* | Euler's Flycatcher

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Filipe

Tyrannidae

B *Myiophobus fasciatus* | Bran-colored Flycatcher

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Capitão-de-saíra

Tyrannidae

F *Attila rufus* | Gray-hooded Attila

21 cm O



Foto: Marco Cruz

Capitão-castanho

Tyrannidae

F *Attila phoenicurus* | Rufous-tailed Attila

17 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Maria-preta-de-penacho

Tyrannidae

B *Knipolegus lophotes* | Crested Black-Tyrant

21 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Maria-preta-de-garganta-vermelha

Tyrannidae

C *Knipolegus nigerrimus* | Velvety Black-Tyrant

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Maria-preta-de-bico-azulado

Tyrannidae

B *Knipolegus cyanirostris* | Blue-billed Black-Tyrant

15 cm O



Foto: Hudson Martins

Tesoura-cinzenta

Tyrannidae

B *Muscipira vetula* | Shear-tailed Gray Tyrant

22 cm O



Foto: Roberto Torrubia

João-pobre

Tyrannidae

A

Serpophaga nigricans | Sooty Tyrannulet

11 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Verdinho-coroado

Vireonidae

F

Hylophilus poicilotis | Rufous-crowned Greenlet

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pitiguari

Vireonidae

B

Cyclarhis gujanensis | Rufous-browed Peppershrike

16 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Juruviara

Vireonidae

B

Vireo chivi | Chivi Vireo

14 cm O



Foto: Marco Cruz

Gralha-do-campo

Corvidae

Cyanocorax cristatellus | Curl-crested Jay

35 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Corruíra

Troglodytidae

Troglodytes musculus | Southern House Wren

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Japacanim

Donacobiidae

Donacobius atricapilla | Black-capped Donacobius

22 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Sabiá-laranjeira

Turdidae

B

Turdus rufiventris | Rufous-bellied Thrush

22 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Sabiá-coleira

Turdidae

F

Turdus albicollis | White-necked Thrush

22 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Sabiá-poca

Turdidae

B

Turdus amaurochalinus | Creamy-bellied Thrush

21 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Sabiá-barranco

Turdidae

B

Turdus leucomelas | Pale-breasted Thrush

22 cm O



Sabiá-ferreiro

Turdidae

D *Turdus subalaris* | Eastern Slaty Thrush

21 cm O



Sabiá-una

Turdidae

F *Turdus flavipes* | Yellow-legged Thrush

20 cm O



Sabiá-do-campo

Mimidae

C *Mimus saturninus* | Chalk-browed Mockingbird

26 cm O



Calhandra-de-três-rabos

Mimidae

C *Mimus triurus* | White-banded Mockingbird

22 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Caminheiro-zumbidor

Motacillidae



Anthus lutescens | Yellowish Pipit

13 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

Caminheiro-de-barriga-acanelada

Motacillidae



Anthus hellmayri | Hellmayr's Pipit

15 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

Pintassilgo

Fringillidae



Spinus magellanicus | Hooded Siskin

11 cm ♂



♀



Foto: Marco Cruz

Gaturamo-bandeira

Fringillidae



Chlorophonia cyanea | Blue-naped Chlorophonia

10 cm ♂



♀



Foto: Roberto Torrubia

♀

♀

Gaturamo Fringillidae
B *Euphonia violacea* | Violaceous Euphonia 12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

♀

♀

Fim-fim Fringillidae
B *Euphonia chlorotica* | Purple-throated Euphonia 11 cm O



Foto: Roberto Torrubia

♀

♀

Cais-cais Fringillidae
B *Euphonia chalybea* | Green-throated Euphonia 12 cm O



Foto: Leonardo Casadei

♀

♀

Gaturamo-rei Fringillidae
B *Euphonia cyanocephala* | Golden-rumped Euphonia 11 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

O

Ferro-velho

Fringillidae

B

Euphonia pectoralis | Chestnut-bellied Euphonia

11 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Tico-tico-do-campo

Passerellidae

C

Ammodramus humeralis | Grassland Sparrow

13 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Tico-tico

Passerellidae

C

Zonotrichia capensis | Rufous-collared Sparrow

15 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Tico-tico-do-mato

Passerellidae

F

Arremon semitorquatus | Half-collared Sparrow

15 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Japu

Icteridae

B *Psarocolius decumanus* | Crested Oropendola

47 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Guaxe

Icteridae

C *Cacicus haemorrhous* | Red-rumped Cacique

26 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Tecelão

Icteridae

B *Cacicus chrysopterus* | Golden-winged Cacique

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Encontro

Icteridae

B *Icterus pyrrhopterus* | Variable Oriole

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pássaro-preto

Icteridae

*Gnorimopsar chopi* | Chopi Blackbird

23 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♀

Chupim

Icteridae

*Molothrus bonariensis* | Shiny Cowbird

20 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♂

Carretão

Icteridae

*Agelastus atrolivaceus* | Unicolored Blackbird

19 cm ♂



Foto: Rafael Fortes

♂

Chupim-azeviche

Icteridae

*Molothrus rufoaxillaris* | Screaming Cowbird

20 cm ♂



Foto: Roberto Torrúbia

Polícia-inglesa-do-sul

Icteridae

A *Leistes superciliaris* | White-browed Meadowlark

17 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Chupim-do-brejo

Icteridae

A *Pseudoleistes guirahuro* | Yellow-rumped Marshbird

25 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Garibaldi

Icteridae

A *Chrysomus ruficapillus* | Chestnut-capped Blackbird

18 cm ○



Foto: Roberto Torrúbia

Iraúna-grande

Icteridae

C *Molothrus oryzivorus* | Giant Cowbird

36 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Foto: Marco Cruz

Triste-pia

Icteridae

A *Dolichonyx oryzivorus* | Bobolink

16 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Catirumbava

Mitrospingidae

B *Orthogonys chloricterus* | Olive-green Tanager

18 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Mariquita

Parulidae

B *Setophaga pitiayumi* | Tropical Parula

10 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Pia-cobra

Parulidae

A *Geothlypis aequinoctialis* | Masked Yellowthroat

13 cm ○



Foto: Roberto Torrubia

Pula-pula-assobiador

Parulidae

F *Myiothlypis leucoblephara* | White-browed Warbler

14 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pula-pula

Parulidae

F *Basileuterus culicivorus* | Golden-crowned Warbler

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

O₁

Azulão

Cardinalidae

B *Cyanoloxia brissonii* | Ultramarine Grosbeak

16 cm O

Foto: Marco Cruz

O₂



Foto: Roberto Torrubia

Negrinho-do-mato

Cardinalidae

F *Amaurospiza moesta* | Blackish-blue Seed eater

16 cm O



Foto: Roberto Torrubia

♀

Sanhaço-de-fogo

Cardinalidae

D *Piranga flava* | Hepatic Tanager

19 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♀

Tiê-sangue

Thraupidae

A *Ramphocelus bresilius* | Brazilian Tanager

19 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♀

Tiê-de-bando

Cardinalidae

F *Habia rubica* | Red-crowned Ant-Tanager

19 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♀

Tiê-de-topete

Thraupidae

B *Trichothraupis melanops* | Black-goggled Tanager

18 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♀

Tiê-preto

Thraupidae

B *Tachyphonus coronatus* | Ruby-crowned Tanager

19 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

♀

Tiê-galo

Thraupidae

F *Loriotus cristatus* | Flame-crested Tanager

15 cm ♂



Foto: Roberto Torrubia

Tietinga

Thraupidae

F *Cissopis leverianus* | Magpie Tanager

29 cm ♂



LC

Foto: Roberto Torrubia

Sanhaço-cinzento

Thraupidae

D

Tangara sayaca | Sayaca Tanager

18 cm O



LC

B

Foto: Roberto Torrubia

Sanhaço-de-encontro-azul

Thraupidae

B

Thraupis cyanoptera | Azure-shouldered Tanager

18 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Sanhaço-de-encontro-amarelo

Thraupidae

B

Tangara ornata | Golden-chevroned Tanager

17 cm O



LC

Foto: Roberto Torrubia

Sanhaço-do-coqueiro

Thraupidae

B

Tangara palmarum | Palm Tanager

18 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Sanhaço-pardo

Thraupidae

F *Orchesticus abeillei* | Brown Tanager

17 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Sanhaço-frade

Thraupidae

B *Stephanophorus diadematus* | Diademed Tanager

19 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Sanhaço-de-coleira

Thraupidae

C *Schistochlamys melanopsis* | Black-faced Tanager

18 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Bico-de-veludo

Thraupidae

B *Schistochlamys ruficapillus* | Cinnamon Tanager

18 cm O



Saíra-de-chapéu-preto

Thraupidae

B *Nemosia pileata* | Hooded Tanager

13 cm O

Foto: Roberto Torrúbia



Saíra-amarela

Thraupidae

B *Stilpinia cayana* | Burnished-buff Tanager

15 cm O

Foto: André S. Prietsch

Foto: Roberto Torrúbia



Saíra-viúva

Thraupidae

B *Pipraeidea melanonota* | Fawn-breasted Tanager

15 cm O

Foto: Roberto Torrúbia



Saíra-ferrugem

Thraupidae

B *Hemithraupis ruficapilla* | Rufous-headed Tanager

13 cm O

Foto: Roberto Torrúbia

Foto: Roberto Torrúbia



Foto: Roberto Torrubia

Saíra-lagarta

Thraupidae

B

Tangara desmaresti | Brassy-breasted Tanager

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Saíra-sete-cores

Thraupidae

B

Tangara seledon | Green-headed Tanager

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Saíra-douradinha

Thraupidae

B

Tangara cyanoventris | Gilt-edged Tanager

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Saíra-militar

Thraupidae

B

Tangara cyanocephala | Red-necked Tanager

13 cm O





Foto: Roberto Torrúbia

Cabecinha-castanha

Thraupidae

F *Pyrrhocomma ruficeps* | Chestnut-headed Tanager

14 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Quete-do-sudeste

Thraupidae

B *Microspingus lateralis* | Buff-throated Warbling-Finch

15 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Figuiinha-de-rabo-castanho

Thraupidae

B *Conirostrum speciosum* | Chestnut-vented Conebill

11 cm O



Foto: Roberto Torrúbia

Peito-pinhão

Thraupidae

B *Poospiza thoracica* | Bay-chested Warbling-Finch

14 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Cigarra-bambu

Thraupidae

B *Haplospiza unicolor* | Uniform Finch

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Cigarra-preta (Cigarra-do-coqueiro)

Thraupidae

B *Asemospiza fuliginosa* | Sooty Grassquit

12 cm O



Foto: Marco Cruz

Cigarra-verdadeira

Thraupidae

B *Sporophila falcirostris* | Temminck's Seed eater

12 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Pixoxó

Thraupidae

B *Sporophila frontalis* | Buffy-fronted Seed eater

14 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Trinca-ferro

Thraupidae

B *Saltator similis* | Green-winged Saltator

20 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Bico-grosso

Thraupidae

B *Saltator maxillosus* | Thick-billed Saltator

19 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Curió

Thraupidae

B *Sporophila angolensis* | Chestnut-bellied Seed-Finch

13 cm O



Foto: Roberto Torrubia

Chorão

Thraupidae

A *Sporophila leucoptera* | White-bellied Seedeater

12 cm O



Foto: Roberto Torrúbia



Bigodinho

Thraupidae



Sporophila lineola | Lined Seed eater

11 cm



Foto: Roberto Torrúbia



Coleirinho

Thraupidae



Sporophila caerulescens | Double-collared Seed eater

12 cm



Foto: Roberto Torrúbia



Baiano

Thraupidae



Sporophila nigricollis | Yellow-bellied Seed eater

11 cm



Foto: Marcelo Alves (Indininho)



Papa-capim-de-costas-cinza

Thraupidae



Sporophila ardesiaca | Dubois's Seed eater

cm

LC



Foto: Roberto Torrubia

Canário-da-terra

Thraupidae

C

Sicalis flaveola | Saffron Finch

13 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Tipio

Thraupidae

C

Sicalis luteola | Grassland Yellow-Finch

12 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Canário-rasteiro

Thraupidae

C

Sicalis citrina | Stripe-tailed Yellow-Finch

12 cm O

LC



Foto: Roberto Torrubia

Tico-tico-rei-cinza

Thraupidae

B

Coryphospingus pileatus | Pileated Finch

13 cm O



Canário-do-campo

Thraupidae

C *Emberizoides herbicola* | Wedge-tailed Grass-Finch

20 cm ○

Foto: Rafael Moreira



Sabiá-do-banhado

Thraupidae

A *Embernagra platensis* | Great Pampa-Finch

22 cm ○

Foto: Roberto Torrubia



Canário-do-brejo

Thraupidae

A *Emberizoides ypiranganus* | Lesser Grass-Finch

20 cm ○

Foto: Marco Cruz



Tico-tico-do-banhado

Thraupidae

A *Donacospiza albifrons* | Long-tailed Reed Finch

20 cm ○

Foto: Roberto Torrubia

LC



Foto: Roberto Torrubia

Cambacica

Thraupidae

B

Coereba flaveola | Bananaquit

11 cm O

LC



Foto: Marco Cruz

Q

Foto: Roberto Torrubia

Tiziu

Thraupidae

C

Volatinia jacarina | Blue-black Grassquit

11 cm O

LC

Ex



Foto: Rafael Moreira

Bico-de-lacre

Estrildidae

C

Estrilda astrild | Common Waxbill

11 cm O

LC

Ex



Foto: Roberto Torrubia

Q

Pardal

Passeridae

D

Passer domesticus | House Sparrow

15 cm O

Outras espécies com avistamentos esporádicos.

Anú-coroca - *Crotophaga major*
 Apuim-de-costas-pretas - *Touit melanonotus*
 Araçari-poca - *Selenidera maculirostris* (6)
 Arara-canindê - *Ara ararauna* (3)*
 Azulinho - *Cyanoloxia glaucocaeerulea*
 Barbudinho - *Phylloscartes eximius*
 Beija-flor-de-bico-curvo - *Polytmus guainumbi*
 Caboclinho - *Sporophila bouvreuil* (9)
 Caboclinho-de-barriga-vermelha - *Sporophila hypoxantha*
 Caboclinho-coroado - *Sporophila pileata*
 Caburé-miudinho - *Glaucidium minutissimum* (7)
 Capororoca - *Coscoroba coscoroba*
 Cardeal-do-nordeste - *Paroaria dominicana* (13) *
 Chibante - *Laniisoma elegans*
 Chirito - *Ramphocaenus melanurus*
 Choca-barrada - *Thamnophilus doliatus* (14)
 Coleiro-do-brejo - *Sporophila collaris* (11)
 Flamingo-chileno - *Phoenicopterus chilensis* (17) *
 Fogo-apagou - *Phoenicopterus chilensis* (12)
 Fura-barreira ou Cisqueiro-do-rio - *Clibanornis rectirostris* (4)
 Gavião-papa-gafanhoto - *Buteo swainsoni*
 Gavião-preto - *Urubitinga urubitinga* (5)
 Golinho - *Sporophila albogularis*
 Guaracava-de-crista-branca - *Elaenia chilensis*
 Guaracava-de-topete-uniforme - *Elaenia cristata*
 Guaracavuçu - *Cnemotriccus fuscatus*
 João-de-paú - *Phacellodomus rufifrons*
 Limpa-folha-coroado - *Philydor atricapillus*
 Limpa-folha-miúdo - *Anabacerthia amaurotis*
 Limpa-folha-ocráceo - *Anabacerthia lichtensteini*
 Maçarico-do-campo - *Bartramia longicauda*
 Maçarico-de-papo-vermelho - *Calidris canutus*
 Maguari - *Ciconia maguari*
 Maracanã-pequena* - *Diopsittaca nobilis*
 Maria-cabeçuda - *Ramphotrigon megacephalum*
 Marreca-colorada - *Spatula cyanoptera*
 Marreca-de-asa-azul - *Spatula discors*
 Mexeriqueira (16) - *Vanellus cayanus*
 Mocho-dos-banhados - *Asio flammeus*
 Papa-moscas-de-olheiras - *Phylloscartes oustaleti*
 Papinho-amarelo - *Piprites chloris*
 Patativa - *Sporophila plumbea* (10)
 Pararu-azul - *Claravis pretiosa*
 Peixe-frito-pavonino - *Dromococcyx pavoninus*
 Perdiz - *Rhynchotus rufescens*
 Periquito-rei - *Eupsittula aurea* (1)*
 Pimentão - *Saltator fuliginosus* (15)
 Pipira-vermelha - *Ramphocelus carbo*
 Piuí-boreal - *Contopus cooperi*
 Saíra-sapucaia - *Stilpnia peruviana* (2)
 Socoí-amarelo - *Ixobrychus involucris*
 Suiriri-de-garganta-branca - *Tyrannus albogularis*
 Tiririzinho-do-mato - *Hemitriccus orbitatus*
 Tucano-de-bico-preto - *Ramphastos vitellinus* (8)
 Vissá - *Rhytipterna simplex*
 Zidedê - *Terenura maculata*

(*) Provável soltura ou escape



Nome comum

A
Abre-asa-de-cabeça-cinza 243
Acauã 167
Águia-cinzenta 154
Águia-pescadora 167
Alegrinho 249
Alma-de-gato 102
Anambé-branco-de-bochecha-parda 237
Anambé-branco-de-rabo-preto 237
Andorinha-de-sobre-branco 118
Andorinha-do-campo 116
Andorinha-do-rio 117
Andorinha-grande 117
Andorinha-morena 115
Andorinhão-do-temporal 113
Andorinha-pequena-de-casa 116
Andorinha-serradora 115
Anhuma 92
Anu-branco 101
Anu-preto 101
Araçari-banana 184
Arapaçu-de-bico-torto 218
Arapaçu-de-cerrado 215
Arapaçu-de-garganta-branca 217
Arapaçu-escamoso 219
Arapaçu-escamoso-do-sul 219
Arapaçu-grande 217
Arapaçu-liso 216
Arapaçu-rajado 218
Arapaçu-verde 216
Araponga 235
Araponga-do-horto 240
Arredio-pálido 227
Assanhadinho-de-cauda-preta 241
Avoante 97
Azulão 297
B
Bacurau 107
Bacurau-chintã 108
Bacurau-da-telha 107
Bacurau-de-rabo-maculado 109
Bacurau-ocelado 108
Bacurau-tesoura 110
Bacurau-tesourão 110
Baiano 319
Barbudo-rajado 183
Barranqueiro-de-olho-branco 225
Batuíra-de-coleira 135
Batuiçu 134
Beija-flor-cinza 124
Beija-flor-de-banda-branca 125
Beija-flor-de-bochecha-azul 121
Beija-flor-de-fronte-violeta 123
Beija-flor-de-garganta-verde 125
Beija-flor-de-orelha-violeta 120
Beija-flor-de-papo-branco 126
Beija-flor-de-peito-azul 126
Beija-flor-de-topete-verde 120
Beija-flor-de-veste-preta 121
Beija-flor-preto 118
Beija-flor-rubi 122
Beija-flor-tesoura 124
Bem-te-vi 260
Bem-te-vi-pirata 262
Bem-te-vi-rajado 262
Bentevizinho-de-asa-ferrugínea 261
Bentevizinho-de-penacho-vermelho 261
Besourinho-de-bico-vermelho 123
Bico-chato-de-orelha-preta 243
Bico-de-lacre 325
Bico-de-veludo 305
Bico-grosso 316
Bico-reto-de-banda-branca 122
Bico-virado-carijó 220
Bico-virado-miúdo 220
Bicudinho-do-brejo-paulista 199
Bigodinho 318
Biguá 143
Biguatinga 142

Borboletinha-do-mato 245
Borrallhara 206
Borrallhara-assobiadora 206
C
Cabeça-seca 141
Cabecinha-castanha 312
Cabeçudo 244
Caburé 173
Caburé-acanelado 174
Cais-cais 284
Calhandra-de-três-rabos 281
Cambacica 324
Caminheiro-de-barriga-acanelada 282
Caminheiro-zumbidor 282
Canário-da-terra 320
Canário-do-brejo 322
Canário-do-campo 322
Canário-rasteiro 320
Caneleirinho-de-chapéu-preto 242
Caneleiro 238
Caneleiro-de-chapéu-preto 240
Caneleiro-preto 239
Caneleiro-verde 239
Capitão-castanho 271
Capitão-de-saíra 271
Carão 128
Caraúna 151
Carcará 168
Carrapateiro 168
Carretão 290
Casaca-de-couro-da-lama 221
Catirumbava 294
Catraca 248
Cauré 170
Chibum 253
Choca-da-mata 204
Choca-de-chapéu-vermelho 204
Chocão-carijó 205
Choquinha-carijó 199
Choquinha-da-serra 200
Choquinha-de-asa-ferrugem 203
Choquinha-de-dorso-vermelho 200
Choquinha-de-garganta-pintada 202
Choquinha-de-peito-pintado 202
Choquinha-dublê 201
Choquinha-lisa 203
Chorão 317
Chupa-dente 208
Chupim 291
Chupim-azeviche 291
Chupim-do-brejo 293
Cigarra-bambu 314
Cigarra-preta 314
Cigarra-verdadeira 315
Cochicho 227
Codorna-amarela 86
Coleirinho 318
Colhereiro 149
Coró-coró 150
Corocoxó 235
Corruira 276
Corução 112
Coruja-buraqueira 173
Coruja-do-mato 177
Coruja-listrada 176
Coruja-orelhuda 177
Coruja-preta 179
Corujinha-do-mato 175
Corujinha-sapo 175
Cuiú-cuiú 194
Curicaca 151
Curió 317
Curutié 230
Cuspidor-de-máscara-preta 209
D
Dituí 201
E
Encontro 289
Enferrujado 270

Entufado 214
Estalador 244
Estalinho 245
Estrelinha-ametista 127
F
Falcão-caburé 171
Falcão-de-coleira 169
Falcão-peregrino 169
Falcão-relógio 171
Ferreirinho-relógio 246
Ferro-velho 286
Figuinha-de-rabo-castanho 312
Filipe 270
Fim-fim 285
Flautim 238
Frango-d'água-azul 133
Freirinha 264
Fruxu 231
G
Galinha-d'água 133
Galinha-do-mato 210
Garça-azul 148
Garça-branca-grande 147
Garça-branca-pequena 147
Garça-moura 148
Garça-real 146
Garça-vaqueira 146
Garibaldi 292
Garrincha-chorona 231
Gaturamo-bandeira 283
Gaturamo-rei 285
Gaturamo-verdadeiro 284
Gavião-bombachinha 164
Gavião-bombachinha-grande 164
Gavião-caboclo 160
Gavião-caracoleiro 162
Gavião-caramujeiro 163
Gavião-carijó 159
Gavião-de-cauda-curta 158
Gavião-de-rabo-branco 158
Gavião-de-sobre-branco 159
Gavião-do-banhado 162
Gavião-gato 161
Gavião-pato 156
Gavião-pegamacaco 155
Gavião-peneira 166
Gavião-pernilongo 161
Gavião-pombo-grande 157
Gavião-pombo-pequeno 157
Gavião-tesoura 166
Gibão-de-couro 269
Gralha-do-campo 276
Grimpeiro 225
Gritador 259
Guaracava-cinzenta 252
Guaracava-de-barriga-amarela 250
Guaracava-de-crista-alaranjada 251
Guaracava-grande 251
Guaxe 288
I
Inhambu-chintã 85
Inhambu-chororó 85
Inhambuguaçu 84
Iraúna-grande 293
Irerê 86
Irré 259
J
Jaçanã 141
Jacuguaçu 93
Jacurutu 178
Japacanim 277
Japu 288
João-bobo 183
João-botina-da-mata 226
João-botina-do-brejo 226
João-corta-pau 109
João-de-barro 221
João-pobre 274
João-porca 222

João-teneném 229
Juriti-de-testa-branca 98
Juriti-pupu 98
Juruva 179
Juruviara 275
L
Lavadeira-mascarada 266
M
Limpa-folha-de-testa-baia 224
Maçarico-de-bico-virado 138
Maçarico-de-colete 137
Maçarico-de-perna-amarela 136
Maçarico-de-sobre-branco 138
Maçarico-grande-de-perna-amarela 136
Maçarico-pintado 139
Maçarico-solitário 137
Macuco 84
Macuquinho 212
Maitaca-verde 194
Maracanã 195
Maria-cavaleira 258
Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado 258
Maria-faceira 149
Maria-leque-do-sudeste 241
Marianinha-amarela 269
Maria-preta-de-bico-azulado 272
Maria-preta-de-garganta-vermelha 273
Maria-preta-de-penacho 272
Mariquita 295
Marrecaca-ananai 88
Marrecaca-cabocla 87
Marrecaca-caneleira 87
Marrecaca-caucau 90
Marrecaca-cricri 89
Marrecaca-de-coleira 88
Marrecão 92
Marrecaca-toicinho 89
Martim-pescador-grande 181
Martim-pescador-pequeno 182
Martim-pescador-verde 182
Matracão 205
Mergulhão-caçador 94
Mergulhão-pequeno 94
Miudinho 247
Mocho-diabo 176
Murucutu-de-barriga-amarela 174
N
Narceja 140
Narcejão 140
Negrinho-do-mato 297
Neinei 260
Noivinha-branca 267
O
Olho-falso 248
P
Papa-capim-de-costas-cinza 319
Papa-formiga-de-grota 208
Papagaio-de-peito-roxo 193
Papagaio-verdadeiro 193
Papa-lagarta-acanelado 105
Papa-lagarta-de-asa-vermelha 103
Papa-lagarta-de-euler 104
Papa-lagarto-cinzento 104
Papa-moscas-cinzento 268
Papa-moscas-de-costas-cinzentas 268
Papa-taoca-do-sul 207
Papo-branco 207
Pardal 325
Pariri 99
Pássaro-preto 290
Patinho 242
Pato-de-crista 91
Pato-do-mato 91
Paturi-preta 90
Pavó 233
Peitica 263
Peito-pinhão 313
Periquitão 197
Periquito-de-encontro-amarelo 196

Periquito-rico 196
 Pernilongo-de-costas-brancas 135
 Petrim 230
 Pia-cobra 295
 Pica-pau-branco 188
 Pica-pau-de-banda-branca 187
 Pica-pau-de-cabeça-amarela 189
 Pica-pau-de-testa-pintada 191
 Pica-pau-do-campo 188
 Pica-pau-dourado 189
 Pica-pau-rei 186
 Pica-pau-verde-barrado 187
 Pica-pau-verde-carijó 190
 Picapauzinho-barrado 191
 Pichororé 229
 Pintassilgo 283
 Pinto-d'água-carijó 128
 Pinto-do-mato 210
 Piolhinho 254
 Piolhinho-chiador 255
 Piolhinho-serrano 255
 Piolhinho-verdoso 256
 Pi-puí 228
 Pisa-n'água 139
 Pitiguari 274
 Pixoxó 315
 Polícia-inglesa-do-sul 292
 Pomba-amargosa 96
 Pomba-asa-branca 95
 Pomba-galega 97
 Pombo-doméstico 95
 Primavera 267
 Príncipe 264
 Pula-pula 296
 Pula-pula-assobiador 296
 Q
 Quero-quero 134
 Quete-do-sudeste 313
 Quiriquiri 170
 R
 Rabo-branco-acanelado 119
 Rabo-branco-de-garganta-rajada 119
 Rendeira 232
 Risadinha 250
 Rolinha-de-asa-canela 100
 Rolinha-roxa 99
 S
 Sabiá-barranco 279
 Sabiá-coleira 279
 Sabiá-do-banhado 323
 Sabiá-do-campo 281
 Sabiá-ferreiro 280
 Sabiá-laranjeira 278
 Sabiá-poca 278
 Sabiá-una 280
 Saci 103
 Sai-andorinha 310
 Sai-azul 311
 Sai-canário 310
 Sai-de- pernas-pretas 311
 Saíra-amarela 307
 Saíra-de-chapéu-preto 306
 Saíra-douradinha 309
 Saíra-ferrugem 307
 Saíra-lagarta 308
 Saíra-militar 309
 Saíra-sete-cores 308
 Saíra-viúva 306
 Sanã-carijó 130
 Sanã-do-capim 130
 Sanã-parda 129
 Sanã-vermelha 129
 Sanhaço-cinzento 302
 Sanhaço-de-coleira 304
 Sanhaço-de-encontro-amarelo 303
 Sanhaço-de-encontro-azul 302
 Sanhaço-de-fogo 298
 Sanhaço-do-coqueiro 303
 Sanhaço-frade 305
 Sanhaço-pardo 304

Saracura-do-banhado 131
 Saracura-do-mato 132
 Saracura-sanã 132
 Saudade 236
 Seriema 192
 Socó-boi 145
 Socó-boi-baio 144
 Socó-dorminhoco 143
 Socozinho 145
 Sovi 165
 Suindara 172
 Suiriri 257
 Suiriri-cavaleiro 256
 Suiriri-pequeno 257
 Surucua-dourado 181
 Surucua-variado 180
 T
 Tachuri-campainha 249
 Talha-mar 152
 Tangará 233
 Tangarazinho 232
 Tapaculo-pintado 212
 Tapaculo-preto 213
 Tapaculo-serrano 213
 Taperuçu-de-coleira-branca 114
 Taperuçu-de-coleira-falha 114
 Taperuçu-preto 112
 Taperuçu-velho 113
 Tapicuru 150
 Tauatô-miúdo 165
 Tecelão 289
 Teque-teque 246
 Tesoura-cinzenta 273
 Tesoura-do-brejo 266
 Tesourinha 263
 Tesourinha-da-mata 234
 Tico-tico 287
 Tico-tico-do-banhado 323
 Tico-tico-do-campo 286
 Tico-tico-do-mato 287
 Tico-tico-rei-cinza 321
 Tiê-de-bando 298
 Tiê-de-topete 299
 Tiê-galo 300
 Tiê-preto 300
 Tiê-sangue 299
 Tietinga 301
 Tipio 321
 Tiriba-de-testa-vermelha 198
 Tiziu 324
 Topetinho-verde 127
 Tororó 247
 Tovaca-cantadora 211
 Tovaca-de-rabo-vermelho 211
 Tovacuçu 209
 Trepador-coleira 222
 Trepador-quiete 224
 Trepador-sobrancelha 223
 Trepadorzinho 223
 Trinca-ferro 316
 Triste-pia 294
 Tucano-de-bico-verde 185
 Tucanuçu 185
 Tucão 254
 Tuim 195
 Tuiuiú 142
 Tuju 111
 Tuque 253
 Tuque-pium 252
 U
 Uí-pi 228
 Uru 93
 Urubu-de-cabeça-amarela 153
 Urubu-de-cabeça-vermelha 153
 Urubu-preto 152
 Urubu-rei 154
 Urutau 106
 Verdinho-coroadado 275
 Vira-folha 214
 Viuvinha 265

Nome científico

A
 Accipiter bicolor 164
 Accipiter striatus 165
 Actitis macularius 139
 Aegolius harrisii 174
 Agelasticus atroolivaceus 290
 Alopochelidon fucata 115
 Amadonastur lacernulatus 157
 Amaurospiza moesta 297
 Amazona aestiva 193
 Amazona vinacea 193
 Amazonetta brasiliensis 88
 Ammodramus humeralis 286
 Anabazenops fuscus 222
 Anas bahamensis 89
 Anhimia cornuta 92
 Anhinga anhinga 142
 Anthracothorax nigricollis 121
 Anthus chii 282
 Anthus hellmayri 282
 Antrostomus rufus 109
 Anumbius annumbi 227
 Aphantochroa cirrochloris 124
 Aramides saracura 132
 Aramus guarana 128
 Ardea alba 147
 Ardea cocoi 148
 Arremon semitorquatus 287
 Arundinicola leucocephala 264
 Asemospiza fuliginosa 314
 Asio clamator 177
 Asio stygius 176
 Asthenes moreirae 231
 Athene cunicularia 173
 Attila phoenicurus 271
 Attila rufus 271
 Automolus leucophthalmus 225
 B
 Baryphthengus ruficapillus 179
 Basileuterus culicivorus 296
 Batara cinerea 205
 Biatas nigropectus 207
 Batardus pinnatus 144
 Brotogeris chiriri 196
 Brotogeris tirica 196
 Bubo virginianus 178
 Bubulcus ibis 146
 Buteo brachyurus 158
 Butorides striata 145
 C
 Cacicus chrysopterus 289
 Cacicus haemorrhous 288
 Cairina moschata 91
 Calidris fuscicollis 138
 Calidris melanotos 137
 Calliphlox amethystina 127
 Callonetta leucophrys 88
 Campephilus robustus 186
 Campptostoma obsoletum 250
 Campylorhamphus falcularius 218
 Capsiempis flaveola 269
 Caracara plancus 168
 Cariama cristata 192
 Carpornis cucullata 235
 Castanozoster thoracicus 313
 Cathartes aura 153
 Cathartes burrovianus 153
 Celeus flavescens 189
 Certhiaxis cinnamomeus 230
 Chaetura meridionalis 113
 Chamaeza meruloides 211
 Chamaeza ruficauda 211
 Charadrius collaris 135
 Chionomesa fimbriata 125
 Chionomesa lactea 126
 Chiropixia caudata 233
 Chloroceryle amazona 182
 Chloroceryle americana 182
 Chlorophonia cyanea 283

Chlorostilbon lucidus 123
 Chondrohierax uncinatus 162
 Chrysomus ruficapillus 292
 Chrysuronis versicolor 125
 Cichlocolaptes leucophrys 223
 Circus buffoni 162
 Cissopis leverianus 301
 Coccyzus americanus 103
 Coccyzus euleri 104
 Coccyzus melacoryphus 105
 Coereba flaveola 324
 Colaptes campestris 188
 Colaptes melanochloros 187
 Colibri serrirostris 120
 Colonia colonus 265
 Columba livia 95
 Columbina minuta 100
 Columbina talpacoti 99
 Conirostrum speciosum 312
 Conopophaga lineata 208
 Conopophaga melanops 209
 Contopus cinereus 268
 Coragyps atratus 152
 Coryphospingus pileatus 321
 Corythopsis delalandi 244
 Coturnicops notatus 128
 Cranioleuca pallida 227
 Crotophaga ani 101
 Cryptopezus nattereri 210
 Crypturellus obsoletus 84
 Crypturellus parvirostris 85
 Crypturellus tataupa 85
 Cyanocorax cristatellus 276
 Cyanoloxia brissonii 297
 Cyanophonia cyanocephala 285
 Cyclarhis gujanensis 274
 Cypseloides fumigatus 112
 Cypseloides senex 113
 D
 Dacnis cayana 311
 Dacnis nigripes 311
 Dendrocicla turdina 216
 Dendrocolaptes platyrostris 217
 Dendrocoryna autumnalis 87
 Dendrocoryna bicolor 87
 Dendrocoryna viduata 86
 Dendroma rufa 224
 Dolichonyx oryzivorus 294
 Donacobius atricapilla 277
 Donacospiza albifrons 323
 Drymophila ferruginea 201
 Drymophila genei 200
 Drymophila malura 199
 Drymophila ochropygia 200
 Drymophila rubricollis 201
 Dryocopus lineatus 187
 Dysithamnus mentalis 203
 Dysithamnus stictothorax 202
 Dysithamnus xanthopterus 203
 E
 Egretta caerulea 148
 Egretta thula 147
 Elaenia chiriquensis 253
 Elaenia flavogaster 250
 Elaenia mesoleuca 253
 Elaenia obscura 254
 Elaenia parvirostris 252
 Elaenia spectabilis 251
 Elanoides forficatus 166
 Elanus leucurus 166
 Eleoscytalopus indigoticus 212
 Emberizoides herbicola 322
 Emberizoides ypiranganus 322
 Embenagra platensis 323
 Empidonomus varius 263
 Estrilda astrild 325
 Eupetomena macroura 124
 Euphonia chalybea 284
 Euphonia chlorotica 285

<i>Euphonia pectoralis</i>	286	<i>Lurocalis semitorquatus</i>	111	<i>Phibalura flavirostris</i>	234	<i>Sporophila nigricollis</i>	319
<i>Euphonia violacea</i>	284	M		<i>Phimosus infuscatus</i>	150	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	115
F		<i>Machetornis rixosa</i>	256	<i>Phyllomyias fasciatus</i>	254	<i>Stephanophorus diadematus</i>	305
<i>Falco femoralis</i>	169	<i>Mackenziaena leachii</i>	206	<i>Phyllomyias griseicapilla</i>	255	<i>Stephanoxis lalandi</i>	120
<i>Falco peregrinus</i>	169	<i>Mackenziaena severa</i>	206	<i>Phyllomyias virescens</i>	256	<i>Stilpnia cayana</i>	307
<i>Falco rufigularis</i>	170	<i>Malacoptila striata</i>	183	<i>Phylloscartes difficilis</i>	245	<i>Streptoprocne biscutata</i>	114
<i>Falco sparverius</i>	170	<i>Manacus manacus</i>	232	<i>Phylloscartes ventralis</i>	245	<i>Streptoprocne zonaris</i>	114
<i>Florisuga fusca</i>	118	<i>Megaceryle torquata</i>	181	<i>Piaya cayana</i>	102	<i>Strix huhula</i>	179
<i>Fluvicola nengeta</i>	266	<i>Megarynchus pitangua</i>	260	<i>Piculus aurulentus</i>	189	<i>Strix hylophila</i>	176
<i>Formicarius colma</i>	210	<i>Megascops atricapilla</i>	175	<i>Picumnus cirratus</i>	191	<i>Strix virgata</i>	177
<i>Formicivora paludicola</i>	199	<i>Megascops choliba</i>	175	<i>Pilherodius pileatus</i>	146	<i>Synallaxis albescent</i>	228
<i>Forpus xanthopterygius</i>	195	<i>Melanerpes candidus</i>	188	<i>Pionopsitta pileata</i>	194	<i>Synallaxis cinerascens</i>	228
<i>Furnarius figulus</i>	221	<i>Merulaxis ater</i>	214	<i>Pionus maximiliani</i>	194	<i>Synallaxis frontalis</i>	230
<i>Furnarius rufus</i>	221	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	150	<i>Pipraeidea melanonota</i>	306	<i>Synallaxis ruficapilla</i>	229
G		<i>Micrastur ruficollis</i>	171	<i>Piprites pileata</i>	242	<i>Synallaxis spixi</i>	229
<i>Gallinago paraguayae</i>	140	<i>Micrastur semitorquatus</i>	171	<i>Piranga flava</i>	298	<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	224
<i>Gallinago undulata</i>	140	<i>Micrococcyx cinereus</i>	104	<i>Pitangus sulphuratus</i>	260	<i>Syrigma sibilatrix</i>	149
<i>Gallinula galeata</i>	133	<i>Microspingus lateralis</i>	313	<i>Platalea ajaja</i>	149	T	
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	295	<i>Milvago chimachima</i>	168	<i>Platyrinchus mystaceus</i>	242	<i>Tachybaptus dominicus</i>	94
<i>Geotrygon montana</i>	99	<i>Mimus saturninus</i>	281	<i>Plegadis chihi</i>	151	<i>Tachycineta albiventer</i>	117
<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	158	<i>Mimus triurus</i>	281	<i>Pluvialis dominica</i>	134	<i>Tachycineta leucorhoa</i>	118
<i>Geranospiza caerulescens</i>	161	<i>Mionectes rufiventris</i>	243	<i>Podager nacunda</i>	112	<i>Tachyphonus coronatus</i>	300
<i>Glaucidium brasilianum</i>	173	<i>Molothrus bonariensis</i>	291	<i>Podilymbus podiceps</i>	94	<i>Tangara cyanocephala</i>	309
<i>Gnorimopsar chopi</i>	290	<i>Molothrus oryzivorus</i>	293	<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i>	247	<i>Tangara cyanoventris</i>	309
<i>Grallaria varia</i>	209	<i>Molothrus rufoaxillaris</i>	291	<i>Polystictus superciliosus</i>	268	<i>Tangara desmaresti</i>	308
<i>Gubernates yetapa</i>	266	<i>Muscipipra vetula</i>	273	<i>Porphyrio martinica</i>	133	<i>Tangara seledon</i>	308
<i>Guira guira</i>	101	<i>Mustelirallus albicollis</i>	130	<i>Primolius maracana</i>	195	<i>Tapera naevia</i>	103
H		<i>Mycteria americana</i>	141	<i>Procnias nudicollis</i>	235	<i>Tersina viridis</i>	310
<i>Habia rubica</i>	298	<i>Myiarchus ferox</i>	258	<i>Progne chalybea</i>	117	<i>Thalureia glaucopsis</i>	123
<i>Haplospiza unicolor</i>	314	<i>Myiarchus swainsoni</i>	259	<i>Progne tapera</i>	116	<i>Thamnophilus caerulescens</i>	204
<i>Harpagus diodon</i>	164	<i>Myiarchus tyrannulus</i>	258	<i>Psarocolius decumanus</i>	288	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	204
<i>Heliolethys contaminatus</i>	223	<i>Myiobius atricaudus</i>	241	<i>Pseudastur polionotus</i>	157	<i>Theristicus caudatus</i>	151
<i>Heliodoxa rubricauda</i>	122	<i>Myiodynastes maculatus</i>	262	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	293	<i>Thlypopsis pyrrochoma</i>	312
<i>Helimaster squamosus</i>	122	<i>Myiopagis caniceps</i>	252	<i>Psilorhamphus guttatus</i>	212	<i>Thlypopsis sordida</i>	310
<i>Heliothryx auritus</i>	121	<i>Myiopagis viridicatus</i>	251	<i>Psittacara leucophthalmus</i>	197	<i>Thraupis cyanocephala</i>	302
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	307	<i>Myiophobus fasciatus</i>	270	<i>Pteroglossus bailloni</i>	184	<i>Thraupis ornata</i>	303
<i>Hemitriccus diops</i>	248	<i>Myiornis auricularis</i>	247	<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	174	<i>Thraupis palmarum</i>	303
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	249	<i>Myiothlypis leucoblephara</i>	296	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	116	<i>Thraupis sayaca</i>	302
<i>Hemitriccus obsoletus</i>	248	<i>Myiozetetes cayanensis</i>	261	<i>Pyrgileuca leucoptera</i>	207	<i>Tigridis lineatum</i>	145
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	167	<i>Myiozetetes similis</i>	261	<i>Pyrocephalus rubinus</i>	264	<i>Tinamus solitarius</i>	84
<i>Heterospizias meridionalis</i>	160	<i>Myrmoderus squamosus</i>	208	<i>Pyroderus scutatus</i>	233	<i>Tityra cayana</i>	237
<i>Himantopus melanurus</i>	135	N		<i>Pyrrhura frontalis</i>	198	<i>Tityra inquisitor</i>	237
<i>Hirundinea ferruginea</i>	269	<i>Nannopterum brasilianum</i>	143	R		<i>Todirostrum cinereum</i>	246
<i>Hydropsalis forficata</i>	110	<i>Nemosia pileata</i>	306	<i>Ramphastos dicolorus</i>	185	<i>Todirostrum poliocephalum</i>	246
<i>Hydropsalis longirostris</i>	107	<i>Nengetus cinereus</i>	267	<i>Ramphastos toco</i>	185	<i>Tolmomyias sulphureus</i>	243
<i>Hydropsalis maculicauda</i>	109	<i>Neopelma chrysolaema</i>	231	<i>Ramphocelus bresilia</i>	299	<i>Trichothraupis melanops</i>	299
<i>Hydropsalis parvula</i>	108	<i>Netta erythrophthalma</i>	90	<i>Rhopias gularis</i>	202	<i>Tringa flavipes</i>	136
<i>Hydropsalis torquata</i>	110	<i>Netta peposaca</i>	92	<i>Rostrhamus sociabilis</i>	163	<i>Tringa melanoleuca</i>	136
<i>Hylophilus poicilotis</i>	275	<i>Nomonyx dominicus</i>	90	<i>Rupornis magnirostris</i>	159	<i>Tringa solitaria</i>	137
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	205	<i>Nothura maculosa</i>	86	<i>Rynchops niger</i>	152	<i>Troglodytes musculus</i>	276
I		<i>Nyctibius griseus</i>	106	S		<i>Trogon chrysoclorus</i>	181
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	289	<i>Nycticorax nycticorax</i>	143	<i>Saltator maxillosus</i>	316	<i>Trogon surrucura</i>	180
<i>Ictinia plumbea</i>	165	<i>Nyctidromus albicollis</i>	107	<i>Saltator similis</i>	316	<i>Turdus albicollis</i>	279
<i>Illicia militaris</i>	232	<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	108	<i>Sarcorhamphus papa</i>	154	<i>Turdus amaurochalinus</i>	278
J		<i>Nystalus chacuru</i>	183	<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	91	<i>Turdus flavipes</i>	280
<i>Jabiru Mycteria</i>	142	O		<i>Satrapa icterophrys</i>	257	<i>Turdus leucomelas</i>	279
K		<i>Odontophorus capueira</i>	93	<i>Schiffornis virescens</i>	238	<i>Turdus rufiventris</i>	278
<i>Knipolegus cyanirostris</i>	272	<i>Onychorhynchus swainsoni</i>	241	<i>Schistochlamys melanops</i>	304	<i>Turdus subalaris</i>	280
<i>Knipolegus lophotes</i>	272	<i>Orchesticus abeillei</i>	304	<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	305	<i>Tyranniscus burmeisteri</i>	255
<i>Knipolegus nigerimus</i>	273	<i>Orthogonyx chloricterus</i>	294	<i>Sclerurus scansor</i>	214	<i>Tyrannus melancholicus</i>	257
L		<i>Oxyruncus cristatus</i>	240	<i>Scytalopus petrophilus</i>	213	<i>Tyrannus savana</i>	263
<i>Laterallus exilis</i>	130	P		<i>Scytalopus speluncae</i>	213	<i>Tyto furcata</i>	172
<i>Laterallus leucopyrrhus</i>	129	<i>Pachyrhamphus castaneus</i>	238	<i>Serpophaga nigriceps</i>	274	U	
<i>Laterallus melanophaius</i>	129	<i>Pachyrhamphus polychopterus</i>	239	<i>Serpophaga subcristata</i>	249	<i>Urubitinga coronata</i>	154
<i>Lathrotricus euleni</i>	270	<i>Pachyrhamphus validus</i>	240	<i>Setophaga pitayumi</i>	295	V	
<i>Legatus leucophaeus</i>	262	<i>Pachyrhamphus viridis</i>	239	<i>Sicalis citrina</i>	320	<i>Vanellus chilensis</i>	134
<i>Leistes superciliosus</i>	292	<i>Pandion haliaetus</i>	167	<i>Sicalis flaveola</i>	320	<i>Veniliornis maculifrons</i>	191
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	215	<i>Parabuteo leucorhynchus</i>	159	<i>Sicalis luteola</i>	321	<i>Veniliornis spilogaster</i>	190
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i>	219	<i>Pardirallus maculatus</i>	131	<i>Sirystes sibilator</i>	259	<i>Vireo chivi</i>	275
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	219	<i>Pardirallus nigricans</i>	132	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	216	<i>Volatinia jacarina</i>	324
<i>Leptasthenura setaria</i>	225	<i>Pardirallus sanguinolentus</i>	131	<i>Spatula versicolor</i>	89	X	
<i>Leptodon cayanensis</i>	161	<i>Passer domesticus</i>	325	<i>Spinus magellanicus</i>	283	<i>Xenops minutus</i>	220
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	244	<i>Patagioenas cayennensis</i>	97	<i>Spizaetus melanoleucus</i>	156	<i>Xenops rutilans</i>	220
<i>Leptotila rufaxilla</i>	98	<i>Patagioenas picazuro</i>	95	<i>Spizaetus tyrannus</i>	155	<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	217
<i>Leptotila verreauxi</i>	98	<i>Patagioenas plumbea</i>	96	<i>Sporophila angolensis</i>	317	<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	218
<i>Leucochloris albicollis</i>	126	<i>Penelope obscura</i>	93	<i>Sporophila ardesiaca</i>	319	<i>Xolmis velatus</i>	267
<i>Limosa haemastica</i>	138	<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	226	<i>Sporophila frontalis</i>	315	Z	
<i>Lipaugus ater</i>	236	<i>Phacellodomus ferrugineigula</i>	226	<i>Sporophila falcirostris</i>	315	<i>Zenaida auriculata</i>	97
<i>Lochmias nematura</i>	222	<i>Phaethornis eurynome</i>	119	<i>Sporophila frontalis</i>	315	<i>Zonotrichia capensis</i>	287
<i>Lophornis chalybeus</i>	127	<i>Phaethornis pretrei</i>	119	<i>Sporophila leucoptera</i>	317		
<i>Lorius cristatus</i>	300	<i>Phalaropus tricolor</i>	139	<i>Sporophila lineola</i>	318		

Família

Accipitridae 154 a 166
Alcedinidae 181 a 182
Anatidae 86 a 92
Anhimidae 92
Anhingidae 142
Apodidae 112 a 114
Aramidae 128
Ardeidae 143 a 149
Bucconidae 183
Caprimulgidae 107 a 112
Cardinalidae 297 a 298
Cariamidae 192
Cathartidae 152 a 154
Charadriidae 134 a 135
Ciconiidae 141 a 142
Columbidae 95 a 100
Conopophagidae 208 a 209
Corvidae 276
Cotingidae 233 a 236
Cracidae 93
Cuculidae 101 a 105
Dendrocolaptidae 215 a 219
Donacobiidae 277
Estrildidae 325
Falconidae 167 a 171
Formicariidae 210 a 211
Fringillidae 283 a 286
Furnariidae 221 a 231
Grallariidae 209 a 210
Hirundinidae 115 a 118
Icteridae 288 a 294
Jacanidae 141
Laridae 152
Mimidae 281
Mitrospingidae 294
Mototidae 179
Motacillidae 282
Nyctibiidae 106
Odontophoridae 93
Onychorhynchidae 241
Oxyruncidae 240
Pandionidae 167
Parulidae 295 a 296
Passerellidae 286 a 287
Passeridae 325
Phalacrocoracidae 143
Picidae 186 a 191
Pipridae 231 a 233
Pipritidae 242
Platyrinchidae 242
Podicipedidae 94
Psittacidae 193 a 198
Rallidae 128 a 133
Ramphastidae 184 a 185
Recurvirostridae 135
Rhinocryptidae 212 a 214
Rhynchocyclidae 243 a 249
Scleruridae 214
Scolopacidae 136 a 140
Strigidae 173 a 179
Thamnophilidae 199 a 208
Thraupidae 299 a 324
Threskiornithidae 149 a 151
Tinamidae 84 a 86
Tityridae 237 a 240
Trochilidae 118 a 127
Troglodytidae 276
Trogonidae 180 a 181
Turdidae 278 a 280
Tyrannidae 249 a 274
Tytonidae 172
Vireonidae 274 a 275
Xenopidae 220